



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

BRUNA LETÍCIA NUNES VIANA

O QUE SÓ VOCÊ VÊ NA SUA ESCOLA?
ENCONTROS, ALUNXS, CENAS, E...

Campo Grande – MS
2020

BRUNA LETÍCIA NUNES VIANA

O QUE SÓ VOCÊ VÊ NA SUA ESCOLA? ENCONTROS, ALUNXS, CENAS, E...

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (orientador)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Angela Maria Guida
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Filipe Santos Fernandes
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Heloísa da Silva (suplente)
Universidade Estadual de São Paulo

Prof. Dr. Thiago Pedro Pinto (Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, 04 de fevereiro de 2020.

RESUMO

A história se passa em Mato Grosso do Sul (e também bem aí onde você está), no ano de 2019 (mas talvez bem antes), quando uma pesquisadora em formação decide se aventurar em duas escolas da rede básica de ensino: uma escola rural quilombola da rede estadual, Zumbi dos Palmares, em Jaraguari-MS, e uma escola urbana da rede municipal, Padre José Valentim, em Campo Grande-MS. Nessa aventura, a pesquisadora propôs para alunxs dessas escolas (do oitavo e nono ano do ensino fundamental) a produção de vídeos e fotos sobre/d esses lugares-escola, em uma tentativa de estar junto a elxs, em um processo de (re)invenção dos lugares-escola de cada umx, e também a criação de encontroS entre xs alunxs dessas duas escolas, em que estxs poderiam perguntar, a partir das produções imagéticas e fílmicas desses lugares-escola, o que quisessem sobre os lugares-escola dxs outrxs. Assim, do mesmo modo como em passos de uma dança vertiginosa, essa história apresenta alguns vacilos, incluindo fissuras de verdades, que vão acontecendo (também) conforme a pesquisadora produz significado para algumas coisas, como os pensares/fazeres/saberes decoloniais que perpassam sua aventura, e que a ajuda a estar com estxs alunxs para além de uma lógica branca, cristã, masculina, eurocêntrica, etc., e permite que ela enxergue sinta algumas das verdades que elxs têm para contar.

Palavras-chave: lugares-escola; decolonialidade; modelo dos campos semânticos; educação matemática.

ABSTRACT

The story takes place in Mato Grosso do Sul (also right there where you are), the year is 2019 (but perhaps way before that) when a researcher in training decides begin an adventure into two primary schools: the escola rural quilombola Zumbi dos Palmares, in Jaraguari-MS and escola urbana Padre José Valentim, in Campo Grande-MS. In this adventure she proposed the students of these two schools interactions by composing questions and answers based on the exchange of some videos and photos that were made about and from their school-places. These imagery and film productions were built in an attempt by the researcher to be together with these students in a process of (re)inventing the school-places of each one. Thus, as in steps of a vertiginous dance, this story presents (and intends to provoke) some vacillations, including cracks in truths, that are happening as the researcher produces meaning for some things that permeate her adventure, such as decolonial thinking / doing / knowledge that help her to be with these students beyond white, christian, male, eurocentric logic, etc., allowing her to see / feel some of the truths they have to tell.

Key-words: school-places; decoloniality; model of semantic fields; mathematics education.

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA



Pode conter violências epistêmicas e epidérmicas;

Conteúdos violentos e vertiginosos;

Mortes Fissuras de verdades.

**Recomendada para quem
deseja ir a alguns lugares novos**

É sugerido que aqueles que se disporem a lê-la, também estejam dispostos a se deixar duvidar e praticar o exercício de tentar olhar/pensar/sentir a partir de outras, seja essas outras a pesquisadora, ou demais participantes da pesquisa.

O QUE SÓ VOCÊ VÊ NA SUA ESCOLA? ENCONTROS, ALUNXS, CENAS, E...

EPISÓDIOS

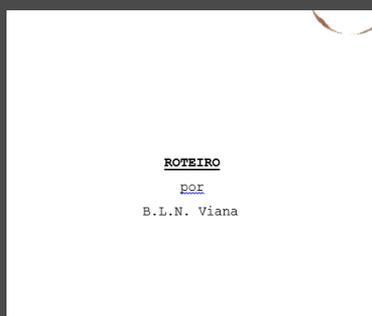
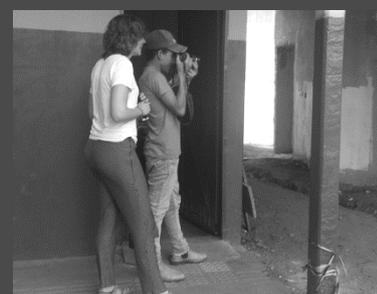


1. *Convide aos Encontros*.....07

Ajudando encaixotar coisas algumas coisas para mudança, Bruna encontra uma carta de mais de 40 anos nas coisas de sua mãe, e isso faz com que repense algumas coisas de sua vida.

2. BASTIDORES.....12

Ao lembrar algumas cenas de um passado-presente-futuro, Bruna inicia uma viagem vertiginosa que afetará todo o seu trabalho, procurando responder à pergunta: como os bastidores de um filme, que nem sempre são vistos pelxs espectadorxs, interferem na sua produção?



3. ROTEIRO.....41

A fotografia e o cinema atravessam o enredo, depois de muitos encontros inusitados. O barulho do silêncio de uma noite que deveria ser apenas uma noite qualquer, embala a escrita de um roteiro, que propõe produzir e ser produzido por dois lugares-escola.

4. E...EXPERIMENTAÇÃO.....57

Experimentar não é fazer qualquer coisa. Experimentar é se permitir, é tentar. Em uma tentativa de compartilhar afetações, Bruna produz algumas cenas com relatos de encontros que compõe sua dissertação.

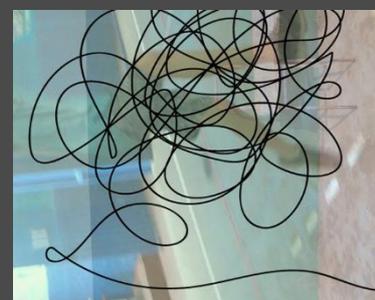


5. ENCONTROS (COM) OUTRXS..... 111

O quanto de pergunta cabe ao tentar encontrar-se com x outrx? O quanto de encontro cabe em uma pergunta? Dois vídeos trazem a resposta.

6. FIOS DA MEADA.....113

No último episódio, Bruna evidencia algumas perigosas linhas que atravessaram (e foram atravessadas por) episódios anteriores, e deixa uma proposta.



BASEADA EM FOTOS REAIS-INVENTADAS

Todas as fotos que *compõem* essa dissertação foram tiradas pelxs alunxs, pesquisadora e/ou colaboradorxs, em nossas experimentações.

Vista Cansada

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez. Pela última ou pela primeira vez? Pela primeira vez foi outro escritor quem disse. Essa ideia de olhar pela última vez tem algo de deprimente. Olhar de despedida, de quem não crê que a vida continua, não admira que o Hemingway tenha acabado como acabou.

Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver, disse o poeta. Um poeta é só isto: um certo modo de ver. O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não-vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio.

Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.

Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

Uma criança vê o que o adulto não vê. Tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo. O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de fato, ninguém vê. Há pai que nunca viu o próprio filho. Marido que nunca viu a própria mulher, isso existe às pampas. Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos. É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença.

Otto Lara Resende, 1992 por Angela Guida.



1. Convite aos Encontros

Querídx leitorx,

Estive pensando ultimamente sobre alguns tempos passados, em especial sobre como era difícil a comunicação antes da internet. Comecei a pensar sobre isso porque estava de mudança, ajudando minha mãe a encaixotar suas coisas, quando ela encontrou uma caixinha de recordações, com cartas antigas e objetos de sua época de adolescente. Dentre essas cartas antigas, uma com um colorido um tanto vivo, para um papel de quase 40 anos me chamou atenção: era uma carta com de Marcínha para Marla, apelido de minha mãe, Marlene. Marcínha morava em uma cidade próxima a de minha mãe, no interior do estado de Goiás, e ela contava na carta sobre um baile anual que ia acontecer no final do ano em que seria eleita a princesa. Na carta ela contava suas expectativas com relação às pessoas que iriam à festa e as coisas que poderia acontecer no “grande dia”. No final da carta, tinha o seguinte pedido:

...Por isso gostaria de te pedir aquele vestido de veludo brocado, com a manga bufante com uns franzidinhos, e que tem uma barra em diagonal, que começa no quadril e vai até um pouco abaixo do joelho, formando uma saia bem rodada com uns tules por baixo, e bem colado na parte de cima, com decote de princesa. Se eu bem me lembro o corpo e mangas era puxado pro azul safira e na saia chegava quase a um preto, e você estava usando ele na festa de debutante de Maríza, e eu inclusive te disse que qualquer dia desses ia te pedir emprestado, já que você me disse que ele tinha ajuste na lateral, e que seria fácil a mãe apertar para mim...

Achei engraçado a minuciosidade na descrição do vestido, visto que agora o mesmo pedido seria muito mais simples: bastava Marcia mandar uma mensagem para minha mãe, por qualquer rede social, dizendo que gostaria de um vestido emprestado para o baile da cidade, e pedir as fotos dos vestidos que ela tinha disponível, o que inclusive lhe traria mais opções; ou então encontrar alguma foto que tivesse postado em alguma rede social, usando o vestido, e perguntar se poderia lhe emprestar. Fui então mostrar à minha mãe a carta que eu havia encontrado e ela a releu, sorridente. E logo foi me dando explicações que eu não pedira:

...naquela época usávamos muito as cartas, principalmente Marcinha e eu. Ela era minha vizinha, e crescemos juntas, até que seu pai se mudou pra outra cidade, que ainda era pertinho de Mozarlândia. Não era tão fácil quanto hoje, que tem whatsapp. Tínhamos que escrever uma carta, enviar, esperar dias para ser entregue ao destinatário, e depois esperar mais um par de dias pela resposta. Inclusive por isso que as cartas eram “grandes” assim, já que a gente tentava dar o máximo de explicações possíveis de uma só vez, tanto para economizar dinheiro, quanto para economizar tempo. Imagina só se eu não entendesse de qual vestido se tratava, e tivesse que mandar uma outra carta confirmando... Até que eu respondesse e ela me respondesse de volta, levaria muito tempo e ela poderia perder o baile... Mas até que era legal escolher os selos...

Fiquei pensando sobre isso por dias, incomodada... Primeiro pensei no vestido e em seus detalhes, e sobre como, mesmo sem nunca vê-lo, uma imagem dele estava fixa em minha cabeça. Pensei também que não seria capaz de descrever um vestido daquela maneira. Até me coloquei em exercício de tentar fazer isso

com algumas peças de meu guarda-roupa, mas o mais longe que cheguei foi uma combinação de: nome da peça + cor. Além disso, fiquei imaginando como era esse exercício: enviar uma carta, tentando antecipar possíveis dúvidas sobre o que está escrito e esclarecê-las, antes mesmo delas acontecerem, ou seja, pensar sobre o que o interlocutor pensaria.

Tudo isso de certa forma se perdeu com a agilidade e “facilidade” que nós temos hoje em trocas de mensagens. Por fim, indaguei-me se trocar cartas era assim tão ruim quanto eu imaginava, antes de pensar sobre essas coisas. Foi então que minha certeza vacilou... penso que ela foi, junto a mim, ao baile de minha mãe, movimentar-se como quem dança, e de tanto dançar se fez vertigem, duvidou.

Notei, com isso, que havia uma espécie de fronteira entre mim e as coisas que a modernidade não é capaz de noticiar que, neste caso, assume a forma dos outros meios de comunicação utilizados antes da internet, e até mesmo um olhar para coisas do passado. A partir de meus questionamentos, essa fronteira, que antes era invisível (eu sequer havia pensado sobre a existência desses meios), passou a existir, deixando de fora dela a carta já que para mim era apenas um meio ultrapassado de comunicação. No processo de tentar entender como era o processo de escrita de cartas e as lógicas que o perpassavam, em um olhar mais cuidadoso do que simplesmente dizer que “estava ultrapassada”, surgiram fissuras, abalos em minhas fronteiras e, com isso, outros olhares, como por exemplo a potencialidade descritiva que uma carta demanda.

Assim, comparar, as cartas com o whatsapp, por exemplo, é um caminho possível, e para isso posso me utilizar de binômios como

mais fácil/mais difícil, melhor/pior, bom/ruim, etc. Mas se eu quero ver uma infinidade de coisas outras que vão para além dessas classificações, binarismos, preciso tentar, por exemplo, operar como alguém que escreve uma carta opera, como nesse exercício que descrevi acima.

Há quem opte por comparar, sempre um caminho mais direto e problemático, sem muito cuidado aos detalhes. Porém, nessa dissertação, ou melhor, nesses meus rascunhos em que invento e sou inventada, que produzo e sou produzida, tentei me colocar em um “exercício do comparar”: estar com; produzir com, inventar com... ao invés de um caminho da (com)paração, valoração; como o das cartas vs mensagens de whatsapp.

Neste exercício de “produzir com” (“sendo” produzida), pergunto-me: quais certezas possuo e que ainda não vacilaram? Em meio aos meus caminhos de encontros e desencontros no processo de invenção dessa dissertação, me coloquei em um exercício de tentar perceber algumas certezas indubitáveis e fazê-las vacilar. Vale lembrar que esse processo nem sempre foi muito tranquilo e que essa linearidade que meus dedos, meu teclado e a tela de meu computador me impõe, apenas escamoteia minhas angústias, medos, incertezas...

Pois bem, carx leitorx. Te convido para fazer dessa dissertação um espaço no qual suas certezas possam, talvez, vacilar, em uma dança a 2, a 3 ou a quantos quiser. Talvez, possamos, vertiginosamente, produzir (e sermos produzidos em) encontros (com) outrxs. Vem comigo?!

2. BASTIDORES



Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido.
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Oswald de Andrade por Filipe Fernandes

Em qual momento comecei a me relacionar com meu objeto de pesquisa? (*espera um pouco: será mesmo que faz sentido falar em objeto de pesquisa para meus vacilos?*) Bom, começo esse texto com essa pergunta, uma das primeiras que me foi feita quando entrei no mestrado, em março de 2018, na disciplina Metodologia de Pesquisa. Fiquei pensando sobre isso, incomodada, e tive que dar uma resposta, em um documento com três páginas, para compor a avaliação dessa disciplina. Volto à ela pois, apesar de naquele momento eu ter respondido, essa pergunta ainda me incomoda. Seria nas aulas e disciplinas que cursei? Não seria nos momentos de descontração (?). Durante as leituras de textos e artigos, muitas vezes de disciplinas que eu acreditava não me ajudar em nada? Ou espremida na porta de um ônibus lotado, a caminho da faculdade? Minha necessidade de ter/dar respostas às perguntas, grita: também. É também em todos esses momentos, em que me pego pensando sobre como se deu o meu interesse em pesquisar com/entre lugares-escolas que me relaciono com meus cenários de pesquisa (*é, acho que cenários de pesquisa me cai melhor*). O máximo que consigo é eleger, aqui e agora (agora este que pode ter, por enquanto, a duração de 1 ano e meio de um tempo cronológico), alguns marcos que eu considero terem relações, não lineares, que inventam e misturam momentos de um passado-presente-futuro.

Antes disso, gostaria de pontuar que um dos primeiros incômodos na pergunta foi a palavra “objeto” de pesquisa. Não havia (e ainda não há) um objeto a ser pesquisado, mas sim cenários de pesquisa, em que alguns vacilos se produzem.

Mas o que é isso de lugares-escola?

**Experimente pensar nas
escolas em que você estudou
ao longo da vida. Se quiser,
você também pode fechar os
olhos e ir visitá-las!**



Eu estudei, da pré-escola até o terceiro ano do ensino médio, em uma única escola (*será? Talvez foram várias escolas. Ou vários lugares e uma escola? Por enquanto eu posso dizer que era uma escola de um mesmo nome*). Quando fiz o exercício acima, muitas coisas me vieram à cabeça: o caminho que eu fazia todos os dias para chegar até ela; xs tantxs amigxs que tive, e sobre como chegar ali significava ficar junto a elxs; as aulas que eu mais gostava, como a aula de biologia em que a gente aprendia sobre o corpo-humano, seus sistemas, órgãos, músculos, ossos, ou quando fui ao laboratório ver uma réplica de um esqueleto em tamanho real; xs professorxs que sempre me chamavam atenção por excesso de conversa durante as aulas; o hino nacional que cantávamos, três vezes na semana; a noite do pijama que a escola promovia todo ano, para xs mais novxs, e que era o evento mais aguardado por mim em minha infância; a extensa avaliação semanal que eu tinha que fazer quando estava no ensino médio; os esportes que eu sempre pratiquei depois da aula, que era o momento que eu podia conhecer as alunas de outras salas (sempre meninas, já que todas as modalidades de esportes eram divididas em treinos masculinos e femininos); o bloco 4, que era o lugar que ficava mais vazio no período vespertino (horário que estudei até o 9º ano), e que eu sempre ia com xs amigos e amigas para contarmos algum segredo; o meu primeiro beijo, atrás do ginásio, morrendo de medo de ser pega pelos inspetores que ficavam nos vigiando no recreio; o cheiro de apostila nova que ficava na sala, todo bimestre, quando chegavam os novos materiais; quando menstruei pela primeira vez, e, ao chegar na escola, ter a sensação de que todxs estavam me olhando ou julgando; o tempo curtíssimo de recreio que, quando a conversa estava boa, passava em um piscar de olhos, mas quando tinha algum trabalho para apresentar na aula seguinte, se arrastava como se houvesse um ano inteiro dentro daqueles minutos; a festa junina e toda a sua preparação para ela, que incluía a escolha da roupa, o ensaio da dança, e a escolha do par, que era sempre motivo de preocupação para mim; a copa do mundo de futebol masculino, de 2002, quando assistimos a muitos jogos no horário da aula; a minha obrigação, como aluna que recebia bolsa de estudos, de nunca poder tirar notas baixas; a minha mãe que, quando eu era menor, sempre ia me buscar uns minutinhos a mais depois que a aula acabava, para eu ficar esses minutinhos conversando; e...

Quando penso em escola, penso em muitas coisas, como estas cenas, que vêm, em frações de segundos, misturadas, no meu corpo. Cenas que são minhas,

ainda que eu pense, na maioria delas, em mais alguém contracenando comigo, ou em pessoas contracenando entre si. Cenas que pulam os muros que cercam a escola, e escapam das paredes das salas, dos conteúdos que fizeram parte do meu currículo, do ensino e da aprendizagem. Cenas que que tinham cabimento, constituíam *lugares*. Cenas que me parecem fugidias demais para a palavra escola (*talvez por todas as cercas que eu construí em torno dessa palavra ao longo da vida*), e que, por inaugurar um lugar meu, em que todas elas, e muitas outras, existem, constituem lugares-escola.

Mas esse conceito, lugares-escola, veio de um encontro meu com um o professor Wenceslao de Oliveira Junior, o qual também deu algumas outras contribuições, as quais eu relato mais detalhadamente em ROTEIRO. Sendo assim, o que eu descrevi acima é uma produção minha *com* esse conceito.

Nessa pesquisa, foram produzidos lugares-escola junto com adolescentes, do oitavo e nono ano na Escola Estadual Zumbi dos Palmares, e do nono ano na Escola Municipal Padre José Valentin. A primeira é uma escola rural da comunidade quilombola Furnas do Dionísio, localizada no município de Jaraguari-MS, e a segunda é uma escola urbana do município de Campo Grande-MS.

Voltando ao que chamei de “marcos em minha relação com meus cenários de pesquisa”, no final de 2013, durante o meu quarto semestre de graduação, cursei duas disciplinas optativas, oferecidas no curso de Pedagogia, para compor minha grade curricular. Foram elas: “Educação e Diversidade” e “Violência contra crianças e adolescentes e o papel das instituições educativas”.

Ao realizar estas escolhas (*ledo engano achar que escolho alguma coisa...mas vou fingir, talvez essa ainda é uma verdade a vacilar. Escolhas? Sintomas? Pensamentos que ficarão para um momento futuro...*), atentei-me ao fato de que estes assuntos eram pouco (ou nada) discutidos nas disciplinas obrigatórias de minha grade curricular, tanto nas que eu tinha feito até então, quanto as que ainda estavam por vir. Ao ler as ementas, me deparei com termos que até então eu desconhecia: *alteridade*, *estigma*, entre outros.

Durante estas disciplinas, discuti a relação de Outrxs com a sociedade, olhando para vários vieses da vida, como educacionais, religiosos, jurídicos, psicológicos, dentre outros; e ainda assim pude perceber que quase nada sabia sobre estas relações, sequer sabia da existência muitxs Outrxs, xs quais foram existindo para mim na medida em que discutíamos durante as aulas.

Então, outra disciplina foi acrescentada em minha grade curricular de graduação: “Educação das relações étnico-raciais”. Lembro-me que esta disciplina procurou abordar duas questões centrais: educação quilombola e educação indígena. Uma discussão que ocorreu durante essa disciplina que ainda é bem viva em minha memória foi sobre a menstruação das mulheres Araweté. Como a disciplina envolvia alunas e alunos de diversos cursos, um aluno de Biologia-Licenciatura, trouxe para as nossas discussões um *mito* que era ensinado às mulheres da comunidade, que explicava o porquê delas menstruarem. Trago um excerto de uma pesquisa sobre as mulheres dessa comunidade, que não foi o mesmo usado por meu colega naquele dia, mas que explica algo semelhante ao que ele nos trouxe.

[...] a mulher tem relações sexuais durante todo o mês, até que Jahi, o Lua, aparece “na lua certinha” da mulher, sempre no mesmo período lunar, e “faz descer” matéria acumulada em seu ventre.

[...] todos os meses o astro (Jahi) aparece para as mulheres, mesmo que elas não se lembrem, e faz sexo com elas. “Ele também tem hakuĩ hatĩ [“pênis duro”] igual ao homem. Quando namora imotome [“faz mole”], vai amansar”. Mas o pênis de Lua tem uma característica específica: ele é descomunal, e acaba machucando a sua vítima: konomi apa-hã ujaikã, “o útero se quebra”. Segundo algumas versões, é isto que provoca o sangramento. Segundo outras, é apenas o sexo com ele que tem esta capacidade de mo-eji, “fazer descer” o sangue acumulado no interior da mulher. (CAUX, 2018, p. 9-10)

Após expor esse *mito*, o aluno fez um questionamento que ia na seguinte direção:

- Como vou ensinar para alunos indígenas que a menstruação é proveniente de uma relação sexual com a lua, sabendo que a verdade não é essa? Todos aqui sabem que a mulher menstrua todo mês porque seu útero se prepara para a fecundação, recebendo os óvulos que, quando não fecundados, são eliminados por meio da menstruação, que é predominantemente proveniente da descamação do útero.

Fez todo sentido, a verdade não era essa. Fiquei pensando, com enorme indignação: *que escola era essa que ensinava essas coisas aos alunos?* Era um absurdo alguém acreditar nisso, e pior ainda, ensinar isso em uma escola. Foi então que alguém respondeu:

- Pois é, eu também não consigo entender. Eu fico chocada quando essas coisas acontecem. Esses dias eu fui dar aula em uma escola que ensina pros alunos que tudo começou com o homem, que nasceu do

sopro do barro, e que da sua costela foi feita a mulher. Essa mulher então comeu um fruto proibido e o caos se instalou no mundo todo, e então, mais adiante na história, como parte desse **mito**, para nos salvar do caos, diziam haver a possibilidade de existir um homem que viria para a terra para salvar a humanidade que, pasmem, nasceu de uma mulher virgem. Foi muito difícil para mim ouvir tudo aquilo, afinal, todos aqui sabemos que uma gravidez acontece a partir da fecundação de um óvulo e um espermatozóide, e que isso não acontece sem o sexo.

Lembro-me do incômodo que este comentário gerou. Dois alunos se retiraram de sala após ouvir a aluna contando sobre o tal mito. Porém, o que mais me recordo foi como esse mito me impactou. Foi certamente um incômodo vertiginoso, que *doeu nas tripas*, como um certo orientador sempre gosta de dizer (*ou um certo desorientador, apenas para demarcar*).

Fez um enorme rombo (*é, mais que vacilo, bem mais...*) naquilo que eu considerava verdade,

A VERDADE RELIGIOSA

, mas acho que não foi o suficiente para fazê-la desmoronar, não naquele momento.

Não me lembro em qual momento ela ruiu, mas sei que anos depois ela foi completamente abandonada, dando lugar a algo muito mais forte, que já estava presente, mas de forma secundária, e que passou a estruturar minha vida:

A VERDADE CIENTÍFICA

Um dos primeiros golpes que essa verdade sofreu, foi na sala de estar da casa de meu pai, onde eu estava deitada no sofá assistindo a um documentário sobre os planetas do sistema solar. Este documentário falava também sobre a imensidão do universo, sobre como o sol, uma estrela que nem conseguimos olhar, é só mais uma dentre tantas outras espalhadas nas diversas galáxias do cosmos.

Em determinado momento, percebi a presença do meu pai na sala que, após o término do documentário, me disse estar surpreso com uma parte do documentário que ele havia assistido, mais precisamente aquela que falava que o sol era uma

estrela. Para ele, estrelas apareciam apenas à noite. Ele não entendia muito sobre “essas coisas que vocês aprendem na escola”, já que havia cursado apenas até a 4ª série do Ensino Fundamental, o equivalente ao 4º ano primário de sua época. Ele também me disse que gostaria muito de entender e de ter essa “oportunidade única” que eu tivera.

Como reflexo da minha ânsia de dar/ter respostas (*talvez um dos motivos que me levou a escolher/continuar em um curso de licenciatura, e que me trouxe até aqui... e olha só, eu, novamente, ainda acreditando que escolho alguma coisa*), iniciei então a minha explicação:

- Então Pai, no começo era tudo uma mesma coisa que se reuniu em uma pequena bola muito densa, como uma bola de sinuca, que de tão pequena, explodiu e deu origem ao que chamamos de universo. O planeta Terra, que é o nome do nosso mundo, faz parte do sistema solar, que veio dessa explosão.

- Mas então viemos de uma explosão?

- Mais ou menos, porque até surgirmos demorou bilhões de anos.. bem depois que o sistema solar se formou, começaram a existir algumas moléculas nos mares. Até que essas moléculas começaram a se juntar para formar os primeiros organismos, que tinham só uma célula, tipo as bactérias. Alguns desses organismos eram mais sensíveis à luz do que os outros, daí as moléculas que eram menos sensíveis morriam porque ficavam muito perto da superfície da água, já as outras viviam porque iam pro fundo dos mares para se reproduzir. Essa parte que era mais sensível a luz, evoluiu para uma coisa parecida com os nossos olhos, e do mesmo jeito outras partes do corpo dessas criaturas foram evoluindo. Isso, que era parecido com uma bactéria, evoluiu para organismos com mais de uma célula, e uma parte desses organismos se fixaram nos fundos dos mares, dando origem a algumas plantas aquáticas, enquanto outras ficavam à deriva no mar. Essas que ficavam à deriva, evoluíram para os peixes, que evoluíram para os “jacarés” porque em alguns lugares a água secava e esses seres desenvolveram a capacidade de também habitar a terra. Desses animais parecidos com os jacarés, que começaram a habitar a terra, surgiram todos os bichos que conhecemos hoje, incluindo nós.

Depois de praticamente lhe despejar (*ou vomitar mesmo, como preferir*) este monte de informações, esperando que ele entendesse, em cinco minutos, o que eu havia levado anos para assimilar, *em uma escola que eu conheço muito bem*, eu consegui ver um sorriso em seu rosto, irônico, seguido da frase:

Então é isso que vocês aprendem na escola?

Aquela pergunta me tirou o chão, especialmente por que diante de tudo que eu expliquei, percebi que o que eu havia aprendido na escola, não se passava de UMA história sobre as coisas. Tão plausível quanto o “mito” indígena sobre a menstruação, tão possível quanto a história de Adão e Eva.

Eu, que me julgava estar mais próxima da verdade por meio de discursos científicos, me peguei em vertigem, vacilos... Para meu pai, que de inicialmente curioso, passou a total desinteressado, aquilo não passava de uma estória. Foi assim que

A VERDADE CIENTÍFICA

sofreu um ataque. De fato, todos meus treze anos escolares ficaram abalados.

Como abandonar nos escombros a teoria do Big Bang, ou o evolucionismo das espécies, que havia me salvado das *mentiras* da verdade religiosa, que eu levei anos para abandonar? E pior, como abandonar a matemática, uma das mais incríveis linguagens criadas pelo homem, ferramenta imprescindível para a humanidade e todo seu desenvolvimento, que está por trás de todas as coisas, direta ou indiretamente, como o telhado de uma casa com toda sua geometria, ou como o funcionamento do meu celular, com seus algoritmos e cálculos? (*E lá vou eu com minhas verdades, com esse discurso de que a matemática está em tudo; de que ela é importante; ah, lá vou eu, lá vou... pra onde mesmo?*)

A matemática, que era tão cara para mim, junto à outras verdades científicas que para mim eram intocáveis, ainda respiravam embaixo de escombros que aquele abalo deixou. Foi então que em uma disciplina, Educação Matemática e Pensamento Liminar, de meu primeiro semestre mestrado, meus incômodos se ampliaram em algumas noites sem dormir. Quando me deitava em minha cama, ficava pensando sobre o que eu havia lido. Os textos, as discussões, me afetavam profundamente. Não fazia sentido, mas fazia... Não era possível, mas era... Entre negações e afirmações, vacilos e verdades, muitas noites eram também manhãs.

Primeiramente aquele vocabulário: colonialidade, de(s)colonialidade, pensamento liminar, abissal, fronteiriço, desobediência epistêmica, epistemologias do sul... Do que se tratavam essas coisas? Perdi um bom tempo indo ao dicionário atrás de definições e etimologias (*isso é bem clássico para alguém que foi bem ensinada,*

naquela mesma escola que eu dizia antes, a pensar colonialmente), mas vale ressaltar que isso pouco me ajudava.

No decorrer das discussões uma central me perturbou, muito por sinal:
qual a diferença entre decolonialismo e as práticas que ele nos acusa de estar reproduzindo?

Não seria essa uma opção que poderia tornar-se hegemônica no futuro? Perguntas como essas eu fiz questão de fazer para a professora Ângela, responsável pela disciplina, em meu primeiro dia de aula.

(Talvez você que está lendo também não tenha se deparado com estes termos, por isso e também pela minha necessidade de dar explicações vou tentar explicar alguns deles, especialmente porque mais fissuras n

A VERDADE CIENTÍFICA

foram acontecendo, também, conforme eu fui produzindo significados para alguns deles)

A partir dos textos que li para a disciplina e de nossas discussões em sala de aula, entendi que os termos colonialidade e decolonialidade surgem a partir de dois conhecidos termos de (uma) história: colonialismo¹ e descolonialismo. O colonialismo se refere a um momento histórico em que um grupo de indivíduos com determinado tipo de poder (sobretudo poder econômico e militar) exerce o controle sobre um território, contra a vontade daquelas que ali estavam, submetendo xs habitantes desse território a vários tipos de violência durante o processo de colonização. Me recordei do que eu havia aprendido na aula de história sobre a colonização de nosso país, quando os portugueses e espanhóis vieram para cá, trazendo todo o seu conhecimento e tecnologias, que estavam muito a frente daquilo que possuíam xs índixs, até então habitantes das terras que só depois de um tempo passaram a ser chamadas de Brasil, e que em nome desse conhecimento e tecnologias foram

¹ Para um aprofundamento da perspectiva adotada de colonialismo, recomendo a leitura de “Discurso sobre o colonialismo”, escrito por Aimee Cesaire.

dizimadxs. Já o descolonialismo é o processo que “libertou” as colônias e as fez “independentes” de suas matrizes coloniais, embora não as fizessem descolonizadas.

Com isso, o termo colonialidade surge para designar outras formas de colonização, que extrapolam a colonização territorial advinda do colonialismo, e permite falar sobre colonização de outros tantos aspectos, como por exemplo, colonização do saber, da natureza, do ser, dentre outras, as quais estabelecem relações de poder entre colonizadores e colonizados. Eu diria que colonialidade é uma sofisticação do colonialismo: sofisticação no sentido de que é mais difícil de ser percebida, embora aconteça todo *santo dia*, através de discursos presentes em novelas, filmes, vídeos, livros, aulas, e...

Essa sofisticação do colonialismo, a colonialidade, é considerada por Walter Mignolo, um dos autores presentes na disciplina sobre pensamento liminar, como o lado oculto da modernidade², já que, segundo ele, é impossível existir modernidade sem colonialidade. Esta modernidade, citada por ele,

[...] é uma narrativa complexa, cujo ponto de origem foi a Europa, uma narrativa que constrói a civilização ocidental ao celebrar as suas conquistas enquanto esconde, ao mesmo tempo, o seu lado mais escuro, a “colonialidade”. (MIGNOLO, 2017a, p.02).

Isso significa que essa modernidade, que tem por aforismo o cartesiano *Cogito, ergo sum*, período que eu havia aprendido na escola se tratar daquele responsável pelo avanço e progresso, tendo como protagonistas O racional-científico e o secularismo, esconde por trás dessa retórica formas de colonização, sejam elas do ser, do saber, da natureza, da mulher, da sexualidade, da religião, etc. E mais, durante ela, que vinha sendo positivamente apresentada para/por mim através de discursos de progresso, evolução, desenvolvimento, modernização, facilitação (como por exemplo, a utilização de aplicativos de mensagens ao invés...

² Aqui, cabe ressaltar que se o conceito de modernidade se refere única ou fundamentalmente às ideias de novidade, do avançado, do racional-científico, laico, secular, que são as ideias e experiências normalmente associadas a esse conceito, é necessário admitir que é um fenômeno possível em todas as culturas e em todas as épocas históricas. (QUIJANO, 2005)

Experimente olhar essas fotos por pouco mais de 30 segundos

Olhar. Muito mais que olhar é ver. Ver é um exercício.

Angela Guida



3

Olhar. Muito mais que olhar é ver. Ver é um exercício.

Angela Guida

³ Fotos retiradas do site: <https://liubolinstudio.com/fine-arts/>

... de cartas), e sustentada por um único tipo de economia, o capitalismo, foi criado, no final do século XX, o conceito de globalização⁴.

Lembro-me da primeira vez que o professor de geografia de minha escola ensinou para turma sobre a globalização, dizendo que se tratava de um processo responsável por quebrar fronteiras físicas, possibilitando conexões entre os países, assim como integração econômica, social, cultural, política e uma melhora nos padrões de vida de todos os países, e para isso conta com uma ferramenta fundamental: a internet e a digitalização (*nossa, que fala bonita né. Parece que até pode ser verdade científica*). A fala daquele professor, pode ser ilustrada pelo excerto abaixo de um relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD).

As tecnologias digitais já transformaram o modo como as pessoas se comunicam, aprendem, trabalham e compram. Elas também estão alterando a geografia da atividade econômica, devido ao seu impacto na estratégia corporativa, comportamento dos investidores e fluxos de comércio. Do ponto de vista do desenvolvimento, espera-se que a digitalização abra novos setores de atividade, promova novos mercados, impulse a inovação e gere os aumentos de produtividade necessários para elevar o padrão de vida nos países em desenvolvimento. (UNCTAD, 2018, p. 79, tradução minha)⁵

A obviedade dessa face benevolente da globalização requer uma pausa. Como assinalei no CONVITE AO ENCONTRO, reconhecia a internet como responsável pela troca de rápida de ideias e informações entre todos, permitindo o acesso destes mesmos todos a acontecimentos do mundo inteiro, mas quem são esses *todos*? Em uma pesquisa no site da União Internacional de Telecomunicações (ITU), agência das Organizações das Nações Unidas (ONU) especializada em tecnologias de informação e comunicação, encontrei que 53,6% da população mundial tem acesso à internet.

⁴ A globalização não é um fenômeno recente, como argumenta Stuart Hall em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”. Segundo ele, a modernidade é por si só globalizante e o próprio capitalismo necessita de elementos que vão além das fronteiras entre nações. Entretanto, acredita-se que o termo globalização tenha surgido na segunda metade do século XX, e vem sendo usado com mais frequência desde então.

⁵ Las tecnologías digitales ya han transformado la manera en que las personas se comunican, aprenden, trabajan y compran. También están alterando la geografía de la actividad económica, debido a su impacto en la estrategia corporativa, el comportamiento de los inversores y los flujos comerciales. Desde la perspectiva del desarrollo, se augura que la digitalización abrirá nuevos sectores de actividad, promoverá nuevos mercados, impulsará la innovación y generará los aumentos de productividad necesarios para elevar el nivel de vida en los países en desarrollo.

Mas também encontrei que no continente Africano, por exemplo, este acesso corresponde a apenas 28,2% da população (ITU, 2019).

Onde estão, nesses 53,6% (*que por si só significa pouco mais da metade da população mundial, diga-se de passagem, para uma boa professora de matemática*), a porcentagem de mulheres, de negros, de índios, de pobres, ...? Questões que começam, usando-me de um termo tão querido de história, a iluminar (*mais um de meus vacilos e verdades*), na escuridão da modernidade, o rosto daqueles que se dizem *todos*, e também a jogar mais alguns tijolos sobre

A VERDADE CIENTÍFICA

É inegável que a globalização permitiu que alguns países estreitassem suas relações, assim como a internet permitiu o acesso de algumas pessoas a informações que antes não poderiam obter. Entretanto, enfatizar essa face benevolente sem mencionar um outro lado, é um “esquecimento” no mínimo leviano. Este esquecimento não é o esquecimento de quem não se lembra, mas sim o esquecimento de quem não quer se lembrar, afinal, quem desejaria lembrar que por trás destes discursos está a *descartabilidade da vida*⁶? Ou, mais incisivamente,

DE QUE COR É A MÃO QUE ESCRIVE A NARRATIVA NA QUAL OS PROTAGONISTAS SÃO EXTERMINADOS NO FINAL?⁷

Esta mão que escreve narrativas que descartam a vida, agora voltando-me para a vida humana, está também relacionada à objetificação dessa vida, que a modernidade eurocêntrica e o capitalismo exigem, em que vida passou a ser considerada como simples mercadoria dentro da lógica de mercado estabelecida, e para exemplificar posso citar o bem visível tráfico de escravxs no período colonial, mas também os não tão visíveis e atuais ~~talvez de quem não quer ver~~ trabalhos escravos em diversos países do mundo, incluindo o Brasil. Sendo assim,

[...] ocultadas por trás da retórica da modernidade, práticas econômicas dispensavam vidas humanas, e o conhecimento justificava o racismo e a inferioridade de vidas humanas, que eram

⁶ Walter Mignolo (2017a) utiliza o termo *descartabilidade da vida humana*. Acredito que nesta dissertação seja mais sensível para nós a questão humana desta descartabilidade, entretanto deixar de mencionar outras formas de descartabilidade, como a de rios, florestas e de outros animais, é preocupante.

⁷ Trecho do poema “Máscaras Brancas” de Heleine Fernandes, retirado de: <<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/cinco-poemas-de-heleine-fernandes-317647083f6>>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

naturalmente consideradas dispensáveis. (MIGNOLO, 2017a, p.04).

Mas a intenção não é eleger a modernidade como vilã desta (uma) história, até porque antes de culpar um marco histórico, é preciso reconhecer que todo marco histórico ou temporal, como a modernidade, não é nada além de processos, com vieses econômicos e políticos, criados por e para atender as necessidades de alguns. Qual lugar da modernidade ocupa, por exemplo, as mulheres, os negros, algumas tribos indígenas, dentre tantos outros que não são sequer lembrados? E qual o papel da escola nesse cenário, uma vez que ela é responsável pela formação de todos esses sujeitos?

Perguntas como essas deixaram

A VERDADE CIENTÍFICA

tão pequena, que a este ponto era difícil ver os tijolos sob os quais ela se sustentava, mas alguma coisa dela ainda era possível ver.

Elas também me fazem refletir que ao mesmo tempo que a modernidade pode ser caracterizada pela quebra de algumas fronteiras e pelo o que é considerado por alguns como progresso, ela também pode ser caracterizada por criar e reafirmar fronteiras que delimitam o lugar do colonizado e do colonizador, e que estão presentes nos mais diversos lugares e esferas da vida, inclusive na escola.

Boaventura Souza Santos (2009) denomina essa criação de fronteiras, oriundas da modernidade ocidental, como *pensamento abissal moderno ocidental*⁸, que, segundo ele,

Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo 'deste lado da linha' e o universo 'do outro lado da linha'. (SANTOS, 2009, p.23).

Essas linhas radicais que fundamentam o pensamento abissal moderno ocidental, as quais eu chamo de fronteiras, não são estabelecidas de forma arbitrária,

⁸ A escolha por pensamento abissal moderno ocidental, e não apenas pensamento abissal foi feita pois, segundo Santos (2009), este tipo de pensamento não é exclusivo moderno ocidental. É provável que existam outras formas de pensamento abissal fora do Ocidente, o que careceria de uma pesquisa mais detalhada e por isso não serão discutidas aqui.

e embora pudessem estar inicialmente associadas a uma localização geográfica, não necessariamente ainda estão.

Um exemplo de fronteiras que ainda estão associadas a um lugar geográfico é o sul global delimitado pela linha do equador. Salvo algumas raras exceções, Austrália e Nova Zelândia (ah, e como pensar a China?), os países que ocupam o hemisfério sul são considerados como países de Segundo e Terceiro Mundo, ou seja, países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento que devem, caso queiram ser reconhecidos por aqueles que se situam no topo desta linha, almejar o tão sonhado status de países desenvolvidos. Os critérios utilizados para a classificação de países desenvolvidos (Primeiro Mundo), em desenvolvimento (Segundo Mundo) e subdesenvolvidos (Terceiro Mundo) são, segundo o Fundo Monetário Internacional, critérios econômicos e de “desenvolvimento humano”, que quantificam, por exemplo, aspectos como a saúde e a educação dos países. Apesar dessa classificação ser frequentemente utilizada, e os órgãos responsáveis por essa classificação, como Fundo Monetário Internacional e a Organização das Nações Unidas, serem reconhecidos por muitos como organizações mundiais, é prudente questionar os critérios de classificação por eles adotados. Como, a partir de uma perspectiva ocidental de educação, é atribuído um valor para sistemas educacionais não obedeçam a esta mesma perspectiva? Apesar deste exemplo, acredito que não seja possível falar sobre uma sobreposição total do norte em relação ao sul, e não estou falando apenas destes países considerados de primeiro mundo que pertencem ao sul global. Justifico essa crença com base nos diversos grupos sociais existentes tanto no norte geográfico, quanto no sul: do mesmo modo que mulheres, negros, indígenas, trabalhadores, ..., e todas as interseções destes grupos, também habitam o norte global, há aqui, no sul geográfico, grupos de pessoas que exercem dominação sobre alguns grupos sociais, como os citados. (SANTOS, 2009)

Dentre as fronteiras criadas pelo pensamento abissal moderno e ocidental, quatro merecem destaque, quais sejam: a fronteira do poder, do ser, do saber e da natureza. Segundo Walsh (2007), essas quatro fronteiras (ou colonialidades, já que uma vez que existe a fronteira, há, portanto, relações de poder que delimitam quem está dentro e fora dela) são responsáveis por criar e reafirmar tantas outras.

Dentro da colonialidade, podemos distinguir quatro esferas ou dimensões de operação que, a partir de suas articulações, contribuem para manter a diferença colonial e a subalternização. A primeira [...] chama-se colonialidade do poder [...].

[...] a segunda dimensão é a da colonialidade do saber [...].
 [...] a terceira dimensão de carácter ontológico, a colonialidade do ser [...].
 [...] a quarta dimensão da colonialidade (não identificada ou considerada por Quijano), a qual me refiro aqui como a colonialidade da natureza. (WALSH, 2007, p.104-106, tradução minha)⁹

A primeira fronteira que merece destaque é a fronteira do poder. O conceito de colonialidade do poder, criado por Aníbal Quijano (2005), descreve como se dão as relações de poder entre colonizadores (quem pertence ao lado de dentro da fronteira) e colonizadxs (quem está do lado de fora da fronteira), que estão centradas na criação moderna e colonial do Outro. Esta criação não está relacionada à diferenciação entre o “eu” e “aqueix que não sou eu”, uma possível utilização da palavra outro, mas sim em uma lógica de objetificação (colonial) do Outro.

De acordo com Quijano (2005), um dos eixos fundamentais deste padrão de poder, o capitalismo moderno/colonial e eurocentrado, é a criação da ideia de raça, e a classificação da população mundial segundo esta ideia que, embora seja um construto social, vem sendo atribuída às estruturas biológicas que “naturalmente” colocam alguns em situação de inferioridade frente a outros.

O atual padrão de poder mundial acima mencionado, é o primeiro que pode ser considerado global do que conhecemos da (uma) história, e vem se mostrando eficaz, pois,

[...] dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (QUIJANO, 2005, p. 118).

Ligada a uma forma de poder está a criação de fronteiras do saber. Estas delimitam o que é considerado conhecimento e, portanto, tudo aquilo que está do lado

⁹ Dentro de la colonialidad podemos distinguir cuatro esferas o dimensiones de operación que, a partir de su articulación, contribuyen a mantener la diferencia colonial y la subalternización. La primera [...] ha llamado la colonialidad del poder [...]. [...] la segunda dimensión es la de la colonialidad del saber [...]. [...] tercera dimensión de carácter ontológico, la colonialidad del ser [...]. [...] la cuarta dimensión de la colonialidad (no identificada o considerada por Quijano), la que refiero aquí como la colonialidad de la naturaleza.

de fora desta fronteira é uma forma inferior e/ou primitiva de conhecimento. Assim se estabelece

O eurocentrismo como uma perspectiva única de conhecimento, que descarta a existência e viabilidade de outras racionalidades epistêmicas e outros conhecimentos que não são os de homens brancos europeus ou europeizados. Esta colonialidade do saber é particularmente evidente no sistema educativo (desde a escola até a universidade), onde se exaltam o conhecimento e a ciência europeus como o marco científico-acadêmico-intelectual. (WALSH, 2008, p.137 *apud* SANTOS, 2009, p. 484, tradução minha).¹⁰

Não é difícil perceber as marcações desta fronteira, especialmente em meu estado, Mato Grosso do Sul, que apesar de concentrar boa parte da população indígena do país, não traz nas escolas (salvo algumas exceções) elementos culturais de tribos indígenas, como os Guaranis, Terenas, Chamacocos, Guatós, Ofaiés, Quinquinaus e Cadiueus. Este fato salienta a falácia que os saberes produzidos em comunidades indígenas são subalternos e primitivos, e que sequer são dignos de serem estudados por quem habita o lado de dentro desta linha.

Habitar o lado de dentro da fronteira eurocêntrica do conhecimento tem concedido por/para alguns o *status* de Deus, e isto não é uma hipérbole. Este status vem sendo garantido na medida que estes se consideram detentores “da (única) verdade”, aliás, o julgamento do que é ou não verdadeiro já não é por si só tarefa para um Deus?

Será que xs próprios professorxs (e também pesquisadores) não se colocam nesta posição ao não ouvirem o que o aluno ou aluna tem a dizer ou entenderem seus modos de produção de significado, julgando que não possuem importância ou relevância para o contexto escolar? A própria escrita, que é preferida por muitos destes professores ao invés da oralidade, não é também uma forma de privilégio de um conhecimento ocidental?

Decidir quem está apto a contribuir para esse saber hegemônico imposto pela sociedade moderna é o que enfatiza a violência contra x Outrx, e que determina quais vidas “merecem” estar do lado de dentro das fronteiras do ser.

¹⁰ El eurocentrismo como la perspectiva única del conocimiento, la que descarta la existencia y viabilidad de otras racionalidades epistémicas y otros conocimientos que no sean los de los hombres blancos europeos o europeizados. Esta colonialidad del saber es particularmente evidente en el sistema educativo (desde la escuela hasta la universidad) donde se eleva el conocimiento y la ciencia europeos como el marco científico- académico-intelectual. También se evidencia en el mismo modelo eurocentrista de Estado-nación, modelo foráneo que define a partir de una sola lógica y modo de conocer y bajo conceptos impuestos y poco afines con la realidad y pluralidad diversas sudamericanas.

Estas pessoas são responsáveis por impor seus modos de ser/agir/pensar sobre aqueles que estão do lado de fora, xs Outrxs, exercendo um certo tipo de controle sobre elxs, o que faz com que xs subalternxs vivam

[...] dominados, sem esperança, com suas vidas em perigo constante, sem utopia, sem futuro. A modernidade se consolida como paradigma da guerra, da violência, principalmente quando o Outro é descartável, um mero objeto de domínio, “recurso” ou “capital”, uma “coisa” a ser possuída, apropriada, explorada. (SILVA, 2017, p.487, tradução minha)¹¹

Esta violência contra o Outro, ou seja, a colonialidade do ser, pode ser considerada como uma forma de genocídio humano, em prol dos discursos de modernidade. Ou,

De forma mais ampla, parece que a modernidade ocidental só poderá expandir-se globalmente na medida em que viole todos os princípios sobre os quais fez assentar a legitimidade histórica do paradigma da regulação/emancipação deste lado da linha. Direitos humanos são desta forma violados para poderem ser defendidos, a democracia é destruída para garantir a sua salvaguarda, a vida é eliminada em nome da sua preservação. Linhas abissais são traçadas tanto no sentido literal como metafórico. No sentido literal, estas são as linhas que definem as fronteiras como vedações e campos de morte, dividindo as cidades em zonas civilizadas (gated communities, em número sempre crescente) e zonas selvagens, e prisões entre locais de detenção legal e locais de destruição brutal e sem lei da vida. (SANTOS, 2009, p.37)

Assim como as fronteiras/colonialidades mencionadas até então (do poder, do ser e do saber), existe uma outra fronteira/colonialidade que é escondida pela ideia de desenvolvimento e progresso, a colonialidade da natureza. Ela surge da separação entre homem e natureza, fortemente sustentada pelo discurso cristão de que o homem, criado por Deus, deve exercer domínio sobre todas as outras formas de vida do planeta. Segundo Walsh (2008 *apud* Santos, 2009):

[...] a separação cartesiana cultura/natureza descarta inteiramente a relação milenar entre os seres humanos e os seres não humanos, os mundos espirituais e ancestrais, negando inclusive a premissa de que os humanos são parte da natureza, estabelecendo o domínio sobre as racionalidades culturais e objetivando eliminar e controlar os modos de vida, os sentidos, os significados e as compreensões sobre a vida. (p. 489)¹²

¹¹ [...] dominados, sin esperanza, con su vida en peligro constante, sin utopía, sin futuro. La modernidad se consolida como paradigma de la guerra, de la violencia, bajo la cual el Otro es desechable, es un mero objeto de dominio, “recurso” o “capital”, una “cosa” a ser adueñada, apropiada, explotada.

¹² [...] la separación cartesiana cultura/naturaleza descarta enteramente la relación milenaria entre los seres humanos y los no humanos, los mundos espirituales y ancestrales, negando incluso la premisa de que los humanos somos parte de la naturaleza, estableciendo el dominio sobre las racionalidades

Percebemos que todas estas fronteiras, que delimitam quem é o colonizador e quem é x colonizadx, decorrem do padrão produzido pela modernidade, ou seja, uma hegemonia branca, masculina, heterossexual, cristã e ocidental. A partir deste padrão, sustentado pelos discursos modernos de desenvolvimento e progresso, se estabelecem fronteiras nas quais pessoas e/ou comunidades que se adequam a esta norma estão do “lado de dentro” destas fronteiras, enquanto aqueles que não se adequam ocupam o “lado de fora”.

Certamente estas não são as únicas fronteiras existentes, e mencionar apenas estas pode estar reafirmando algum tipo de colonialidade, afinal, o silêncio por si só já diz muito, e neste ponto reconheço a minha limitação. Entretanto, estou ciente que as formas de colonialidades aqui mencionadas dão origem a muitas outras, que por certo merecem ser discutidas, como colonialidade de gênero, colonialidade de sexualidade, colonialidade latino-americana, colonialidade colonialidade espiritual, dentre outras.¹³

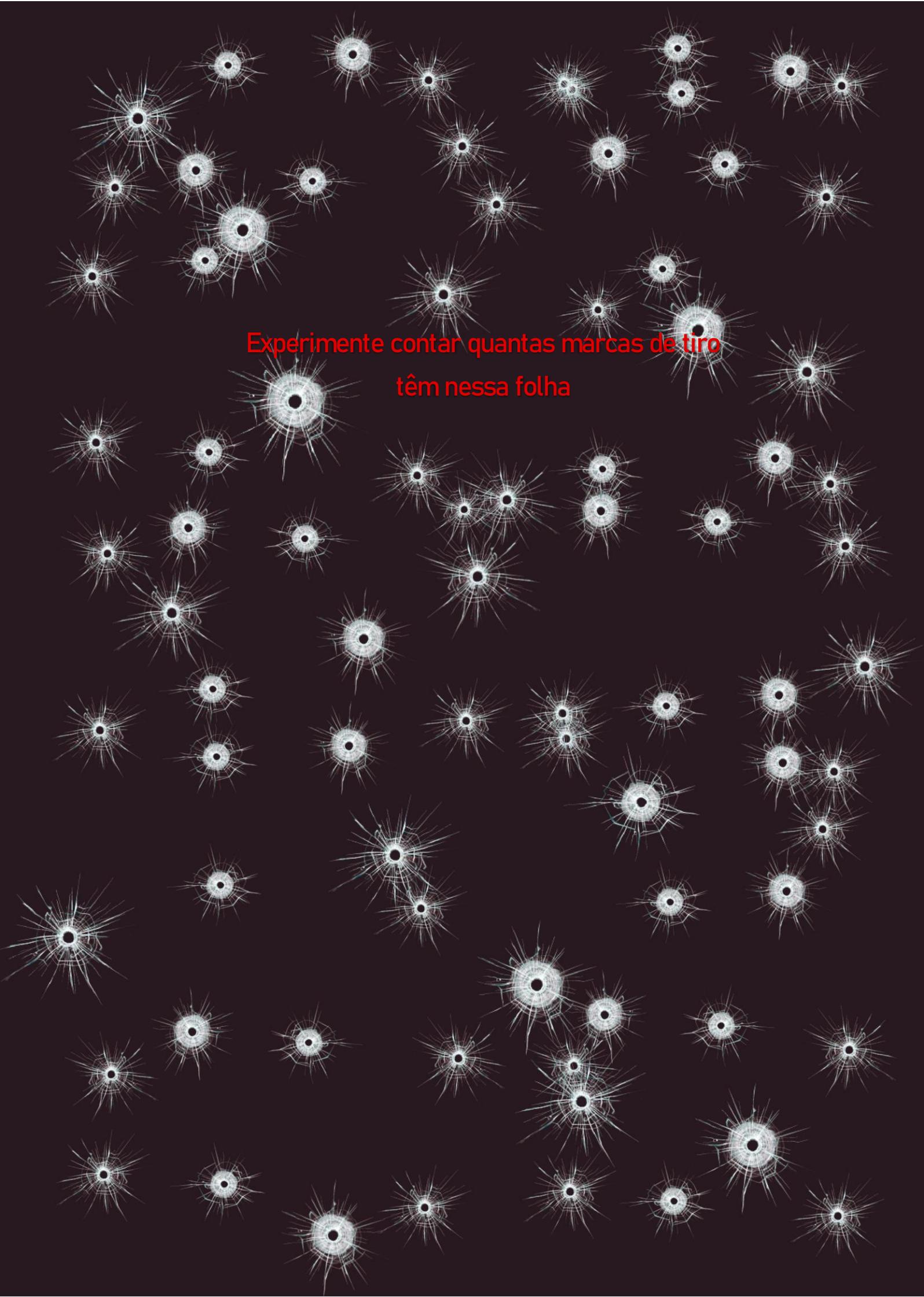
Outro aspecto comum em todas essas fronteiras citadas, presente também a qualquer outra forma de colonialidade, é como são tratadas as pessoas que estão do “lado de fora” delas. Essas pessoas, utilizando um termo de Gordon (2017), são vistas por aqueles que estão do “lado de dentro” da linha como *peças problemas* e

[...] tratadas por organizações dominantes de conhecimento, especialmente aquelas que se enquadram nas ciências humanas ou sociais, como problemas, ao invés de pessoas que enfrentam problemas. Seu status de problema é uma função da legitimidade pressuposta dos sistemas que os geram. Com efeito, sendo perfeitos, os sistemas que produzem sua condição resistem à culpa de qualquer injustiça ou contradição que possa ser declarada por tais pessoas. Elas se tornam estranhas às funções desses sistemas apesar de já terem sido geradas por elas. A natureza contraditória de tais avaliações distorce o processo de raciocínio e a produção do conhecimento em estruturas duplicadas de desaprovação e ocultação, às vezes mesmo com reivindicações de transparência, que resultam em pessoas-problemas. Uma consequência dessa reflexão é a proliferação de mais tipos de pessoas-problemas. (GORDON, 2017, p.115).

culturales e intentando eliminar y controlar los modos de vida, los sentidos, los significados y las comprensiones de la vida.

¹³ Neste sentido, María Lugones (2008), em seu texto “Colonialidad y Género” discute sobre como a interseccionalidade entre os diversos tipos de colonialidade tem sido vista como um vazio, até mesmo por pensadores decoloniais, como Aníbal Quijano.

Experimente contar quantas marcas de tiro têm nessa folha



Diante de tudo que fora discutido até aqui, uma pergunta natural é: de que forma podemos nos desvincular do pensamento abissal criado pela modernidade, não corroborando assim com a exclusão causada pela delimitação destas tantas fronteiras?

Longe de querer apresentar uma resposta única e precisa a este questionamento, apresento uma opção outra: o pensamento/sensibilidade/fazer fronteiriço enquanto postura decolonial.

A decolonialidade teve como ponto de origem o Terceiro Mundo. Suas bases históricas estão na Conferência de Bandung de 1955, em que foram reunidos 29 países da Ásia e da África. Nesta conferência, o principal objetivo era encontrar uma alternativa à modernidade e pós-modernidade que não fosse nem capitalista nem comunista, e assim, em uma tentativa de desprender-se das narrativas ocidentais encontraram como caminho a decolonização. (MIGNOLO, 2017a, p. 14)

Seu surgimento explica-se pois, habitar o “lado de fora” das fronteiras criadas pela modernidade não era mais suficiente para aqueles que foram descartados pelos que estão do “lado de dentro”. Desta forma,

[...] uma vez que percebe que sua inferioridade é uma ficção criada para dominá-lo, e se não quer ser assimilado nem aceitar com a resignação “a má sorte” de ter nascido onde nasceu, então desprenda-se. Desprender-se significa não aceitar as opções que lhe brindam. Não pode evitá-las, mas ao mesmo tempo não quer obedecer. Habita a fronteira, sente na fronteira e pensa na fronteira no processo de desprender-se e re-subjetivar-se. (MIGNOLO, 2017b, p.19).

Assim, uma resposta epistêmica às linhas abissais criadas, que se dispõe a entender com intuito de superar as colonialidades escondidas no lado oculto da modernidade são os pensares/saberes/fazeres fronteiriços, sempre plurais, caracterizados enquanto opções decoloniais.

Para adotar uma postura decolonial, não é necessário que se descaracterize a modernidade aqui discutida, enquanto um processo histórico, mas é preciso que se reconheça que esta modernidade é uma versão de uma história, que com certeza possui outras tantas versões.

Uma das formas que eu encontrei de tentar adotar uma postura decolonial, veio antes mesmo de eu saber o que decolonial era. Em meados de 2013, quando iniciei minha pesquisa de iniciação científica, iniciei também meus estudos com/no Modelo dos Campos Semânticos (MCS). Proposta por Romulo Lins em 1992, com o nome de

teorização porque, segundo ele, “não é uma teoria para ser estudada, é uma teorização para ser usada” (2012, p.11), fala, dentre tantas coisas, sobre leitura plausível. Segundo ele, uma leitura plausível:

Trata-se de saber de que forma uma coerência se compõe na fala de uma pessoa, num livro, e assim por diante, e não de, *em meus termos*, dizer que aquela fala indica falta de informação, ou de reflexão, ou de isso ou aquilo. Por exemplo, há quem diga que a Álgebra de al-Khwarizmi carecia de notação literal, que era uma obra sem originalidade. Mas pode-se também dizer que a ausência de notação literal, em particular na forma de abreviações, é *coerente* com que o árabe, sendo a língua sagrada do Corão, não as admitisse. E a Álgebra foi escrita em árabe. (LINS, 2012, p. 20)

[...] toda tentativa de se entender um autor deve passar pelo esforço de olhar o mundo com os olhos do autor, de usar os termos que ele usa de uma forma que torne o todo de seu texto plausível (LINS, 1999, p. 83)

Sendo assim, fazer uma leitura plausível sobre x Outrx, envolve tentar ir a este lugar, que certa vez ouvi falar que era o endereço mais difícil do mundo: o lugar dx outrx. É tentar entender quais são as justificativas que fazem com que x Outrx diga o que está dizendo, ainda que por “dizer” eu esteja me referindo aos gestos, corpo, ou qualquer processo de produção de significado, como, no nosso caso, a produção de fotos e vídeos. Acredito que fica um pouco mais fácil ir até este lugar, ou seja, fazer uma leitura plausível daquilo que x Outrx diz, se eu entendo que tudo aquilo que é dito é conhecimento, ou seja, é uma crença-afirmação junto com uma justificção (o que autoriza quem está dizendo a dizer o que diz).

Penso que considerar o conhecimento dessa maneira é um dos grandes diferenciais do Modelo dos Campos Semânticos frente a outras teorias do conhecimento. Se eu entendo conhecimento como uma crença e afirmação, junto com uma justificção, a justificção é parte do conhecimento.

A justificção deve ser parte constitutiva de um conhecimento (e não apenas um acessório para se verificar se o sujeito tem o direito de dizer que conhece isto ou aquilo). É assim porque de outro modo não é possível distinguir o conhecimento de uma crição e de um matemático quando dizem que “ $2+4=4+2$ ”, e isto não seria bom. A alternativa é sempre se referir a uma “rede de conhecimentos”, e isto não é bom, porque aumentamos mais e mais a quantidade de conhecimento e significado que deve ser elicitada se queremos saber, afinal de que é que o outro está falando. E saber isso é central na interação produtiva (que opomos a interação faz-de-conta, por exemplo, eu finjo que ensino e você finge que aprende). (LINS, 2012, p.12)

Saber isso é central na interação produtiva, pois não digo o que falta para a pessoa com a qual estou interagindo, o que pode ser evidenciado quando digo que esta pessoa ~~DEVE~~ deve saber isto ou aquilo, mas sim ~~produz~~ PRODUZO com ela, com aquilo que ela tem, que já é um conhecimento por si só (redundante para o modelo), conhecimento este que é, na medida em que é produzido, legítimo/verdadeiro.

Isso foi, na época que comecei meus estudos, um ponto de difícil aceitação (*Mais um vacilo entre verdades... vacilos e verdades. Ah, outra coisa, me empolguei em uma escrita mais acadêmica... essa escrita também faz parte; é constitutiva*). Por exemplo: se eu estiver usando uma camiseta azul e alguém me disser que esta camiseta é verde, isso é verdade? Ou, como já ouvi algumas vezes quando me propôs a fazer discussões sobre/com MCS outras pessoas: tudo pode? Não. O que pode é determinado, principalmente, pela cultura, reafirmando assim as marcações das fronteiras que citei anteriormente.

A luta pelo poder dentro de culturas (sociedades) se dá na forma do controle de quais são os modos de produção de significados legítimos; é nisto que ela é simbólica. E como a produção de significado é sempre local, sempre e inevitavelmente este controle vai ser frágil e temporário, cheio de fissuras e rachaduras. A luta pelo controle de quais são os modos de produção de significados legítimos é o próprio processo de determinação de horizontes culturais (as fronteiras). (LINS, 2012, p. 22)

A disputa pelo que pode ou não ser dito (no MCS podemos entender isso como o que é ou não conhecimento), é o que demarca as fronteiras do saber, que como vimos, tende a excluir todo saber que não é produzido segundo uma ótica eurocêntrica, e o cientificismo é um bom exemplo disso. Por isso, considerar que todo conhecimento é verdadeiro (redundante, para o modelo) é um primeiro passo para considerar como válidas as formas outras de saberes que escapam a este padrão mencionado.

Gostaria de chamar atenção para as fissuras sofridas pela verdade científica, assim como muitas outras verdades que eram absolutas, que foram aqui relatadas, não significam que tomo como mentira tudo que eu acreditava antes. Essas fissuras significam que não faz sentido tomar algo como verdade inatingível, porque essa tentativa é a mesma encontrada na busca por um Deus. A onisciência de Deus é A verdade, utópica, e A verdade é a onisciência Dele. Chamo atenção para o artigo definido que precede essas verdades, que impedem outras verdades de coexistirem,

impedimento este que não recua quando, para que efetivamente aconteça, tenha que aniquilar vidas, especialmente quando essas outras verdades e vidas não correspondem as verdades do identitário que explicitarei anteriormente.

(Nossa, será mesmo que acredito nisso que escrevi? Verdade ou vacilo? Vacilo e verdade? Verdade e vacilo? Vamos a diante, vamos seguindo. Produzindo e sendo produzida: em invenções, sempre. Será?)

Como então dizer que essas “coisas” me ajudam a pensar na escola e nesta pesquisa? Ou, como os bastidores de um filme, que nem sempre são vistos pelxs espectadorxs, interferem na produção deste?

Quem pode falar? Um preto? Um pobre? Uma preta pobre? Não!

Quem pode falar? Um estudante? Um estudante preto? Uma estudante preta?

Não!

Quem pode falar? Um pesquisador de humanas? Um pesquisador de Educação

Matemática? Uma pesquisadora de Educação Matemática? Não!

Quem pode falar? Uma escola quilombola? A escola indígena? A escola pública?

Não!

Não nos ouvem, porque o som dos não's que ouvimos todo s a n t o dia ecoam por todos os cantos. Porque o som dos não's que ouvimos todo s a n t o dia ecoam por todos os cantos e também vem de nós.

Mas não nos importa, porque a voz é apenas um dos sentidos e existem outros que podemos usar, bem daqui, onde estamos. Ainda que estejamos em lugares diferentes, ainda que em uma escola pública quilombola, ainda que em uma escola

*pública da capital de um estado do meio do Brasil, ainda que em uma
universidade do sul global, ainda que...*

*E vamos usar todos os sentidos, e o sentir, para tentarmos mostrar a você, que
chegou até aqui, que nossa escola, que produzimos juntos, não é uma notícia de
jornal, e não cabe no artigo definido daquilo que chamam de A escola pública.*

Vamos ver nossas escolas! Isso mesmo: ver. Ou ainda, sentir.

Sentir fotografias, sentir vídeos, sentir...

*(Ah, gostei muito dessa forma de escrita... apenas para dizer para você leitorx, e
para dizer para mim também. Acho que é mais para mim. Antes de você ver os
vídeos das escolas, separei um trechinho de um vídeo do filme “Manoel de Barros -
Só dez por cento é mentira” que fala sobre a fotografia. Uma das verdades que não
tinha vacilado até aqui foi sobre a fotografia, e acredito que esse trecho fala um
pouco disso, que discuto também nas experimentAÇÕES)*



¹⁴ Este vídeo também pode ser acessado em: <https://youtu.be/yGJKvD6hBBo>



O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transve.

É preciso transver o mundo.

Manoel de Barros



<https://youtu.be/eIMyjjja2HVs>

Precisamos olhar as verdades com desconfiança.

Não a desconfiança da ordem da mentira, mas a desconfiança de Guimarães Rosa, quando nos diz “eu quase que nada sei, mas desconfio de muita coisa”.

X pesquisadorx que não é desconfiadx, não é pesquidorx.

Angela Guida

<https://youtu.be/6Zs89lql8Vk>





3. ROTEIRO

por

B.L.N. Viana

TELA BRANCA;

Ruídos e ambiência: sala de reuniões do bloco 7 do Instituto de Matemática, mesa grande de reuniões com duas pessoas sentadas na ponta, e projetor ligado, projetando duas pessoas, lado a lado, com alguns ruídos da conexão, e algumas pessoas assistindo.

CREDITOS INICIAIS:

Não se trata de ir a lugares novos.

*Se trata de ir aos mesmos lugares, mas de
vê-los de maneiras novas.*

Transver os lugares.

Angela Guida e Julio Paro

CORTE FADE OUT;

PARTE ÚNICA

1. INT QUARTO (CASA DA BRUNA) - NOITE

Ruídos e ambiência: escrivaninha cinza, com duas gavetas e alguns papéis rabiscados sobre ela. Banquinho, ao lado, com uma garrafa, cuia e bomba de tereré. Notebook com alguns adesivos coloridos na parte de trás, cama de solteira com lençóis desarrumados, guarda-roupa com uma de suas portas abertas. Porta do quarto fechada. Barulhos do vento batendo na cortina e digitação em teclado.

CLOSE-UP: mãos com unhas pintadas de preto, esmalte pela metade, digitando freneticamente sobre teclado de notebook.

Câmera: se afasta das mãos e mostra as palavras na tela, conforme vão sendo escritas, deixando a tela em primeiro plano.

(ESCRITA DA PERSONAGEM). Essa dissertação já teve muitas propostas. Uma delas foi trabalhar em seis escolas em contextos culturais diferentes (estes contextos também já foram muitos: de Campo Grande-MS, quilombola, indígena, fronteiroço, inglês de Manchester e de assentamento) (*Meu Deus, eu não consigo imaginar tamanha alucinação em pensar nisso*). Outra foi de fazermos três tipos de produções (escrita, imagética e fílmica)

(*ah, um pouco menos absurdo!*). Também foi de experienciarmos um pouco de cada contexto cultural antes de iniciar nosso trabalho.

Essas propostas nasceram (*será? Quando nasce uma ideia?*) de uma conversa entre o Viola e outros dois professores, Stephen Lerman e Marcelo Batarce, em que eles desejavam criar uma possibilidade de pesquisa que fugisse das perspectivas dos estudos comparativos, pensando em algumas de suas limitações, mas também sabendo que os estudos comparativos constituem uma das linhas tradicionais de pesquisa em Educação, e também em Educação Matemática, como aponta o excerto abaixo:

Tem sido longa a história dos estudos comparativos internacionais em educação (Alexander 2000). Especialmente nas últimas décadas, foram realizados muitos estudos comparativos internacionais em matemática, para examinar as diferenças de proficiência e organização matemática entre estudantes de vários países, ou para entender a possível influência nas diferenças observadas de vários fatores, como currículo, preparação de professores, qualidade do ensino em sala de aula e envolvimento parental. (CAI et al, 2016, p. 01, tradução minha)¹⁵

Também nesse livro, *Estudos Comparativos Internacionais em Matemática (International Comparative Studies in Mathematics)*, referência de estudos comparativos em vários países do mundo, é relatado que os estudos comparativos internacionais em matemática são entendidos

[...] como estudos que compreendem desde observações informais até análises de diferenças de desempenho, assim como análise de fatores contribuintes para diferenças de desempenho para a criação de teorias, ações e políticas baseadas em estudos comparativos internacionais. Em termos de escala, os estudos comparativos internacionais vão desde estudos de pequena escala, envolvendo algumas classes de dois países, até estudos de larga escala como TEDS (M),

¹⁵ There has been a long history of international comparative studies in education (Alexander 2000). Especially in the past several decades, many international comparative studies of mathematics have been conducted, either to examine differences in mathematical proficiency and dispositions among students from various countries or to understand the possible influence on the observed differences of various factors such as curriculum, teacher preparation, quality of classroom instruction, and parental involvement.

TIMSS e PISA, com mais de meio milhão de participantes. (CAI et al, 2016, p. 04, tradução nossa)¹⁶.

Como mencionado acima, o Programme for International Student Assessment (PISA) e o Trends in International Mathematics and Science Study (TIMSS), dois exemplos renomados de avaliações comparativas em larga escala, vêm influenciando sistemas educacionais de matemática do mundo todo, segundo o que consta em suas propostas e pareceres.

O que eu me perguntei enquanto lia esse livro, e que acredito ser também perguntas compartilhadas pelos professores que pensaram nessa proposta de pesquisa, foi: em qual lugar desses estudos estão as especificidades ~~des-objetos~~ dos lugares, das pessoas, ..., desses estudos? Como é possível atribuímos juízo de valor, por exemplo através do binômio melhor/pior, para contextos culturais diferentes? O que acontece quando uma pesquisa se propõe a estar "junto com" ao invés de comparar?

Encontrei-me com essa possibilidade de pesquisa assim que ingressei no mestrado em Educação Matemática, conversando com Viola sobre as direções de pesquisas que estavam em curso naquele momento no FAEM - Grupo de Pesquisa em Formação, Avaliação e Educação Matemática, coordenado por ele. Após me apresentar três direções que xs membrxs do FAEM estavam pesquisando, apresentou essa possibilidade como uma quarta via que, caso eu topasse, construiríamos juntos em meu mestrado. Eu, que ainda me perguntava sobre o que a própria Educação Matemática suportava enquanto pesquisa, também fui encontrada por essa quarta via, e me vi nela.

Depois desse encontro, começamos a pensar no projeto de pesquisa. A primeira possibilidade, de tentarmos fazer o

¹⁶ [...] we see international comparative studies in mathematics evolving from informal observations to the examination of performance differences, and from the examination of contributing factors to performance differences to the generation of theories, actions, and policies based on international comparative studies. In terms of scale, international comparative studies range from small-scale studies involving a few classes from two countries to the large-scale studies like TEDS (M), TIMSS, and PISA, with upwards of half a million participants.

"exercício do com" com uma escola de Campo Grande-MS e de Manchester-UK, surgiu, pois, Julio Paro (*ah, é o Julio sem Paro, nem para, só Julio mesmo*), um dos integrantes do FAEM, estava indo fazer um doutorado-sanduiche lá. E foi então que fomos pegxs em um movimento colonial: tendo em vista a diversidade cultural que temos no Brasil, por que não trabalharmos em/com escolas brasileiras, mais especificamente de nosso estado?

Procurando pelas escolas de nosso estado no site da Secretária de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul - SED-MS, encontramos uma lista intitulada "Escolas em localizações diferenciadas". Nesta lista estavam escolas quilombolas, escolas indígenas, escolas de assentamento e escolas de atendimento socioeducativo ou prisional.

Mas precisávamos criar parcerias nas escolas que gostaríamos de trabalhar e para isso conversamos com professorxs de várias escolas. Algun/mxs se mostraram animados, outrxs nem tanto, algumas escolas ficavam distantes de Campo Grande, o que demandava um gasto maior com deslocamento, dentre outros percalços que nos levaram para a última proposta ~~que foi última porque precisava acontecer devido ao tempo que tínhamos para entregar essa dissertação:~~ propor interações de alunxs de duas escolas, Escola Estadual Zumbi dos Palmares (zona rural de Jaraguari-MS) e Escola Municipal Padre José Valentim (zona urbana de Campo Grande-MS), a partir de suas próprias produções sobre/de suas escolas, por meio de fotos e vídeos.

A ideia da produção de fotos e vídeos surgiu durante o "V Seminário do Im@go: Laboratório da imagem, experiência e criação". Neste seminário, Viola e eu nos deparamos com uma gama de possibilidades que poderíamos adotar para promovermos um "exercício do com", e a produção de fotos e vídeos nos pareceu potente, a partir da fala de um professor, Wenceslao de Oliveira Júnior, durante esse seminário.

Na minha trajetória (*olha eu aqui novamente, sendo cartesiana; vamos lá: ~~Na minha trajetória~~ Em minhas travessias*), cheia de encontros, encontrei-me com seus pensamentos sobre os atravessamentos da arte quando se opera o cinema. Por ter perspectivas teóricas parecidas com as nossas, escrevi, para ele, pedindo algumas indicações de leituras para que pudéssemos pensar nossas experimentações, e recebi não apenas as leituras, mas também uma nova forma de ver a fotografia e o cinema.

Em meu e-mail, contei para ele que nosso desejo de pesquisa era trabalhar com escolas em diferentes contextos culturais, e que gostaríamos que xs alunxs envolvidxs em cada um desses contextos culturais, conhecessem o contexto cultural dxs outrxs a partir do que xs próprixs sujeitxs que habitavam esse contexto cultural tinham para nos contar, e após o Seminário do IMAGO, gostaríamos de fazer isso por meio de fotos e vídeos.

Em suas indicações de leituras, estavam textos que falavam sobre a potência do cinema para além dxs alunxs representarem o que já sabem por meio de fotos e vídeos, o que, no e-mail, Wenceslao enfatizou ser “a aposta no atravessamento da arte quando se opera o cinema por meio de experimentações”.

Uma dessas indicações, DUAS ESCOLAS EM DEVIR CINEMA (WENCESLAO, 2018), Wenceslao disse se tratar de uma proposta de pesquisar o cinema que emerge em um lugar-escola e ao mesmo tempo pesquisar o lugar-escola ali produzido, e nesse momento apontou que lugar-escola era o conceito que ele utilizava, e que parecia ser muito próximo daquilo que eu vinha chamando nos e-mails de contexto cultural. E enfatizou que partia do princípio que o lugar-escola (ou contexto cultural, como eu estava chamando até então) não seria capturado/representado/mostrado pelo cinema, mas sim viria a ser outro (entraria em devir) com a chegada do cinema, o qual,

por ser experimentado como arte (num processo de experimentação/invenção) iria tornar visível (tornar sensível) coisas que antes não eram visíveis ali.

Esse tensionamento do real-ficcional que Wenceslao trouxe em seu e-mail, encontra um excerto retirado de umas indicações, quando nos diz que

[...] o cinema é trabalho no real, suas imagens são em si alguma coisa, elas agem no real, mas elas não se bastam. Assim, as imagens no cinema se formam a partir de duas presenças inseparáveis. Por um lado a imagem é intrinsecamente ligada ao mundo, ela sofre o mundo, é afetada pelo real. [...]. Mas toda imagem é dupla. Isso significa que toda imagem possui uma dupla inserção no real. No mesmo gesto, na mesma imagem que sofre o real, há uma construção do mesmo real, feita por aquele que opera a câmera, que decide o quadro, que escolhe o movimento, que compõe uma mise-en-scène e, mais do que isso, por todos os atores não-humanos que também fabricam a imagem - a câmera Sony, a lente Zeiss, o corretor de cor da Apple, o microfone comprado em um camelô do Rio de Janeiro. Toda imagem, portanto, é o mundo afetando-a e, a um só tempo, uma certa opção de mundo que envolve atores humanos e não-humanos. Essa definição nos lança no campo necessariamente político e estético da experiência do cinema, uma vez que a imagem é o mundo e uma opção de mundo, simultaneamente. (MIGLIORIN, 2015, p. 35)

Precisávamos de dispositivos que permitissem produzir com a diferença que o *entre* lugares-escola requeria, e por isso apostamos na força real-inventiva das fotos e vídeos. Desejávamos fotografar e filmar com e entre lugares-escolas, mas para além do registro, fixação e/ou representação de algo por meio da fotografia, como nas palavras escritas por Wenceslao naquele e-mail, percebi que o ato de fotografar e filmar também podia ser entendido como força emergente desses lugares-escola.

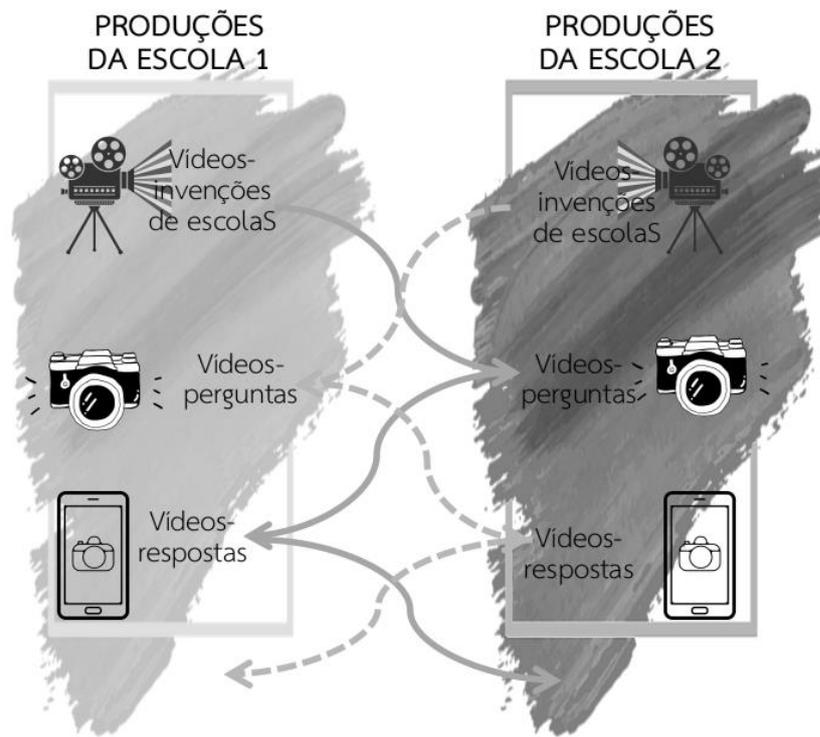
Foi assim que nosso movimento passou de fotografar e filmar escolas para emergir lugares-escola por meio da fotografia e do cinema. Por isso, tentamos

[...] pensar a criação fotográfica [e fílmica] menos por sua força de retenção e documentação. Apostar na pulsação vibrátil das imagens fotográficas [e

vídeos], na sua força inventiva e ficcional que se dá entre a finitude e a infinitude do tempo, “[...] escorregar por entre-lugares, por um entre indefinido que gera o acontecimento como quase, como força indizível - o sentido último que nunca se alcança - e no padecer da impossibilidade, quem sabe, gerar palavras outras, sentidos outros” (Wunder, 2010, p. 160). (ROMAGUERA e WUNDER, 2016, p. 126)

Mas nossas leituras e estudos tropeçaram no tempo-escola. Gostaríamos de apostar mais na “força inventiva e ficcional” da fotografia e do cinema, por meio de várias experimentações em que nos lançaríamos a testar possibilidades de fotografia e filmagem com xs alunxs, mas o tempo que as escolas nos disponibilizaram para realizarmos essas experimentações estava cercado pelas outras atividades programadas que as escolas já tinham em seu calendário.

Pensando nesse tempo-escola, junto com Paola, Vivian, Endrika, Yadira, Julio, Viola, Estéfano e outras pessoas que contribuíram com alguns pitacos, indicações de leituras, conselhos, etc, pensamos na seguinte estrutura: numa primeira etapa faríamos dois encontros iniciais em cada uma dessas escolas, separadamente, em que desenvolveríamos atividades e pediríamos para que fizessem as produções sobre/de suas escolas a partir de questões disparadoras; na segunda etapa, exibiríamos as produções feitas na Escola Estadual Zumbi dos Palmares em Campo Grande, na Escola Municipal Padre José Valentim, e pediríamos aos alunos e alunas da Escola Municipal Padre José Valentim para fazerem perguntas, na forma de vídeos, a partir do que tinham assistido, sendo que o mesmo seria feito na Escola Estadual Zumbi dos Palmares. Na terceira etapa, voltaríamos à essas escolas para exibir os vídeo-perguntas e gravar vídeos-respostas, num esquema como abaixo:



Para os vídeos-invenções de escolaS, pensamos em três momentos: sensibilização, explicação da proposta e experimentação. A sensibilização se fez necessária já que queríamos que xs alunxs se sentissem à vontade (ou menos desconfortáveis) com a nossa presença na escola, ou, nas palavras de Barbosa (2017), se fez necessária para

[...] fazer com que esses exercícios abrissem brechas nos corpos e entre eles para construirmos uma abertura e uma sensibilização nas relações que precisavam ser gestadas diante das negociações que um estar com exige. (BARBOSA, 2017, p. 135)

A primeira atividade, intitulada "É possível ver de olhos vendados?¹⁷", tinha como proposta que xs alunxs se dividissem em duplas, onde umx começaria de olhos vendados e x outrx seria uma espécie de guia para ajudá-lx a não cair, ou se machucar. Depois das duplas prontas, xs alunxs andariam pela escola tentando vê-la de olhos vendados, se atentando para aspectos como cheiros, sons, texturas, dentre outros, e quando decidissem que gostariam de fotografar algo que lhes chamou

¹⁷ Atividade adaptada a partir das atividades desenvolvidas por Belezza (2014), em sua dissertação.

atenção (guiados por esses aspectos), eles pediriam à quem estava sem vendas para abrir a câmera dos celulares e posicioná-la conforme suas próprias instruções. Depois disso, as duplas trocariam entre quem guiava e quem estava de olhos vendados, e ao final, quando todos estivessem de volta à sala, a discussão giraria em torno das perguntas "o que te fez parar ali naquele momento para fotografar? E o que foi fotografado?". O objetivo dessa atividade era tornar o olho fraco pela ausência da luz, para fazê-lo funcionar de modo a permitir enxergar outras imagens, assim como discutir sobre a (im)possibilidade de conseguirmos representar algumas coisas por meio da fotografia.

A segunda atividade, intitulada "É possível desacostumar o olhar?", foi pensada para ser feita na sala de aula, em que todos deveriam fechar os olhos enquanto eu pediria para que eles fossem pensando em algumas coisas. A primeira delas, era sobre aquilo que eles viam todos os dias na escola, quando entravam na escola, do caminho que percorriam até chegar a sala de aula, na sala de aula com todas as suas aulas, no intervalo, no momento que saíam da sala de aula para fazer outras atividades, dentre outras coisas. Depois, ainda de olhos vendados, pediria para que eles pensassem naquilo que SÓ CADA UMX via, todos os dias na escola, ou seja, naquilo que eles acreditavam que ninguém mais conseguia enxergar, naquilo que tornava a escola única para cada um. Enquanto eles pensavam sobre isso, começaria a ler o poema seguinte.

O Fotógrafo - Manoel de Barros

Difícil fotografar o silêncio.

Entretanto tentei. Eu conto:

Madrugada a minha aldeia estava morta.

Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.

Eu estava saindo de uma festa.

Eram quase quatro da manhã.

Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.

Preparei minha máquina.

O silêncio era um carregador?

Fotografei esse carregador.

Tive outras visões naquela madrugada.

Preparei minha máquina de novo.

Tinha um perfume de jasmim num beiral de um sobrado.

Fotografei o perfume.

Vi uma lesma pregada mais na existência do que na pedra.

Fotografei a existência dela.

Vi ainda azul-perdão no olho de um mendigo.

Fotografei o perdão.

Vi uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.

Fotografei o sobre.

Foi difícil fotografar o sobre.

Por fim cheguei a Nuvem de calça.

Representou pra mim que ela andava na aldeia de braços com
Maiakovski - seu criador.

Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.

Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa mais justa para
cobrir sua noiva.

A foto saiu legal.

Em seguida, exibiríamos um trecho do filme "Só dez por cento é mentira"¹⁸, disponível no QR CODE abaixo, dirigido e escrito por Pedro Cezar, que fala, também, sobre a força inventiva que pode ter o olhar, e por consequência a foto, e sobre como a imaginação pode ser a guia desse processo. Nesse trecho o filme utiliza algumas imagens de muros, e em seguida desenha



19

E por fim apresentariamos a nossa proposta, filmar/fotografar escolaS, que seriam produzidas na medida em que fossem filmadas/fotografadas, a partir das perguntas disparadoras: qual seu cantinho preferido da escola? O que você não gosta tanto da escola? Quais são os cheiros que você mais gosta da escola? O que só você sente na escola? Tem algum espaço na escola que você sente medo? Tem algum espaço na escola que te traga alegrias ou boas memórias ou tristezas? Quando falamos a palavra escola o que você sente, que imagem/cena você vê?

No entanto, tínhamos algumas condições de filmagem e de fotografia. Para filmagem, a ideia era que a turma se dividisse em grupos de no máximo 5 pessoas, e fizessem um *plano sequência*, que é um plano feito sem cortes de cena. Afim de elucidar o que era para ser feito, exibiríamos dois recortes de filmes, o primeiro, Arca Russa (2002) - Alexandre Sokourov, feito em apenas um plano sequência de 96 minutos,

¹⁸ Para saber mais sobre o filme, acesse: http://www.sodez.com.br/o_filme.htm

¹⁹ Este vídeo também pode ser acessado em: <https://youtu.be/aSURPwUKGvU>

e o segundo O Cavalo de Turim (2011) - Béla Tarr, Ágnes Hranitzky. Sendo assim, a proposta era, a partir das perguntas disparadoras, que xs alunxs encontrassem uma maneira de gravar um plano sequência de no máximo 5 minutos em que as respostas de todxs do grupo aparecessem no vídeo. Acreditamos que, com essa condição, xs alunxs precisariam pensar e se articular sobre o que elxs gostariam de filmar, conversar entre si para decidir como fariam essas articulações, como, por exemplo, quanto à ordem de gravação, já que não teriam a opção de parar a gravação e iniciar a partir de um novo ponto.

Para as fotografias, a proposta era que a turma também se dividisse em grupos, da forma que achassem melhor, e, em uma caminhada pela escola, fizessem pausas para observar a partir de outras perspectivas, como, de ponta-cabeça, de barriga para cima, de ouvido, de lupa, em pé numa cadeira, e também tentar fotografar estranhamentos, movimento, cheiros, silêncio, se permitindo ridículos. Cada alunx deveria tirar no máximo 3 fotos, e pensamos nesse limite tendo em vista as demais etapas do projeto.

Ainda em sala, exibiríamos uma sequência de fotografias contendo vários planos (plano geral, plano médio, primeiro plano, etc.) e posições de câmera (plongée e contra-plongée). Acreditamos que, com esses apontamentos, xs estudantes teriam mais possibilidades de fotografias.

Para que elxs se lembrassem das perguntas, entregaríamos uma folha com todas as perguntas disparadoras, e também essas possibilidades de fotografia e vídeo, e era opcional o seu uso. Então passaríamos à experimentação. E por último, depois que todxs xs alunxs tivessem finalizado suas atividades e retornado para a sala de aula, faríamos a exibição de tudo que fora produzido, assim como uma discussão final, com as seguintes perguntas "O que ficou fora de quadro? O que sabemos que existe mas optamos por não fotografar? O que gostaria de

ter mostrado ainda? O que é parte da comunidade mas pouco falamos ou temos dificuldade em falar?”²⁰

Tentamos pensar esses encontros como experimentações, ensaios; sempre inacabados, sempre descontínuos, sempre sabendo que, por mais e apesar das nossas sistematizações sobre essas experimentações, alguma coisa daria errado. Aliás, das experimentações pouca coisa sabíamos, mas o erro era uma delas.

Talvez o erro cause certo incômodo. Durante algum tempo eu tentei evitar essa palavra, erro. Entendia que ela vinha carregada de um monte de coisas que pudessem estar associadas a ideia de falta, e com isso de acordo com uma ideia platônica de mundo. Acho que para muitas pessoas ainda é assim. O erro que não deveria existir, o erro que deve ser evitado. A matemática da minha escola era *bem clara* quanto a isso: errar o menos possível. A propósito, o quanto de erro cabe na matemática?

Me lembro de minha experiência no mestrado em Matemática Pura, mais especificamente em uma disciplina de Análise no \mathbb{R}^n . Diferente de todas as experiências matemáticas que eu havia tido até então, o professor entrava na sala, escrevia um teorema que gostaria que demonstrássemos naquela aula, e em seguida sentava e erguia o giz, perguntando-nos quem gostaria de começar. Alguém tomava o giz de sua mão, e ia ao quadro, e a sala toda dava palpites, até que outra pessoa assumia o giz, e assim a aula seguia. O professor se misturava aos alunos. No começo, sempre olhávamos para ele, esperando por uma aprovação. Depois de um tempo, quando descobrimos que essa aprovação não viria, olhávamos para ele apenas quando estávamos sem nenhuma saída. Em um semestre de aulas, acho que dá pra contar nos dedos das mãos as vezes que o professor levantou e foi ao quadro. O mais interessante disso tudo era

²⁰ Perguntas retiradas da Proposta Prática 1, dos cadernos do “Inventar com a Diferença”. (MIGLIORIN, 2014, p. 22).

que, embora escolhêssemos um *caminho errado* para demonstrar aquele teorema, o professor não se mexia. E haviam aulas que saíamos de lá sem conseguir terminar a demonstração, o que era, para mim, um erro. Em uma dessas aulas, que escolhemos um *caminho errado*, um colega se lembrou de uma demonstração que havia ficado em aberto, e que poderia ser resolvida escolhendo aquele mesmo caminho errado. Eu olhei, de canto de olho, para o professor, e ele estava com o canto de seus lábios levemente contraído, como quem ensaia um sorriso. E foi assim que aquele caminho, errado de acordo com a tese do teorema que queríamos demonstrar, foi um caminho possível para demonstração de um outro teorema. Os teoremas em questão eu não me recordo, mas essa cena, protagonizada pelo erro, permanece viva em minhas lembranças daquele ano.

Com os erros daquelas aulas eu também aprendi a fazer algo que a matemática, que eu conhecia até então, ainda não havia me permitido: conjecturar. E se o erro pudesse ser visto, também, do modo como eu o vi, ali, no contrair do canto dos lábios de meu professor? E se pudéssemos ver o erro como uma contração dos caminhos que temos considerados corretos, dando espaço para abrirmos uma via outra? E se pudéssemos construir essa via outra na escola? E se existisse uma pesquisa-erro? E se esses caminhos desenharem um mapa com tantos caminhos errados que já nem conseguíssemos mais adjetivar um caminho?

Por isso, insisto nele: o erro. A própria opção decolonial é um erro, diante dos caminhos que a modernidade vem traçando. O próprio descobrimento do Brasil, em 1500, foi um erro: tanto pensando que o destino deveria ser as Índias, quanto pensando que o Brasil foi descoberto. Esses erros fazem parte do mapa de nossas vidas, que está sempre em construção. Não deveriam existir, mas existem, incomodando principalmente aqueles que têm traçado os caminhos que deveríamos percorrer.

Foi e é parte constituinte dessa pesquisa: o erro enquanto aquilo que fugiu das nossas sistematizações, que

escapou, escorregadiço, pelas tantas mãos que fizeram parte dessa pesquisa, pelas lentes das câmeras que utilizamos, pelas luzes, pelos sons, pelos cheiros, pelos olhares. O erro enquanto presença do tão desejado e temido imprevisível, no traçar de um novo caminho. O erro que (des)norteia o acerto, ao escolher ir para o Sul. O erro enquanto um erro da própria palavra erro.

Concordo com Carlos Skliar (2014) quando, com nossas experimentações, nos expomos ao erro, ao desconhecido, percebendo que

O valor do ensaio não radicaria, então, na sua proximidade com a verdade, mas na potência de sua *experimentação*. Desse modo, o ensaio não se submeteria às regras metodológicas em torno do que pudesse ou devesse ser uma definição sobre o certo/errado, o verdadeiro/falso, o científico/não científico, o real/irreal, etc. [...] Dessa perspectiva, o ensaio não trabalha a partir de categorias, mas da *experiência*. Assume um impulso antissistemático e sua estética se torna anticerimonial. Por isso, não pode obedecer nem se submeter às regras de jogo da ciência e da teoria organizada, segundo as quais as ordens das coisas é a mesma que a das ideias. É por isso que o ensaio suspende o conceito tradicional de método. [...] E não culmina num veredito final, mas sim sente que chegou o final, seu final, o final da experiência que estava em jogo no ato de ensaiar. (SKLIAR, 2014, p. 103-104, grifos meus).

Mas nos expor ao erro não quer dizer ausência de uma sistematização, mas sim como, a partir dela, criaríamos espaços em que ele seria possível. Talvez centrar-nos na interação foi o primeiro passo para isso. Quando se imagina respostas às perguntas, somos tentados a direcionarmos nossos sentidos para aquilo que imaginamos que seria, ao invés daquilo que *está sendo*. E aquilo que *está sendo*, sempre gerúndio, é da ordem dos sentidos e não de essência.

Durante toda a experimentação nos colocaríamos (eu, juntamente com quem colaborou com essa pesquisa) a produzir junto com xs alunxs das duas escolas mencionadas, ou seja,

nós iríamos também produzir escolas junto aos alunos, dando sugestões, vivenciando, experimentando com eles e, principalmente, nos dando o benefício da dúvida, do erro e da vertigem.

Mas, como todo roteiro sempre está passível de mudanças ao longo de construção de um filme, este roteiro também não aconteceu. A seguir apresento os meus relatos das experimentações, ou as minhas afetações dos encontros nas escolas, que surgiram a partir dessa sistematização que não aconteceu.

FIM ?

CORTE FADE-OUT;

CREDITOS FINAIS: Angela Guida, por lançar o desafio de escrevermos um texto-roteiro nos moldes de roteiros cinematográficos. Embora esse texto tenha uma estética de roteiro, estamos certos que poderia ser dividido em mais partes, trazendo diálogos dos personagens que Bruna trouxe em suas digitações, assim como descrições detalhadas dos ambientes que compuseram algumas cenas digitadas, como foi sugerido por Angela no dia da banca de qualificação. No entanto, tropeçamos em algo que nos impediu de seguir por esse caminho: uma pedra-tempo. O esperado fez-se feito. O *que-rido* (para onde eu queria ter ido) fez-se ido: apenas mais uma vírgula em meus movimentos).





Planejar não é só escrever coisas no papel



Você pode não ter escrito, mas estava no plano.



Planejar é saber compor com o que vem.

Filipe Fernandes



Cena 1 - 20 de agosto de 2019

Slides prontos, atividades preparadas, materiais conferidos e separados, roteiro na cabeça... Furnas do Dionísio, lá vamos nós! Inclusive esse era o nome do grupo de *whatsapp* que eu criei para organizar a nossa ida para a escola, já que éramos Paola, Yadira, Vivian, Julio e eu. O dia marcado era dia 19 de agosto, e combinamos que sairíamos da casa da Vivian às 10:40, para pegar Paola e Yadira 11:00 e depois ir até o Julio, de onde seguiríamos para a escola. A animação era tanta (assim como a preocupação em “dar tudo certo”), que na noite anterior eu fiquei rolando na cama.

Saí de casa duas horas antes do horário marcado para chegar na casa da Vivian, depois de ter conferido umas vinte vezes os materiais. Porém, no meio do caminho, a coordenadora Leila, da escola, me enviou uma mensagem perguntando se havia problema em remarcar o encontro, pois o ônibus que xs alunxs usam como transporte para ir à escola havia quebrado e com isso pouquíssimxs alunxs tinham conseguido chegar neste dia.

NÃO VAI TER PESQUISA - pensei d e s e s p e r a d a m e n t e. Mandei isso no grupo, chateadíssima. Paola disse: “isso é fazer pesquisa, Bruna, não ter as coisas na sua mão”. Estava entendendo isso com todas as letras naquele momento... não tinha nada na minha mão, estava dependo de tantas pessoas e lidar com isso estava sendo mais difícil que pensava, já que trabalho em grupo nunca foi o meu forte. Enquanto eu terminava de chegar na casa da Vivian, me questionei quanto a este primeiro pensamento, na pesquisa, ao invés de pensar se algo acontecera com xs alunxs. Estava tão preocupada com minha pesquisa e nenhum um pouco preocupada com xs alunxs, mesmo sabendo que o ônibus delxs havia quebrado. Será que elxs estavam no ônibus? Alguém havia se machucado? Talvez isso de objeto de pesquisa seja sério mesmo, tão sério que essas perguntas nem apareceram antes, para mim. Me perguntei como é depender de um único ônibus para ter aula. Ele estava quebrado... e agora? Demorava dias para arrumar? Como ficavam as aulas dxs alunxs? Será que eu teria que esperar mais um mês? - pensei, inquieta.

Conversei com a Leila e o pessoal, e ela me disse que o ônibus seria concertado para o dia seguinte, e então remarcamos para esse dia pela manhã. Não fiquei muito contente, já que as coisas não estavam indo do jeito que eu planejei... Mas isso era pesquisar. Eu tentei focar nisso e me preocupar apenas com o encontro

do dia seguinte. Combinamos que chegaríamos 7:30 na escola. Julio me perguntou se a aula começava às 07h00, e prontamente eu respondi que sim. Havia marcado 07h30 justamente por isso, já que daria tempo dxs alunxs se acomodarem em suas salas até chegarmos.

No dia seguinte, com todas e Julio no carro e a caminho, fomos aproveitando as paisagens da viagem. A escola fica a mais ou menos uma hora de distância da casa do Julio, aproximadamente 50km, e desses 50km cerca de 15km eram de estrada de terra. Em uma grande linha reta com curvas, passamos por fazendas, chácaras, matas, pelo distrito de Rochedinho, até que começamos a descer uma serra imensa, e então eu já sabia que estávamos perto da escola. Logo depois de descer a serra, já podíamos avistar a escola. Chegamos adiantados, 07h15 para ser mais exata.

Descemos do carro e fomos recebidos com um simpático bom dia de duas alunas que estavam sentadas embaixo da caixa d'água, e com um sorriso que, para mim, foi como um forte abraço depois do imprevisto de ontem. Estávamos meio sem jeito quando entramos na escola, até que começou uma chuva de "bom dia". Dois pedreiros que estavam ali trabalhando na reforma da escola, professoras e professores, a moça que estava limpando a sala e passou para buscar água, a diretora, alunxs... Todxs que passavam por nós, nos davam bom dia. E foi então que fomos nos sentindo cada vez menos desconfortáveis. Digo "fomos" porque também vi o desconforto sumindo nas expressões das meninas e do Julio.

Xs alunxs estavam aglomeradxs em uma mesa que fica em frente à quadra. Estávamos ali do lado. Será que eram todxs do oitavo ou nono ano? - Pensei. Talvez fossem, já que era perto de 07h30 e elxs ainda não estavam em sala. Foi quando me lembrei da pergunta do Julio sobre o horário da aula, e tentei resgatar na memória se Leila havia me falado que a aula começa às 07h. Percebi então que eu tinha suposto isto sem perguntar à ela, com base nos horários das escolas de Campo Grande que eu conhecia. Me admira eu não ter desconfiado que o horário dessa escola era diferente das demais, já que lá haviam dois fatores diferenciados da rede estadual de ensino, um deles é a escola ser de tempo integral (ter aula nos dois períodos) e o outro de ser uma escola de zona rural. *Quais outras coisas eu havia trazido comigo, além das atividades preparadas e materiais?* - Pergunta que, mesmo se passando algum tempo depois desse encontro, eu ainda me faço.

Sete horas e trinta minutos, xs alunxs foram para a quadra, formaram fila e se prepararam para entrar na sala. Nenhumx professxr pediu para que fizessem isso ou xs guiava, mas depois de estarem todxs enfileirados, aparentemente por sala, três professoras e um professor apareceu. Rezaram, então, o pai-nosso. Vi uma aluna de olhos fechados, braços e mãos abertas, como quem quer e pede por algo muito importante. Quais eram as vontades dessxs alunxs? Será que eu ia conhecê-lxs ao longo do que eu havia preparado? E a história delxs? De onde elxs vieram, quem eram suas família? Porque isso me importava? - Perguntas que não saiam da minha cabeça.

Elxs foram então para a sala e uma professora veio nos chamar, perguntando o que precisávamos. Eu pedi à ela o projetor e caixas de som, ela foi prontamente providenciar. Entramos na sala e demos de cara com os olhares curiosos, que nos acompanhavam, seguido de mais um caloroso bom dia, mas dessa vez em um coro. Demos bom dia. Minha vontade mesmo era de gritar bom dia. Nem acreditava que eu finalmente estava ali.

Enquanto o Julio tentava um ligar o projetor, comecei então a falar. Expliquei a elxs que pretendíamos trabalhar com vídeos e fotos, em um processo de experimentar, todxs juntxs, tanto nós, quanto elxs. Parecia estar clara uma divisão entre nós e elxs, divisão que eu queria que se transformasse em multiplicação, durante as atividades. Disse então para começarmos nos apresentando, e puxei a fila: me chamo Bruna, faço mestrado em Educação Matemática na Universidade Federal, minha mãe se chama Marlene, meu pai Adão, meu irmão Paulo. Tenho um sobrinho de seis meses que é uma gracinha, e nas horas livres assisto muita coisa na *Netflix*, especialmente *Friends*, que já vi umas cinco vezes. Gosto também de andar de bicicleta, menos quando está frio, aí não gosto de fazer nada.

Depois dessa apresentação, era então a vez deles. A Giovana começou se apresentando, disse seu nome, que tinha 16 anos e era casada. Xs outrxs alunxs também se apresentaram, as vezes dizendo que estavam solteirxs, repetindo o que a colega dissera, sempre falando a idade, mas às vezes vinha acompanhada de “eu gosto de comer e aprontar”, “minha série preferida é *Stranger Things*”, “eu gosto de futebol”, “eu gosto de ???? - um joguinho de celular que agora não vou me lembrar”. Me identifiquei com a menina que falou que gostava de comer e dormir. Eu adoro, disse logo. E foi assim que fomos quebrando um pouco daquele gelo inicial.

Depois que todos se apresentaram, disse então que, antes de qualquer coisa, a ideia era elxs se divertirem. No fundo, esse era o meu principal desejo. Aliás, sempre é quando eu entro na sala de aula. Queria muito que elxs estivessem envolvidos e gostassem do que iriam fazer.

Passei então para a primeira atividade, “Será que é possível ver de olhos vendados?”. Fiz a pergunta a elxs, e todxs responderam que não era possível, com algumas risadas que marcaram o absurdo da minha pergunta. Eu disse que esse exercício seria para que todxs pudessem observar a escola de olhos vendados. Expliquei a dinâmica, e disse que gostaria que elxs prestassem atenção em coisas como cheiros, barulhos, o vento, a textura, etc., para decidirem o momento de parar para fotografar. Formaram-se as duplas, e fomos vendando cada integrante da dupla, que ia saindo segurando o ombro dx colega. Quando eu terminei de vendá-lxs, saí para ver como estava sendo a caminhada. Parei então para perguntar à uma dupla, que havia acabado de tirar a venda: o que te fez parar aqui? - Perguntei ao aluno. A luz do sol, ele disse. Senti a luz no meu olho, então decidi parar e fotografar.



Perguntei, assim, se ele havia imaginado que a foto ficaria daquela forma, ele me respondeu que imaginava que o sol apareceria, já que havia sentido o sol em seus olhos, mas não sabia que a serra estaria abaixo dele. Conversei brevemente com a dupla sobre a foto não ser uma representação do que estava sendo imaginado e/ou visto. Disse que, como eles estavam vendo, a foto contém elementos que não conseguíamos ver antes da foto ser tirada, naquele caso, por exemplo, os raios saindo

do sol, naquela disposição. Seguindo, eles trocaram a venda e deram continuidade nas atividades. Enquanto o restante foi retornando para a sala.

Passamos então à uma rodada de perguntas: “o que te fez parar ali, naquele lugar, para tirar a foto?”, “Como você imaginou que sairia a foto?”, “Como saiu a foto?”, “Foi como você imaginou?”. Os motivos para elxs pararem para fotografar foram os mais diversos: o cheiro de mortadela e refrigerante de laranja que vinha da sala, a luz do sol, a porta que bateram a cabeça, o barulho dos pedreiros trabalhando, o cheiro de rapadura que estava sendo feita ali do lado da escola, a paz do lugar, até a casa da tia Maria, que ficava ao lado da escola, e foi identificada porque o caminho era conhecido de cor.



Eu não consegui projetar as imagens e nem ver todas. Estava com medo de gastar muito tempo nessa atividade, e não ter tempo de fazer as produções finais, que eram objetivo do meu encontro ali, e até dessa atividade. Eu esperava, com essa atividade, que elxs conseguissem entender a fotografia como uma outra coisa, que não a representação de algo, já que nesse caso, elxs tinham apenas uma ideia do que iriam fotografar, pois estavam vendados. Mas nas perguntas que eu fiz para elxs, em sala, a maioria respondeu que a fotografia correspondia à imagem que elxs haviam criado de olhos vendados. Acho que essa ideia de representação é muito forte... *(ah, as vezes eu me pego nela também. Minhas estabilidades, meus argumentos, minhas verdades....Nãooooo!!! Sim. Isso também me constitui...)*

Passei então para o segundo momento. Pedi que elxs fechassem os olhos novamente e pensassem no que viam, todos os dias, na escola. Se recordassem do

caminho pelo qual passavam, todos os dias, até chegarem ali, do momento que entravam na escola, os lugares onde iam antes da aula começar, da formação da fila antes de entrar na sala, do caminho que faziam até a sala, dxs professorxs e aulas, o que viviam dentro da sala de aula, e também nos sentimentos que tinham ao estarem ali. Depois desse momento, pedi para que imaginassem o que só *elxs* viam na escola.

Um dos alunos me perguntou: como assim? Respondi que no momento anterior eles haviam imaginado um monte de coisas sobre a escola, mas que desse monte de coisas, queria que *elxs* pensassem naquilo que *elxs* imaginaram no momento anterior, mas que mais ninguém havia imaginado. Aquela memória/imagem/cena que era particular de cada um. Não sei se entenderam muito bem, vi algumas testas se franzindo. Disse que leria um poema enquanto eles tentavam imaginar. O fotografo, de Manoel de Barros. *Elxs* ouviram, de olhos fechados, embora alguns olhos se abriram, como quem sonda o que está acontecendo - o que será que essa tia, como *elxs* me chamavam, estava querendo com tudo isso? - Senti essa pergunta, apesar dela não ter sido feita.

Durante a leitura do poema, uma aluna perguntou em voz alta: *o que era uma nuvem de calça?* Eu ignorei, já que queria que *elxs* se preocupassem mais em sentir o poema do que entendê-lo, mas vi muito daquela menina em mim, querendo uma explicação. Terminei o poema e pedi para que abrissem os olhos, disse então que assistiríamos a algumas coisas que talvez nos ajudariam a desacostumar o olhar, ou seja, tentar responder àquela pergunta que eu fiz anteriormente. Coloquei um trecho do filme “Só dez por cento é mentira”. *Elxs* gostaram muito do vídeo e tentaram adivinhar as imagens que se formariam antes dos traços aparecerem.

Assim, fiz as perguntas disparadoras. Conforme eu fui lendo, *elxs* foram prontamente dando respostas para as perguntas: gosto da quadra, não gosto da sala, gosto do cheiro da comida, tenho medo da sala da diretora. Alguém falava, e *xs* demais pareciam concordar. Eu queria que aparecessem particularidades, e agora?!

Expliquei como seriam as atividades e que *elxs* teriam que se dividir em dois grupos, em que um faria fotos e outro vídeo. Os vídeos deveriam ser feitos em plano sequência, e nesse momento vi uma enorme interrogação em seus rostos. Exibi um trecho do filme “O palhaço” para que mostrar a *elxs* o que era um corte, ia falando a palavra corte em cada corte de cena. *Elxs* pareceram entender. Passei a exibir os trechos de plano sequência. Fui narrando algumas coisas, como o vento, a luz, a câmera que se mexia e qual sensação ela me passava. Seria esse um movimento de

acostumar o olhar, e impedir que elxs vissem/sentissem aquilo que quisessem ver/sentir? A intenção não era essa, mas talvez, com esse excesso de explicações, eu tenha condicionado o olhar delxs ao meu.

Depois dos vídeos, coloquei as fotos que eu havia feito no fundo de casa para que elxs vissem algumas possibilidades de enquadramentos, ângulos de câmera, luz, dentre outros. Achei que elxs ficaram assustados com as nomenclaturas que também acompanhavam essas fotos, mas disse que não precisavam se preocupar com isso, coloquei ali só para elxs saberem que existiam os nomes, mas que o que importava mesmo era a sensação que cada uma daquelas fotos transmitia para elxs, e que era possível fotografar de outros modos que não aquele em que *o que queremos mostrar* está ao centro da imagem, com a câmera na altura dos olhos.

Com isso, entreguei uma folha para que, caso quisessem, anotassem alguma coisa, e também para consultar as perguntas que eu havia feito, já que elas estavam impressas na parte de cima da folha. Julio me informou que o recreio se aproximava, e que seria interessante elxs se dividirem e deixarem para pensar nas perguntas e fazer as fotos/vídeos depois que voltassem. Eu nem sequer tinha me lembrado disso. Ótima ideia, disse isso a elxs e então o sino bateu.

Quando elxs retornaram, dividimos os grupos em dois. Vivian, Julio e Yadira ficaram com o grupo das fotos, e Paola e eu, com o grupo dos vídeos. O primeiro grupo logo saiu para a ação, enquanto nós, que ficamos dentro da sala, escrevíamos no quadro algumas respostas que elxs deram para as perguntas, enquanto questionávamos-lhes sobre o caminho que cada grupo optaria por percorrer. Como haviam 10 alunxs que ficaram com os vídeos, dissemos que seria interessante trabalharmos com dois grupos de 5 alunxs cada. Com os lugares da escola que elxs nos falaram, e sentimentos que traziam para cada um, todos escritos no quadro, uma aluna começou a sugerir um caminho para ser percorrido: saímos da sala de aula, depois filmamos a quadra, a sala de tecnologia, e... Descreveu o que ela chamou de “caminho perfeito”, e depois foi logo numerando a ordem que ela havia dito, no quadro. Enquanto uma outra aluna discordou: acho que deveríamos começar do portão, já que é por lá que a gente entra. Paola então sugeriu que os grupos se formassem de acordo com aquelas sugestões. Um grupo começaria filmando os elementos a partir da sala de aula, e outro do portão. Separamos os grupos, e Paola foi para a entrada da escola com um grupo, enquanto eu fiquei na sala de aula com o outro. Comecei a fazer algumas perguntas, já que os lugares que queriam filmar foram definidos: como filmar,

por exemplo, que vocês não gostam do fato da aula ser integral? Fiz essa pergunta pois uma aluna havia dito que o que não gostava na escola era isso, porque ficava o dia inteiro lá e não dava tempo de fazer outras coisas em casa, chegava muito cansada e precisava dormir. Ainda apontou que alguns alunos acordavam muito cedo, como seu colega que acordava 04h30. “Dá pra colocarmos uma folha sulfite escrito INTEGRAL embaixo do nome da escola na placa que fica no portão” - ela disse. Pode ser... e a fofoca embaixo da caixa d’água, como faremos? - Perguntei. “Fácil, fica você, você e você conversando, enquanto você filma” - Designou. Parece que tínhamos ali uma roteirista, como ela mesma apontou: eu daria uma ótima roteirista. Xs demais alunxs concordavam com ela, e davam sugestões: “temos que mostrar a sala da diretora, já que temos medo de lá. Só vamos lá para levar advertência ou bronca, nada de bom acontece naquela sala”; “sim, podemos passar lá depois da quadra. Vamos logo filmar. Já temos tudo decidido, agora é só filmar”.

Saímos para a primeira filmagem. Uma aluna ia com a câmera na mão, enquanto nós cinco, íamos enfileiradxs, atrás dela, olhando pelo display da filmadora aquilo que estava sendo filmado, em silêncio, para não interferirmos em nada (*Eu ainda com essa ideia de que é possível não interferir em nada. Quando vou parar com isso?*). O roteiro não foi seguido e a câmera parecia ditar o que deveria ser filmado, já que a nossa visão era aquilo que aparecia no display. Xs alunxs que ficaram atrás da aluna com a câmera na mão, também faziam movimentações nos braços dela, virando-os para algumas coisas que eles queriam mostrar. Virou-se a câmera para a mesa do *wiifi*, nome que elxs davam para o único lugar da escola que tinha sinal de internet, e que foi eleito como um dos preferidos delxs para passarem o tempo. Atrás das câmeras sempre ficavam os cochichos e gestos gritantes: vai logo lá fofocar, que eu vou filmar - gritou um dos alunos, com o sacudir de sua mão, sem emitir nenhum som. Um aluno então atendeu ao seu pedido, e no caminho levou um tropicão. Ele não chegou a cair, mas desapareceu do vídeo. Todos riram em voz baixa, já que estavam bem próximos da câmera.

Aconteceu algo bem interessante durante esse caminho. Nosso grupo de filmagem se encontrou com o outro grupo de filmagem. Foi engraçado ver que elxs também estavam enfileiradxs olhando para o display, quase igual estávamos, em um movimento que parecia vir direto da curiosidade em saber o que estava sendo filmado. Acho que aprecemos na filmagem delxs.

Quando a nossa gravação terminou, fomos assisti-la pelo display da câmera, embaixo da caixa d'água. Pareciam se sentir muito à vontade nesse lugar, e depois me explicaram que aquele era o lugar que focavam quando chegavam na escola, antes de entrar na sala, e que, quando acabava a aula, também era ali que esperavam o ônibus. O grupo não gostou do vídeo: “ficou tremido demais, Giovana, vamos gravar outro”. Giovana era quem estava segurando a câmera, aquela que daria uma ótima roteirista. Antes de gravarmos, pedi que pensássemos na proposta que eu havia feito: “estamos mostrando a escola, mas o que vocês acham que só tem aqui, e não tem em mais nenhuma outra escola?” - eu disse. Um menino respondeu que era a comida. Todos riram, e ele então explicou: “a comida daqui é muito boa, a tia Rita capricha no almoço, esse gosto não tem em nenhum outro lugar”. (*Ah, sentimos o gosto do capricho da tia Rita depois que terminamos a experimentação e fomos convidados a ficarmos para o almoço. Acho que nunca vou me esquecer o gosto*). Outra aluna disse: “as amizades... aqui a gente é todo mundo muito junto, e conversa com todo mundo, conversa até com os professores, você acha que lá em Campo Grande os alunos são próximos dos professores, como a gente é aqui? Claro que não, né!”. “E como vamos filmar isso?” - Perguntei. “Simples, podemos filmar a gente dando um abraço.” - ela disse. “Onde vai ser esse abraço?” - rebati. Parece que eu colocava questões demais para um exercício que estava sendo encarado com mais leveza, por elxs. Para mostrarmos que a escola era integral, um dos alunos deu uma sugestão de filmarmos o relógio de um dos integrantes do grupo em dois horários, um no começo do vídeo que retratava o horário que estávamos (manhã), e outro, no final do vídeo, como horário que eles saíam da escola (16 horas). Com essas novas ideias, voltamos para a sala para começar novamente a filmagem.

O aluno com a câmera filmou seu relógio, com o horário de quando se iniciou o vídeo. Duas alunas do grupo foram juntas, em direção a quadra. Haviam combinado que iriam se abraçar ali perto, para mostrar a união que elxs tinham na escola, e a amizade. Quando passamos lá pela primeira vez, tinha uma turma jogando futebol, acho que era aula de Educação Física. Elas me chamaram, e pediram pra eu avisar os meninos que estavam com a câmera, que iriam se abraçar na porta da quadra. Fui correndo então avisá-los, para que fossem para a entrada da quadra. Foi isso que eles fizeram. Quando chegamos na porta quadra, vimos um círculo de alunxs se abraçando, no centro. Ele então correu com a câmera para filmar. Alguns alunxs correram com a chegada da câmera. Xs que estavam no centro, estavam

gargalhando, queria muito estar lá também. Senti que elxs estavam se divertindo. Queria que a câmera estivesse lá, junto comigo. Pedi então a câmera que estava na mão do aluno, coloquei a câmera bem no meio da roda. A câmera saiu da minha mão, e foi para a mão de outra pessoa. A câmera pertencia aquela roda, naquele momento, e a única coisa que eu tinha acesso de lá eram os sons das risadas. Depois entregaram-na de volta para o aluno que estava inicialmente com ela. Saindo da quadra, ele foi para a sala de tecnologia, e a sala dos professores. Saindo, ele filmou os pés dos colegas do grupo, que estavam passando, enquanto o restante se posicionava no cantinho da fofoca. Já sentadxs embaixo da caixa d'água, conversavam sobre coisas que tinham acontecido na festa da rapadura, realizada ali do lado da escola, no mesmo lugar em que a rapadura estava sendo feita, pouco tempo antes de nosso encontro. A câmera foi então para a entrada da escola, filmar o nome que estava numa placa. Era importante para eles mostrar o nome, um aluno apontou, já que o nome fazia parte do conjunto de coisas que “só eles tinham”. E da entrada da escola foi para a caixa d'água, terminando o vídeo com a conversa entre elxs, e depois o relógio com o horário de saída da aula.

Todos xs demais alunxs já haviam terminado a atividade e já estavam dentro da sala. Quando chegamos lá, a Vivian estava passando as fotos para o meu computador, para começarmos a discussão sobre o que produzimos. Projetei as imagens e os vídeos, e todxs assistimos a tudo.

Cena 2 - 09 de setembro de 2019

Esse dia, sem dúvidas, foi o dia mais quente do ano. Acordei mais cedo do que o normal, para revisar a experimentação, já que nosso encontro aconteceria às 13 horas. Para esse encontro, eu tinha um novo desafio: conseguir reorganizar a experimentação para utilizar apenas dois tempos de 50 minutos de aula, que eram as aulas que professora de Matemática, Fernanda (também minha colega de grupo e irmã de orientação), havia me cedido, para que, no outro tempo de aula, cedido pela professora de Geografia, eu exibisse o que fora feito pela EE Zumbi dos Palmares e pedisse para que fizessem perguntas. Pensei em retirar aquela atividade dos olhos vendados... lembro que fiquei bastante tempo com ela, embora tivesse um objetivo importante, que era “tornar o olho fraco pela ausência da luz para fazê-lo funcionar de modo a permitir enxergar outras imagens”, ou seja, enxergar de olhos vendados. Mas eu ia ter que retirar alguma coisa, afinal, eu não tinha tempo...

Acho que tempo foi o meu maior problema nessa escola (*ah, também acho que foi meu maior trunfo... é quem sabe as duas coisas*). A dificuldade começou quando conversei com a coordenadora para marcarmos um dia para a experimentação. Ela me disse que lá elxs tinham muitas atividades, tinha a semana de provas que se iniciaria em breve (dois dias depois da data que marcamos esse encontro, pra ser mais exata), era ano de prova Brasil e os professores tinham muito conteúdo pra trabalhar, e por fim me disse que não sabia se xs alunxs poderiam gastar tanto tempo assim “com essas coisas”. Por fim, consegui negociar essa data com ela.

O desafio estava lançado. Fechei o olho para não ver que tirei a atividade de fotografar de olhos vendados (que eu achei interessante, pois envolvia fotografar com outros sentidos que não a visão), e estruturei esse encontro começando pela atividade de desacostumar o olhar, e logo depois a proposta de filmar/fotografar escolaS. Isso seria feito nos dois primeiros tempos (inclusive a exibição do que fora produzido), e no outro tempo, depois do recreio, eu iria exibir os vídeos e fotos produzidos pelxs alunxs da EE Zumbi dos Palmares, e depois pediria para que fizessem perguntas.

Me encontrei com Julio e Vivian dez minutos antes das 13h, em frente à escola. Esperamos xs alunxs entrarem na sala, com a professora Fernanda. Antes de entrar nas salas, todxs formam filas, no pátio, divididxs por ano. Cada ano faz uma fila de meninos e outra fila de meninas (*Nossa, isso parece-me estranhar um pouco. Qual a*

finalidade dessa separação? Será que há, ou precisa, ter alguma diferença entre meninos e meninas para entrar na sala? Que tal fazer uma diferenciação por sorrisos? Que tal uma por quem nasceu nos dias ímpares e pares? Que tal fazer uma diferente a cada dia? Quem tal por sorteio? Que tal nenhuma?). De fato, nunca entendi muito bem isso, de separarmos meninos e meninas em duas filas diferentes para entrarmos em sala, mas me lembro que fazíamos isso na minha escola também, mas quando éramos pequenos, que era até a 4ª série.

Eu estava preocupada com o tempo, quando entramos na sala pensei que não ia dar tempo de fazer tudo que eu me propôs, ainda mais que tinham mais de 30 alunxs em sala. Como faríamos para acompanhar todxs alunxs? Nesse encontro tínhamos dez alunxs a mais, e duas “ajudantes” a menos (Paola e Yadira).

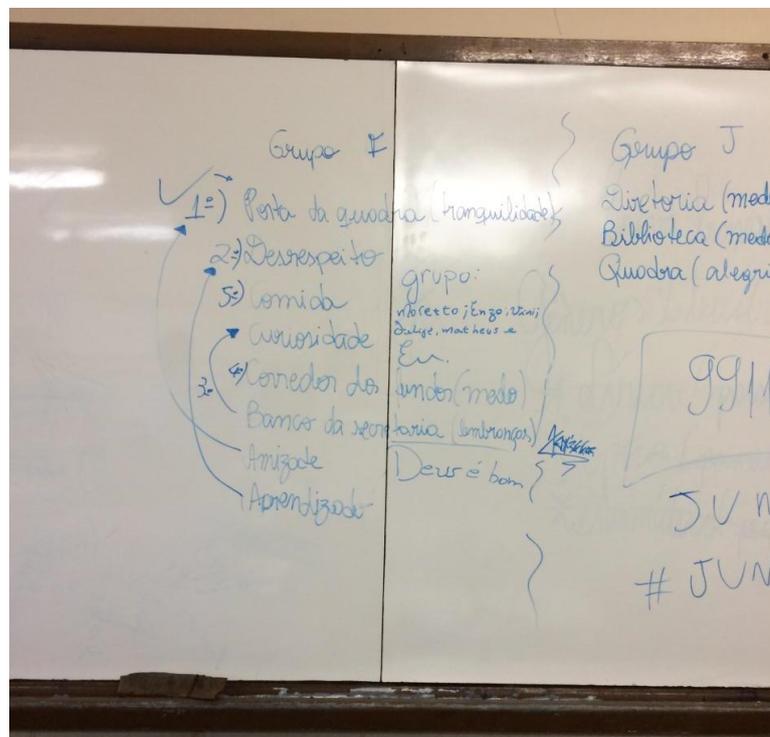
Enquanto o técnico montava o equipamento (projeto e caixa de som), eu me rerepresentei. Já havia dado aula para elxs anteriormente, numa semana em que a professora Fernanda não pode e pediu a minha ajuda. Apesar da turma ser grande, eu tinha gostado de dar aula para elxs (*ah, eu não gosto quando as turmas são grandes, porque acabo não conseguindo acompanhar todo mundo e deixando um monte de gente de lado. Será que eu precisaria deixar um monte de gente de lado nessa experimentação?*). Comecei a apresentação como eu tinha feito em Furnas: disse meu nome, disse o nome de minha mãe, disse que eu tinha um irmão e um sobrinho. Elxs riram. Alguns riram logo quando eu falei o nome da minha mãe. O que aparentemente não causou nenhum estranhamento na escola Zumbi dos Palmares, havia sido inusitado por aqui. Um até me pediu a conta do banco, como se falar o nome da minha mãe fosse muita informação... fiz uma brincadeira e continuei, disse de alguns *hobbies*. Metade da turma prestava atenção, enquanto a outra metade fazia qualquer coisa, desde desenhar, até dormir ou conversar com xs outrxs alunxs. Pedi então para que elxs se apresentassem. Alguém disse: vamos ter que dizer o nome da mãe? A turma riu novamente.

Um aluno novo, que havia chegado na escola aquele dia, começou dizendo seu nome, idade e que era de Sidrolândia. Xs demais, com algumas exceções que falou também de seus *hobbies*, seguiram esse padrão. Não consegui entender o nome de muitxs delxs, principalmente xs que estavam no fundo, por conta da conversa. Não quis pedir para elxs repetirem porque fiquei com medo de não dar tempo... Quando elxs terminaram a apresentação, já estava acabando o primeiro tempo. Pedi para que fechassem os olhos para que eu iniciasse a primeira atividade. Algumas risadas

surgiram novamente. Um até gritou que iam dar uma de Chico Xavier. Acho que elxs pensaram que essas coisas eram bestas... mas continuei.

Mesmo com a desconfiança delxs, fui pedindo para que se lembrassem da escola, e depois tentar pensar no que só elxs viam na escola, acrescentando algumas outras perguntas. Depois, li o poema de Manoel de Barros e vi uma interrogação na cara de muitxs. Pedi para que abrissem os olhos e comecei a falar sobre a proposta da experimentação, que era gravar os vídeos e tirar as fotos, e sobre a dinâmica que a perpassava. Quando li as perguntas disparadoras, algumas respostas foram logo surgindo. Parecia que elxs sempre estavam prontos para responder tudo, com alguma coisa na ponta da língua.

Na hora de dividir a turma entre quem filmaria e quem fotografaria, pedi para que aqueles alunxs que tinham internet no celular ficassem no grupo de fotos, já que depois elxs teriam que mandá-las para mim, para que eu exibisse-as para a turma. A maior parte da turma quis ficar com a produção de fotos. Julio e Vivian acompanharam xs alunxs que fotografaram, e eu fiquei com xs outrxs 10 alunxs que optaram por fazer o vídeo. Dividi esses 10 alunxs em dois grupos, e pedi para que elxs pensassem nas perguntas, e se precisassem, usassem a folha com as perguntas para responder. Fui colocando algumas respostas no quadro.



O Grupo F se mostrou mais empolgado com a proposta, deram várias sugestões e foram logo numerando os itens que elxs haviam listado na folha e eu

havia colocado no quadro. O grupo J precisou de um empurrãozinho, e como o outro grupo havia tomado conta do quadro e do canetão, fui até eles (os meninos desse grupo estavam no fundo da sala), e comecei a estruturar com eles algumas coisas. Um sentimento interessante que surgiu quando eles descreviam a escola foi o da ansiedade. *(Nossa... interessante? Foi isso mesmo que acabei de escrever? Acho que quis dizer que me chamou atenção. Inusitado, estranho... Talvez alguma coisa no meio disso tudo)* Um menino me disse que ele sente muita ansiedade na escola, e quando questionado sobre isso, ele respondeu que tinha o relógio em cima do quadro, e que elxs sempre ficavam muito ansiosos para o final da aula, conferindo frequentemente o relógio, para ver quanto tempo faltava para acabar, e que a ansiedade aumentava perto da hora de ir embora (pouco depois de 17 horas), quando elxs não aguentam mais ficar dentro da sala: vai dando uma agonia, vontade de levantar e ir embora logo - um deles falou. O outro complementou: sim, tem dias que eu roo todas as unhas, mas as vezes tem professor que passa o conteúdo até a hora que vêm bater na porta da sala. Como os alunxs de séries anteriores saem 17h, os alunxs do 5º ao 9º saem alguns minutos mais tarde, só depois que umx funcionárix da escola bate na porta da sala para avisar *(Porque é preciso ter um relógio em sala? Para marcar o tempo da aprendizagem? Filas entre meninos e meninas e relógio em sala. Que será isso? Por que isso?)*.

Perguntei então como podíamos filmar a ansiedade, e um deles respondeu que poderíamos filmar eles chacoalhando as pernas, como faziam quando queriam ir embora logo, e filmar o relógio, que poderia ser ajustado perto da hora de ir embora. Disse que poderíamos começar nosso vídeo assim. Outras cenas que eles gostariam de filmar foram a dor de barriga que sentiam na entrega de notas, a tristeza de entrarem na escola e não poderem sair, a alegria ao encontrar os amigos, e em ver as meninas também, em tom de paquera mesmo. Expliquei que eles precisavam pensar em uma forma de filmar tudo isso sem parar a câmera, então teriam que decidir a ordem, quem filmaria o que, etc. Eu reexpliquei tudo que eu tinha falado para a turma inteira, acho que eles não tinham prestando atenção. Eles começaram a escrever, na folha que eu entreguei, a ordem que seguiriam, e eu fiquei bem preocupada quando um deles sugeriu entrar no banheiro para filmar a dor de barriga. O que será que eles poderiam filmar lá?

Fui então acompanhar o outro grupo, que já tinha uma ordem para ser seguida e estava prestes a começar a filmagem. Lembrei que alguns daqueles alunxs estavam

envolvidos na produção de um documentário na escola, e que talvez, essa familiaridade veio dessa experiência. Vi elxs começando a filmar a partir da quadra. E saindo da quadra tinha uma das meninas do grupo que estava varrendo o pátio, enquanto um outro menino se preparava para jogar o lixo no chão. Achei muito interessante o modo como pensaram nessas coisas, já que nas discussões em sala uma aluna do grupo falou que gostaria de filmar o desrespeito que acontece na escola, e aí um aluno logo sugeriu que dava pra juntar, com o desrespeito, o aprendizado, com alguém explicando ao aluno que jogaria o lixo no chão que isso não é certo, já que tem lixeiras para isso, e a coordenadora já tinha entrado na sala para falar que agora escola estava com apenas uma “tiazinha da limpeza”, e ela não dava conta de limpar a escola inteira e precisavam mais do que nunca da ajuda dos alunos.

Isso de a escola possuir apenas uma auxiliar de limpeza, aconteceu depois de uma reestruturação pela qual as escolas municipais de Campo Grande passaram, depois das férias do meio do ano. Essa reestruturação envolveu alguns aspectos como a perda da professora da sala de tecnologia, que fora substituída por um técnico, aquele que me ajudou a montar o projetor e caixa de som. Outro aspecto envolvido foi o dinheiro que a escola recebia para gastar em itens como a merenda. Todas essas informações foram ouvidas por mim, a partir de comentários dos professores e professoras que trabalhavam na escola.

Voltando para o outro grupo de filmagem, vi que os meninos estavam se divertindo... com a câmera na mão, eles davam muitas risadas assistindo ao que fora filmado, acho que estavam na parte do banheiro. Através daquele pequeno visor, um deles disse: não ficou muito bom... a gente nem gravou aquela parte da tristeza, vamos outra vez. Um disse “ah não”, até que foi convencido por um “é melhor do que ficar na sala”. Decidi acompanhar o grupo dessa vez. No meio do vídeo surgiram coisas como “onde fica a biblioteca? nem eu sei onde fica a biblioteca”. Me pareceu que a tentativa de criar uma situação atípica, através da produção de fotos e vídeos na/da escola, estava sendo colocado em prática, já que eles pareciam estar conhecendo uma outra escola e até mesmo lugares que “sempre estiveram ali”, mas que produziram significado para eles apenas com a filmagem.

Essa situação parece traduzir bem o que Mia Couto quando diz: *“deixamos de ver as coisas que se tornam demasiado nossas”*. Na minha época enquanto aluna do Ensino Fundamental, eu também não costumava ir à biblioteca. Me parecia que era um lugar para ninguém. Não podíamos dar um *pio*, deveríamos sentar direito, não

podíamos ficar muito tempo em pé procurando livros, não podíamos tirar muitos livros das estantes, e nem folheá-los, apenas quando estivéssemos sentadxs nas mesas. E tudo isso só poderia ser feito no pouco tempo que tínhamos para o recreio, contanto que não levássemos comida para lá, ou quando algumx professorx (que eu me lembre, apenas de literatura) se aventurava em nos levar durante a aula. Como será que funcionava a biblioteca delxs? Será que também era um espaço para ninguém, como era a biblioteca de minha escola?

Os alunos tinham gostado do vídeo que gravaram, porém pedi para que gravassem outra vez, pois um deles havia falado um palavrão durante a gravação do vídeo. Disse que eles precisavam ser mais rápidos, e o tempo estava acabando. Tinha programado a produção de fotos e vídeos para antes do recreio, junto com a exibição de tudo que fora produzido, mas como faltava apenas 5 minutos para o recreio, já sabia que a exibição ia ter que ficar para depois. O tempo estava lá, outra vez, me lembrando de sua existência esguia (*Uau, gostei dessa minha frase. Como ter outras assim?*). Voltamos para a sala, e antes de bater o sino eu tive tempo apenas de pedir para o grupo das fotos me mandá-las pelo *whatsapp*. Enquanto isso, ficamos, Vivian e eu, organizando as fotos e vídeos produzidos me ajudou na organização das pastas com o que foi produzido.

No recreio, conversando com a professora de Geografia, que tinha os dois últimos tempos naquela sala, ela me disse que precisaria da última aula para trabalhar uns tópicos importantes para a prova deles, e apesar de ter me cedido gentilmente um deles, eu sabia que não poderia ultrapassá-lo. Me reorganizei ali mesmo, tirando a parte em que eu perguntaria para elxs quais sentimentos estavam envolvidos na produção das fotos e vídeos. Não fiquei muito feliz em ter que tirar essa parte, mas era isso, ou não daria para exibir as produções dxs alunxs da escola Zumbi dos Palmares.

Quando comecei a exibição das fotos e vídeos que elxs tinham produzido, metade da sala não estava prestando atenção, acho que tinha até uma aluna dormindo no fundo da sala, mas exibi mesmo assim. O barulho de conversa era grande. Alguns comentários eu não consegui ouvir por causa do barulho. Chamei a atenção delxs algumas vezes, mas não adiantou muito. Depois da exibição eu fiz a seguinte proposta: disse que tinha feito uma experimentação de fotos e vídeos, parecida com a que eu havia feito com elxs, mas na Escola Estadual Zumbi dos Palmares. Nesse momento um dos alunos perguntou, rindo, como se eu tivesse falado

a maior besteira do mundo: Zumbi? Então eu disse: sim, Zumbi. Ele ficou me olhando, com olhar desconfiado, e com um sorriso torto. Não achei que o nome fosse ser motivo de estranhamento para elxs. Será que eles sabiam quem foi Zumbi dos Palmares? Perguntei se elxs gostariam de assistir e disse que, para isso, eu precisaria mandar para a escola Zumbi dos Palmares o que havíamos acabado de produzir em nosso encontro. Ninguém se opôs, então disse que colocaria as câmeras para gravá-lxs enquanto elxs assistissem a exibição, e também depois, quando fizessem as perguntas. Arrumamos as câmeras, e então dei o play.

A cara de estranhamento foi evidente. Seguida, ou ao mesmo tempo, não sei, de alguns comentários do tipo “nossa!”, “credo”, “o que é isso?”, e teve também um “parece um demônio” de uma menina que estava sentada perto da carteira que eu estava. E foram surgindo mais comentários: “parece a escola da vila nhanhá”, “só tem mato, essa escola é no fim do mundo”, “é nessa aldeia que eles fumam maconha?”. Nesse momento eu parei de olhar para xs alunxs, e passei a olhar para o que estava sendo exibido. Fiquei com medo... Medo das perguntas que estavam por vir, medo pela minha pesquisa, mas especialmente fiquei envergonhada daquilo estar acontecendo ali, diante dos meus olhos. Como uma foto, de três alunos negros, podia ter causado tanto estranhamento que desencadeou esses comentários iniciais? Eu deveria parar a exibição das fotos para discutir com elxs alguma coisa? Eu iria conseguir coordenar essa discussão??? Eu

nunca tive que lidar com isso

antes...estava totalmente

paralisada pelo

medo

.

Um parêntese: (que deveria ser um ponto de exclamação)

Depois do meu encontro em Furnas do Dionísio, eu senti a necessidade de saber mais sobre a comunidade na qual a escola estava inserida, e dentre os muitos trabalhos e artigos, encontrei um livro chamado “Flor do quilombo: lendas e narrativas de Furnas do Dionísio” escrito por Sirlene Jacque de Paula Silva. Sirlene é moradora de Furnas do Dionísio, e o livro conta a história de Luanda, uma menina de treze anos que escrevia cartas para seu colega poeta, pela necessidade de extravasar seus sentimentos e, com isso, também contar algumas lendas e narrativas da comunidade quilombola onde morava.

No capítulo “V - Escola de nossas vidas”, Luanda conta para seu amigo poeta, como era antes de existir uma escola dentro da comunidade quilombola, que atualmente é Escola Estadual Zumbi dos Palmares, apelidada por todos de Escola Grande, e sobre suas experiências na única escola possível para quem morava na comunidade, a escola José Serafim Ribeiro, no município de Jaraguari-MS. Na minha leitura, uma parte de seu relato me chamou atenção:

Vou te contar um fato que aconteceu quando nós não tínhamos nossa Escola Grande... Ultimamente venho lembrando muito desse fato. Quando eu fazia a 5ª série em outra escola, havia alguns meninos que insistiam em ficar rindo da minha cor. Nessa escola, ainda tinha gente que contabilizava negros, sempre menos, nunca igual. Eles ficavam rindo e sussurrando.

Mas eu sabia de cor e salteado o que estavam dizendo: “Pretinha, pau de fumo, semente de bucha, cabelo de carrapicho, cabelo de bombril, cabelo de cachopa de abelha, saci, cabelo de pichain, fedida, negra do cabelo duro, macaca!” Não demorou muito para que eu achasse uma tortura ir para a escola. Não queria mais pisar lá. Eu não tinha motivação nenhuma! Naquela escola não tinha ninguém que me achasse bonita ou inteligente. Os alunos riam de mim e faziam piadinhas ao meu respeito, todo dia.

[...]Mas eu tinha de suportar sem reclamar, se quisesse sobreviver naquela escola de brancos.

Quanto à professora, continuava sentada onde estava, pacata, sem ação, desarmada, silenciada pela omissão. Esse foi um dos muitos exemplos que eu tenho do descarado míni-retrato da escola. Quando se deparam, cara-acara, com a mal resolvida relação entre negros, brancos e índios, usam o silêncio!

Mas silenciar não é resolver, é usar carapaça, se esconder, lavar as mãos! No meu entender, isso significa virar as costas, não se armar até os dentes em defesa da superação das desigualdades raciais! Qualquer pessoa sabe disso. Por que a professora se recusava a se tocar? Até quando ia fazer fila junto aos covardes? Atuava como se não ouvisse, como se nem percebesse como o meu entusiasmo foi lentamente se transformando em desespero!” (SILVA, 2004, p. 41)

Gostaria de dizer para Luanda que eu fui essa professora. Sem nenhum “mas”. Eu fiquei parada, ouvindo alguns comentários como os que ela ouviu, não parei o que eu estava fazendo, não fiz nenhuma discussão, fiquei “onde estava, pacata, sem ação, desarmada, silenciada pela omissão”, fiz “fila junto aos covardes”. Não parei a exibição das fotos, por mais que eu tenha ficado preocupada com os comentários. Agi exatamente igual a professora do relato de Luanda. Nenhuma teoria ou teorização deu conta de me ajudar nessa hora.

Estava sozinha, com medo, mas omissa *(Pois bem, esse é meu momento de angústia, trava na língua, apenas torturando-me por dentro de minhas tripas... apenas esse silêncio que grita, sufoca...)*.

Eu espero, Luanda, que no meu último encontro na escola Padre José Valentim, eu consiga discutir com xs alunxs sobre isso. Tenho pensado em como vou fazer essa discussão, o que eu posso propor, ou como voltar para essas questões. Eu fui essa professora, e não quero que isso se repita. Quero “me armar até os dentes em defesa da superação das desigualdades raciais” *(Hey, espera um pouco... para, respira, presta atenção na respiração Bruna. Respira Fundo, mais uma vez, mais outra e outra mais: quero amar mais até mesmo os dentes dos alunos, em defesa da construção de lógicas e narrativas outras, em que serem humanos se vejam uns nos olhos dos outros, com uma oportunidade única de se inventarem)*. Quero que xs alunxs consigam ver que essas verdades que elxs carregam com elxs devem, também, ser soterradas, como eu fiz com muitas das minhas verdades. Quero que tenham condições de verem outras tantas verdades as quais não são atravessadas por comentários racistas, verdades que xs alunxs da sua Escola Grande mostraram com as produções que fizeram no dia em que eu estive aí. Afinal, essa foi a minha própria motivação de pesquisa: conhecer as verdades que os alunxs das duas escolas tinham para contar uns aos outrxs, a partir de fotos e vídeos *(ah, desculpem-me a expressão: me armar até os dentes...vamos trocá-la: me encher de argumentos...não ficou bom, mas é preferível...)*.

Fechando esse parêntese e voltando ao relato (*ledo engano de que isso é possível*), continuei exibindo as fotos, e os comentários, pelo menos os que eu ouvia, eram todos na direção desses comentários. Quando os vídeos começaram, parece que elxs finalmente conseguiram enxergar outras coisas, alguém chamou a atenção para o fato de elxs terem ar condicionado nas salas, e o quanto isso era legal. Quando chegou na parte do vídeo que mostrava o fogão a lenha, com a rapadura sendo feita naquele enorme tacho, elxs ficaram surpresos. Eu não sei qual foi a interjeição que usaram para demonstrar essa surpresa, mas sei que foi de modo geral. Uma aluna comentou: a comida deles deve ser muito gostosa. Elxs ficaram especulando sobre o que era *aquilo* no tacho, mas chegaram a conclusão que era feijão. E então veio a parte do abraço, e depois dxs professorxs... Na parte em que xs alunxs filmaram os pés, eu ouvi “eca”, seguido de “eles vão de chinelo” e algumas risadas. No outro vídeo, que mostra bastante a parte de fora da escola, uma menina do fundo disse “nossa, olha quanta árvore, deve ser muito legal estudar nessa escola”. O ar-condicionado apareceu outra vez, e dessa vez em mais de uma sala. Alguém comentou “olha, eles têm ar-condicionado em todas as salas, sim”. Também perguntaram sobre o tanto de livros da sala.

A exibição acabou, e eu com o meu celular iniciei uma gravação em áudio, para me auxiliar na gravação das perguntas. Pedi para que xs alunxs fossem passando meu celular. Imaginei que a conversa atrapalharia... e a posição da câmera também não seria favorável para que o áudio ficasse bom. Elxs começaram tímidos, fazendo algumas perguntas, mas depois logo foram se soltando. O celular, que já não me pertencia mais, ia caminhando num caminho feito ali, por eles, entre olhares, e receios, e curiosidade, e muitas curvas.

Algumas perguntas eu nem consegui ouvir, o barulho estava muito grande. Estava esperando que o celular tivesse ouvido tudo, para me contar depois. Quando elxs terminaram de fazer as perguntas, fui ouvir o que o celular tinha para me dizer, mas não ouvi quase nada. Pensei que não tinha ficado boa a gravação, sugeri que quem havia feito perguntas fosse comigo para quadra, que era um lugar mais silencioso do que a sala. Algumas perguntas se repetiram, mas o que me deixou mais feliz disso tudo, foi o agradecimento que um dos alunos fez, ao final. Ele agradeceu aos alunos da EE Zumbi dos Palmares, e disse que gostou muito do que eles fizeram, “muito mesmo”, e depois disse que esperava que elxs também gostassem do iriam

assistir. Eu fiquei em êxtase com esse agradecimento. Nem imaginava, depois daqueles comentários iniciais, que perguntas tão interessantes e comentários tão legais, como esse, iriam surgir.

Cena 03 - 17 de setembro de 2019

Haviam duas atividades que ocorreriam nesse encontro: assistir os vídeos e as fotos produzidas pelos alunos da EM Padre José Valentim e fazer perguntas, e responder as perguntas feitas pelos alunos da EM Padre José Valentim. Pensando na ordem que eu adotaria para tal, concluímos que seria mais interessante mostrar as perguntas feitas pelos alunos da EM Padre José Valentim depois que os alunos da EE Zumbi dos Palmares fizessem suas próprias perguntas, já que a ideia era que eles perguntassem sobre aquilo que os afetasse naquelas fotos e vídeos exibidos, e não a partir de outras perguntas já feitas.

Combinei com a Leila que iríamos no dia 17, e, como sempre, ela me deixou bem a vontade quanto ao horário. Como tínhamos tempo neste encontro, pensei em retomar, no slide, aquelas perguntas que eu fiz antes deles filmarem e fotografarem:

Qual seu cantinho preferido da escola? O que você não gosta tanto da escola? Quais são os cheiros que você mais gosta da escola? O que só você sente na escola? Tem algum espaço na escola que você sente medo? Tem algum espaço na escola que te traga alegrias ou boas memórias ou tristezas? Quando falamos a palavra escola o que você sente, que imagem/cena você vê?

E depois de refazer essas perguntas, eu mostraria os vídeos e fotos feitos pela EM Padre José Valentim, e gravaria eles fazendo as perguntas, com as duas câmeras e meu celular, para ajudar a gravar o áudio. Deste modo, a sequência seria essa: exibição das perguntas disparadoras, exibição do que foi produzido na EM Padre José Valentim, gravação das perguntas dos alunos da EE Zumbi dos Palmares para os alunos da EM Padre José Valentim, exibição do que os próprios alunos da EE Zumbi dos Palmares fizeram, exibição das perguntas feitas pelos alunos da EE Padre José Valentim, gravação das respostas dos alunos da EE Zumbi dos Palmares. Dessa vez iríamos apenas Julio, Vivian e eu, como no encontro anterior na outra escola.

Saímos em mais um dia de calor muito intenso aqui em Campo Grande. O dia estava cinzento, parecia que uma fumaça cobria a cidade, o que nesses últimos dias era uma paisagem comum por aqui. Como estaria Furnas do Dionísio? Chegando na escola, encontramos a Leila, que nos cumprimentou e pediu para que ficássemos à vontade, e em seguida nos apresentou o diretor. Ele, simpático, veio nos cumprimentar mas logo voltou para suas atividades. Me senti em casa, encontramos

um cantinho para nos escorar até dar a hora da aula... Um banco em frente à quadra, já que o banquinho do *wifi*, lugar que sentamos da outra vez, estava todo ocupado pelxs alunxs. Outrxs alunxs ajudavam a professora de Educação Física a limpar a quadra. Com uma mangueira e um jato bem fraco de água, elxs enchiam alguns baldes, jogavam em um lado da quadra, e iam puxando com o rodo para o outro lado. Tinham uns sete ou oito rodos, e quem não estava com o rodo, estava ou buscando água em algum outro lugar, ou conversando com alguém que estava ali. A maioria dxs alunxs estavam descalçxs, ou de chinelo. Naquele calor, me pareceu uma excelente saída molhar ao menos os pés. Como será que tinha sido feita aquela proposta de limpeza? Será que isso era frequente na escola? Era uma cena um tanto atípica para mim.

Durante essa atividade, Leila tocou um sininho que ficava na coordenação, por volta de 14:20, e uma parte delxs foi buscar suas merendas (que nesse dia era arroz doce), enquanto outrxs simplesmente continuaram a limpeza. Depois que iam terminando de comer, voltavam para a limpeza da quadra, e nem sinal da professora que estava coordenando a atividade. Xs alunxs acabaram de limpar a quadra por volta de 14h40, mesmo horário que do término do intervalo, que foi quando a Leila tocou o sininho outra vez, e xs alunxs foram voltando para a sala, e ao perceber isso, fomos acompanhando-xs.

Nesse dia eu pude refletir que o tempo, ao menos nessas duas escolas, era diferente. Um tempo-escola que fora alterado com nossa presença ali, e uma pressa que não parecera ser compartilhada com os alunos dessa escola. Eu me identifiquei com a ansiedade do aluno da escola Padre José Valentim, quando disse que contava os minutos para aula acabar e ficava com uma certa angústia com relação a isso, não por querer que a aula acabasse, como aparentemente ele queria, mas sim por fazer o mesmo movimento de contar os minutos, olhar para o tempo, e sentir que não o tinha. Senti também que, por mais tempo que eu tivesse, esse tempo nunca seria o suficiente. Olhando àquelxs alunxs limpando a quadra, sem pressa nenhuma, abdicando de seus lanches para fazer aquela atividade, e aparentemente se divertindo com isso, concluí que certamente estava lidando com uma outra ideia de tempo e de escola.

Isso certamente não aconteceria na escola em que eu estudei. Lembro-me de uma vez, no terceiro ano do ensino médio, que um colega de minha sala foi pego riscando a parede, e teve que pegar balde e pano para limpar aquilo que ele tinha

escrito. No outro dia, o pai dele estava furioso na sala da coordenação. Ele contou para a gente que, quando contou para seu pai o que tinha acontecido, seu pai disse que era inadmissível que ele assumisse papel de empregada da escola, e que se o coordenador não se retratasse com ele, ele iria mudar de escola. Imagina só se em uma de nossas atividades limpássemos a quadra? *(Ah, aqui parece que foi mais um parêntese, talvez sem muita importância. Ou não: talvez isso tenha muita importância!)*

Chegando na sala tive que repensar a sequência, já que a atividade de limpar a quadra se estendeu. Decidi deixar de lado a exibição do que elxs haviam feito, e comecei comentando que nesse encontro eu iria exhibir o que xs alunxs da EM Padre José Valentim haviam produzido, para que elxs fizessem perguntas, e no segundo momento elxs responderiam as perguntas que eu trouxera de lá. Se eu pudesse voltar no tempo, acho que faria diferente: não contaria dos dois momentos no começo, contaria do primeiro momento, e depois que a atividade acabasse, contaria do segundo momento.

Meu (des)orientador diria que pensar assim, “se eu pudesse voltar no tempo, acho que faria diferente”, é operar na lógica da idealidade, já que eu estou buscando por aquilo que não aconteceu. Eu concordo com ele, às vezes me pego operando na lógica da idealidade. Esses tempos eu fui à uma palestra, em que a palestrante, Walkyria Monte Mór, disse que todo mundo tem dentro de si um colonizador, um jesuíta e um platonista, e que a nossa principal tarefa residia justamente em percebê-los e impedi-los de atuar. Acho que essa metáfora da Walkyria caberia perfeitamente aqui. De um modo geral, nos bastidores, eu tentei mostrar um pouco dos meus caminhos para perceber algumas atuações deles em mim mesma. Momentos como esses me fazem ver que devo desacostumar o meu olhar para essas coisas.

Acho que xs alunos da escola Zumbi dos Palmares estavam mais animadxs para as perguntas que viriam de lá pra cá, do que em ver o que xs alunxs da EM Padre José Valentim haviam produzido e perguntar. Fiquei com essa impressão por dois motivos: tanto pelas poucas perguntas que elxs fizeram depois de assistir as produções, tanto pelos próprios comentários delxs, como um “vai logo para as perguntas” que ouvi em um determinado momento. Também teve um pedido, de dois alunos diferentes, para que eu exibisse as perguntas que já haviam sido feitas para depois elxs elaborarem as suas próprias. Quando questionados, um deles falou: ah,

por que depois que a gente ver a gente vai saber mais ou menos o que é pra perguntar, ou vai ter ideia de alguma pergunta legal pra fazer. Essa tal idealidade, viu?!

Se isso acontecesse outra vez, eu diria: não existem perguntas boas, nem perguntas ruins, só perguntas de coisas que vocês querem saber sobre eles/elas/a escola/..., a partir das fotos e vídeos. Eu com certeza não disse isso, talvez tenha dito só a última parte, ou talvez não tenha dito nada, não me recordo. Eu estava preocupada com as poucas perguntas que que elxs haviam feito para EM Padre José Valentim. E se xs alunxs da EM Padre José Valentim ficassem decepcionadxs com quase ninguém querer perguntar nada? Será que elxs não perguntaram porque não tiveram interesse em saber como era a outra escola, talvez por já conhecer a cidade? Ou porque estavam com vergonha de perguntar, ou do gravador, ou das câmeras? Lembrei de uma vez que eu fui entrevistada, e quase não falei nada... não me senti confortável. Lembrei também que, quando o meu celular (que era o gravador), passava entre elxs, elxs iam se esquivando, como se aquilo fosse algum objeto que não podia ser tocado. Percebemos o medo quando um menino levantou, e foi entregar o celular para um outro menino que estava em outro canto. Então o menino olhou para o celular, e se escondeu. Todo mundo deu risada.

Cena 04 - 07 de outubro de 2019

Cheguei na escola e xs alunxs estavam surpresos com o meu retorno. “Você de novo aqui, professora?”, disse uma menina, enquanto ia em fila para a sala de aula. Pelos comentários que faziam uns axs outrxs, a felicidade do meu retorno era, ainda que eu não saiba se exclusivamente, por que eu ocuparia a aula de matemática, e assim eles não teriam aula.

Arrumamos todos os nossos aparelhos (câmeras, datashow, caixa de som e notebook), enquanto xs alunxs conversavam. Depois de tudo pronto, iniciei então a minha conversa com elxs. Disse que voltei à escola Zumbi dos Palmares, e exibi aquilo que elxs haviam produzido, tanto as fotos, quanto os vídeos, e que hoje eu trouxera as perguntas referentes a essa exibição. Elxs me perguntaram sobre as respostas delxs para as perguntas que tinham sido feitas no encontro anterior, eu disse que elxs haviam respondido, mas que eu mostraria apenas em um terceiro encontro, em que junto com a exibição das respostas, também faríamos, juntos, a edição para um possível documentário.

Tive essa ideia, de fazer um documentário, em uma de minhas conversas com meu (des)orientador. Achamos que seria interessante que além da dissertação, o meu mestrado também tivesse como produto a produção de um documentário. Tenho certeza que será (mais) um desafio para mim (*ah, claro que é um minidocumentário, mas seria outra experimentação minha em minhas escritas, cenas, movimentos...acho que pode ser interessante*).

Então, pedi para que fossem levantando a mão conforme desejassem responder as perguntas, e para irem passando meu celular que funcionaria como um gravador de voz, novamente, para que eu pudesse sincronizar na filmagem, e comecei a exibição, pergunta por pergunta...

Cena 05 - 02 de dezembro de 2019

Eu não queria ir para esse encontro. Pela manhã, fui a um evento na UFMS, em que o palestrante relembrou, no momento inicial de sua fala, sobre o caso do Evaldo Rosa, músico, negro, que estava com sua família no carro se dirigindo a um chá de bebê, e foi morto, com oitenta tiros de fuzil por policiais militares em Guadalupe, no Rio de Janeiro. Essa lembrança veio junto com um forte incômodo, já que eu fui levada a pensar até que ponto o racismo pode chegar. Evaldo poderia responder essa pergunta pessoalmente, mas por ironia do destino (acho que as pessoas dizem isso para tentar minimizar algumas coisas, e eu quero fazer “isso de minimizar” aqui já que está sendo particularmente doloroso escrever sobre esse dia) ele está respondendo essa pergunta mesmo depois de morto, com sua própria morte.

E então eu fui levada a pensar em uma outra questão: será que essas pessoas que mataram Evaldo frequentaram alguma escola? Longe de querer achar que a escola é a chave para todos os problemas (*será? Às vezes me pego bem perto disso*), penso que a escola poderia ser um espaço em que as pessoas pudessem olhar para x Outrx entendendo que a cor da pele não determina qualquer coisa que seja, muito menos quem precisa ser fuzilado com 80 tiros, e que se a escola se constituísse esse espaço, talvez a certeza de fazer tantos disparos contra o carro de Evaldo tivesse vacilado, e Evaldo teria conseguido chegar ao chá de bebê pra comemorar uma nova vida que estava por vir.

Logo pensei nxs alunxs da Escola Municipal Padre José Valentim, e nos comentários que fizeram durante nosso primeiro encontro, e naquilo que eu tinha separado para esse encontro para voltar para “aquela questão”. A verdade é que eu estava com medo do que estava por vir. Medo de eu não conseguir lidar com a situação, ou que eu não conseguisse atingir meu objetivo, que era fazer elxs entenderem que comentários como aquelxs que elxs fizeram são preconceituosos e violentos. São verdades que impedem outras verdades de coexistirem. São verdades que impedem vidas de existirem. São verdades que, em alguma medida, mataram Evaldo. São verdades que têm de vacilar, e a escola me parece um bom lugar para isso.

Pois bem... Saí da palestra e fui almoçar com a Endrika, minha amiga. Ela me acompanharia no encontro desse dia, para me ajudar com o manuseio da câmera. Quando chegamos na escola, fomos direto para a sala do nono ano, que já estava a

nossa espera. Para minha surpresa, haviam poucos alunxs, que na verdade eram mais de 20, mas comparado a nossos outros encontros, parecia haver um excesso de espaço na sala. Disse exibiria as respostas dxs alunxs da Escola Estadual Zumbi dos Palmares, e elxs pareceram animadx. Quando comecei a exibição, percebi mais alguns comentários e piadas preconceituosas. Quando um aluno da EE Zumbi dos Palmares respondia a uma pergunta, algum aluno da EM Padre José Valentim chamou uma colega pela nome, e disse “esse é do jeito que você gosta”, em tom irônico. Ela, por sua vez, disse “isso daí não é do jeito que eu gosto, não. Tem até quem goste, mas eu não gosto não”. E eu me calei, mas dessa vez foi um silêncio de quem sabia o que estava por vir...

Depois da exibição das respostas dxs alunxs da EE Zumbi dos Palmares, disse que eu tinha separado algumas cenas que eu queria discutir com elxs, pensando no primeiro encontro que tive com elxs, em setembro, quando estive lá pela primeira vez. Para isso, exibi o seguinte vídeo:

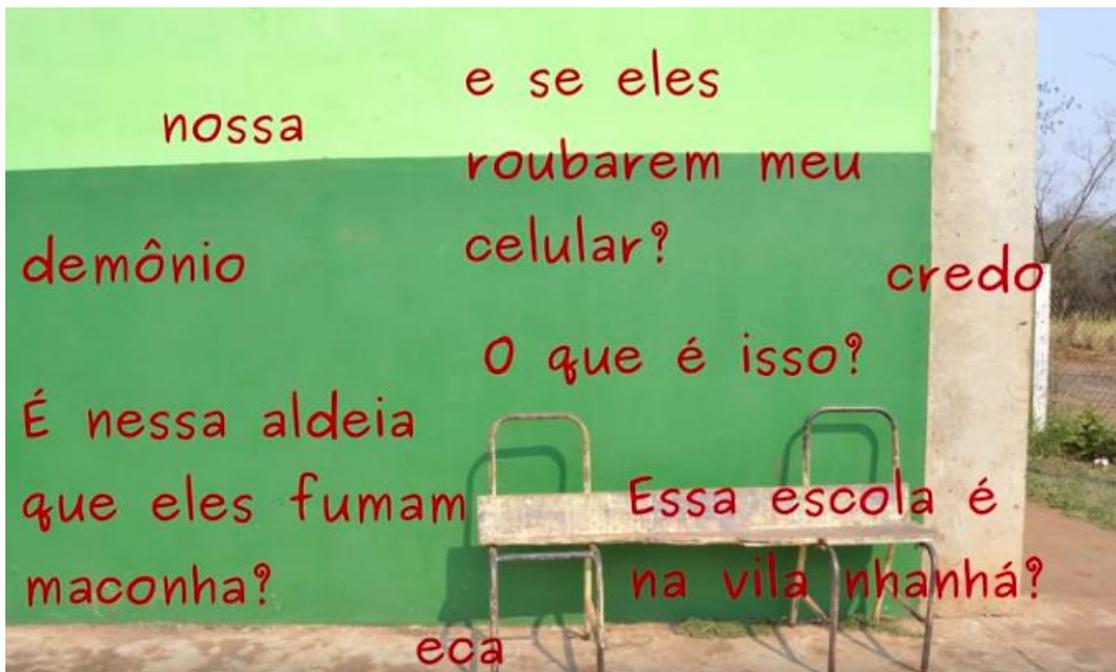


21

Quando o vídeo começou, xs alunxs foram lendo aquilo que estava escrito sobre as fotos, em vermelho, sem entender o que estava acontecendo. A sala lia como um todo: “nossa!”; “credo”; “o que é isso?”. Quando surgiu na tela o comentário “demônio”, houve espanto. “Pra que colocar isso aí, professora?” - uma aluna me perguntou. Eu apenas permanecia calada. Quando surgiu, no vídeo, a pergunta “é nessa aldeia que eles fumam maconha?”, xs alunxs paralizaram. Ficaram lá, imóveis, olhando para o quadro que recebia a projeção do vídeo que eu havia preparado. Esse comentário estava primeiro sobre a foto de um aluno da EE Zumbi dos Palmares com um sorriso enorme no rosto, mandando um joinha. E depois sobre a foto de vários alunxs jogando futebol. Aquele comentário, em vermelho, gerou tanto desconforto que ninguém conseguiu pronunciar uma palavra. Depois a professora Fernanda comentou

²¹ Esse vídeo também pode ser acessado em: <https://youtu.be/ssB13E14Ou8>

comigo que nunca tinha visto a sala tão quieta. Eu, que me incomodo com, nunca senti tanto prazer em ouvir o silêncio. Sim, eu consegui ouvir o silêncio. E parecia que ele gritava pra mim que o vídeo que eu tinha preparado, havia, de alguma forma, feito aquelxs alunxs pararem alguns segundos de suas vidas para ver o que estava sendo projetado ali. Ver, e não olhar. Eu não sei se eles viram os lugares-escola que xs alunxs da EE Zumbi dos Palmares, mas o silêncio dessa exibição me disse que ao menos essa cena algun/mxs delxs viram.



E ali, sobre o banquinho preferido dxs alunxs da EE Zumbi dos Palmres, deixei todos os comentários preconceituosos que eu consegui ouvir em nosso primeiro encontro.

Aquele silêncio foi quebrado quando alguém comentou “foi a gente que falou isso”. E então houve um novo incômodo. Elxs ficaram se questionando sobre isso. Alguém disse: não, não foi não. E aí mais pessoas foram percebendo que havia sido elxs mesmxs que tinham feito aqueles comentários. E aí os comentários passaram a ser: não acredito que a gente disse essas coisas; como a gente é preconceituoso; que coisa horrível; você não mostrou esse vídeo pra eles não, né professora? O que eles vão pensar da gente?

Não respondi nenhum desses comentários. Esperei o fim da exibição, e disse que iria exibir mais um vídeo.

COITA NÃO É ESMOLA – Bia Ferreira

Existe muita coisa que não te disseram na escola
Coita não é esmola
Experimenta nascer preto na favela, pra você ver
O que rola com preto e pobre não aparece na TV
Opressão, humilhação, preconceito
A gente sabe como termina quando começa desse jeito
Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais
Cuida de criança, limpa a casa, outras coisas mais
Deu meio-dia, toma banho, vai pra escola a pé
Não tem dinheiro pro busão
Sua mãe usou mais cedo pra correr comprar o pão
E já que ela tá cansada quer carona no busão
Mas como é preta e pobre, o motorista grita: Não!
E essa é só a primeira porta que se fecha
Não tem busão, já tá cansada, mas se apressa
Chega na escola, outro portão se fecha
Você demorou, não vai entrar na aula de história
Espera, senta aí, já dá uma hora
Espera mais um pouco e entra na segunda aula
E vê se não se atrasa de novo, a diretora fala
Chega na sala, agora o sono vai batendo
E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que
Se a passagem é três e oitenta, e você tem três na mão
Ela interrompe a professora e diz: Então não vai ter pão
E os amigos que riem dela todo dia
Riém mais e a humilham mais, o que você faria?
Ela cansou da humilhação e não quer mais escola
E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola
O tempo foi passando e ela foi crescendo
Agora lá na rua ela é a preta do suvaco fedorento
Que alisa o cabelo pra se sentir aceita
Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita
Agora ela cresceu, quer muito estudar
Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular
E a boca seca, seca, nem um cuspe
Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP
Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola
Que todos são iguais e que coita é esmola
Cansada de esmoladas e sem o dim da faculdade
Ela ainda acorda cedo e limpa três apartamentos no centro da cidade
Experimenta nascer preto, pobre na comunidade
Cê vai ver como são diferentes as oportunidades
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo
E nem venha me dizer que isso é vitimi
Que isso é vitimi, que isso é vitimismo
E nem venha me dizer que isso é vitimismo
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo
E nem venha me dizer que isso é vitimi
Que isso é vitimi, Que isso é vitimismo
São nações escravizadas
E culturas assassinadas
A voz que ecoa no tambor

Chega junto, e venha cá
Você também pode lutar
E aprender a respeitar
Porque o povo preto veio para
revolucionar

Não deixem calar a nossa voz não!
Não deixem calar a nossa voz não!
Não deixem calar a nossa voz não!
Re-vo-lu-ção

Não deixe calar a nossa voz não!
Não deixe calar a nossa voz não!
Não deixe calar a nossa voz não!
Re-vo-lu-ção

Nascem milhares dos nossos cada vez
que um nosso cai
Nascem milhares dos nossos cada vez
que um nosso cai

Nascem milhares (Marielle Franco,
presente)

Dos nossos

Nascem milhares dos nossos cada vez
que um nosso cai

E é peito aberto, espadachim do
gueto, nigga samurai!

É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga

Peito aberto, espadachim do gueto,
nigga

Peito aberto, espadachim do gueto,
nigga

Peito aberto, espadachim do gueto,
nigga samurai!

(Peito aberto, espadachim) É peito
aberto, espadachim do gueto, nigga

(Peito aberto, espadachim) É peito
aberto, espadachim do gueto, nigga

É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga

É peito aberto, espadachim do gueto,
nigga samurai!

Vamo pro canto onde o relógio para
E no silêncio o coração dispara

Vamo reinar igual Zumbi e Dandara
Ô Dara, ô Dara

Vamo pro canto onde o relógio para
No silêncio o coração dispara

Ô Dara, ô Dara
Experimenta nascer preto, pobre na
comunidade

Cê vai ver como são diferentes as
oportunidades

E nem venha me dizer que isso é
vitimismo hein

Não bota a culpa em mim pra encobrir
o seu racismo

Existe muita coisa que não te disseram
na escola

Eu disse, cota não é esmola
Cota não é esmola

Eu disse, cota não é esmola
Cota não é esmola

Cota não é esmola
Cota não é esmola

Eu disse, cota não é esmola
Cota não é esmola

Cota não é esmola
Cota não é esmola

São nações escravizadas
E culturas assassinadas

É a voz que ecoa do tambor
Chega junto, e venha cá

Você também pode lutar
E aprender a respeitar

Porque o povo preto veio

<https://youtu.be/QcQlaoHaj>



re-vo-lu-cio-nar

Escolhi a exibição dessa música, de Bia Ferreira. Uma das razões que me fizeram escolher essa música foi a introdução, que começa com “Existe muita coisa que não te disseram na escola...”.

Elxs ouviram, atentos. E quando terminou a exibição, a primeira pergunta surgiu foi: professora, o que é cota? Quando pensei nessa música para a exibição, não havia sequer imaginado que elxs não soubessem o que era cota, e pela pergunta da aluna, e a cara dxs demais alunxs, elxs também não sabiam o que era cota. Lógico, fazia todo sentido. Em qual momento eles ouviriam falar sobre isso, se o “importante mesmo” era saber sobre a fórmula de bháskara? *(Ah, por falar nisso, será que mencionar aqui sobre a fórmula bháskara é suficiente pro meu trabalho se enquadrar num programa de Educação Matemática?)*

Me lembro que na minha escola, ouvimos falar sobre as cotas desde antes de lei nº 12.711, de agosto de 2012 (conhecida como Lei de Cotas) ter sido aprovada pelo Supremo Tribunal Federal. Lembro que, em 2010, quando eu estava no nono ano, ouvia as primeiras discussões sobre isso, que giravam em torno de comentários do tipo “você agora, só terão 50% das vagas para concorrer. Estão aí, estudando o dia inteiro, mas agora vão ter que estudar à noite, de madrugada, ou em qualquer tempo que tiverem, se quiserem entrar na faculdade, porque eles já têm 50% das vagas, e não precisam estudar pra isso, mas você não”. Nos três anos posteriores, do Ensino Médio, esse discurso se intensificou, e contava com comentários mais agressivos em relação as pessoas que se beneficiariam com o sistema de cotas. Era uma verdade que estava sendo constituída, e que não vacilou até eu conhecer uma outra história... Ou melhor, até eu conhecer um outro lado de uma mesma história.

A feminista e escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie argumenta, em um vídeo que fizera para o TED TALKS²², sobre os perigos de uma história única. Em sua fala, ela conta tanto as histórias únicas que algumas pessoas tinham sobre seu país, quanto as histórias únicas que ela havia constituído sobre outras pessoas ao longo de sua vida. Quando eu terminei o ensino básico, o sistema de cotas se tratava de uma história única pra mim. Uma história única que cujxs protagonistxs eram oportunistas e incapazes, já que não eram capacitados para estarem, por exemplo, em uma universidade federal. Se fossem capazes “de verdade”, elxs deveriam

²² Essa fala encontra-se em: <https://youtu.be/D9lhs241zeg>

concorrer de “igual pra igual” comigo, que estava estudando muito para entrar na universidade, ao invés ter uma porcentagem das vagas reservada para elxs.

Essa história única me pareceu ser compartilhada, ainda que em partes, por uma aluna quando, ao final da minha explicação sobre o sistema de cotas, me perguntou: mas professora, reservar uma porcentagem de vagas para eles não quer dizer que eles são incapazes para estarem lá? Eu vi muito de mim naquela pergunta. Eu, naquela idade, certamente faria aquela pergunta.

Então voltei em alguns elementos da música para falar sobre capacidade. Esse outro lado da história, que só tive acesso depois que entrei na universidade, foi contado para ela naquele dia. E, para minha surpresa, xs alunxs começaram a participar da discussão contando alguns casos que haviam ocorrido em sua família. Uma aluna contou que seu primo, negro, estava procurando emprego depois de formado, e que passou por uma entrevista de emprego em uma empresa, no entanto, a empresa acabou contratando um outro candidato, que nem formado era, mas que era branco, mesmo que “ser formado” fosse uma exigência da própria empresa para o cargo. E então alguém comentou sobre uma mulher de sua família que não conseguiu emprego no shopping por ter o cabelo enrolado, sendo perguntada se estaria disposta a alisar o cabelo para trabalhar ali. E as histórias continuaram...

Acho que nem nas minhas previsões mais otimistas sobre aquele encontro, as discussões tomariam aquele rumo. Uma parte de mim estava em êxtase, enquanto a outra parte tentava controlar aquela euforia para continuarmos a discussão.

Mas haviam duas coisas que eu ainda havia planejado discutir com elxs, também naquele encontro, que haviam aparecido como perguntas em encontros anteriores: o que era uma comunidade quilombola, e quem foi Zumbi dos Palmares.

Antes de começar a pesquisa, uma de minhas preocupações foi não “folclorizar” xs alunxs da EE Zumbi dos Palmares, e que a produção de fotos e vídeos com elxs, mostrando como era sua própria escola, seria uma forma de fazer uma possível verdade “folclorizada”, vacilar (*Prestem atenção em meus preconceitos velados: Por que nunca pensei em Folclorizar a escola Padre José Valentin? Que eu possa sempre vacilar verdades!*). O que eu também não esperava era que ainda não existissem verdades sobre o que era uma comunidade quilombola, nem sobre quem foi Zumbi dos Palmares. E aí, pensando sobre como eu poderia abordar essas questões nesse encontro, me peguei em mais uma de minhas questões: como eu poderia responder aquelas perguntas sem “cair na armadilha” da explicação, instaurando assim uma

verdade única sobre o que significa “comunidade quilombola”? Será que não era necessária uma explicação, *a priori*, já que elxs não conheciam nada sobre o assunto?

E então, me lembrei que quando eu estava pesquisando sobre Furnas do Dionísio, que tinha uma entrevista com “Osvair Barbosa da Silva”, guia e morador da comunidade, contando a história, desde a fundação, com a vinda de Dionísio de Minas Gerais para cá.



23

Depois da exibição, eu perguntei se elxs gostariam de fazer alguma pergunta sobre o que fora exibido. Uma menina então perguntou “onde fica a aldeia que eles vivem?”. Primeiro disse que aldeia era o termo que usávamos para nos referir a comunidades indígenas, e que para Furnas do Dionísio, usávamos os termos “comunidade quilombola” ou “comunidade remanescente de quilombo”. E então respondi que ficava na zona rural do município de Jaraguari, que fica a mais ou menos 50km de Campo Grande.

A mesma aluna, depois, perguntou “eles já sofreram bullying?”. Então eu perguntei em qual sentido, e ela disse que queria saber se elxs já haviam sofrido bullying por serem negrxs. Eu disse que não sabia. Que pelo pouco tempo em que eu havia estado com xs alunxs de lá, me pareceu que a questão racial não é um problema, mas que eu não sabia dizer. Então, me lembrei do livro que eu havia lido, Flor do Quilombo, em que a personagem conta sobre sua experiência antes de existir a escola Zumbi dos Palmares, e que eu citei aqui em meu relato sobre o primeiro encontro na escola municipal Padre José Valentim. Mencionei o livro e contei aquela parte da história para elxs.

E então veio mais uma surpresa desse encontro: uma aluna, a mesma que havia feito os comentários iniciais sobre gostar de pretxs, e que também me questionou sobre as cotas serem injustas, me pediu o livro emprestado. Eu acho que

²³ Esse vídeo também pode ser acessado em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ksECyky9fTw&t=41s>

a surpresa foi tamanha, que eu nem sequer consegui responder. E então ela completou: é que eu gosto de ler, e o livro me pareceu interessante. Eu respondi a ela que lhe daria o livro, e que não precisava me devolver, e ela, também surpresa, me agradeceu.

Nessa hora, um filme se passou em minha cabeça. A minha vontade inicial de não ir a este encontro, seguida de minhas preocupações quando estava preparando o que seria exibido, todas as discussões que elxs mesmxs levantaram, seguida desse último momento. Se eu pudesse voltar no tempo, acho que tentaria fazer as mesmas coisas. Talvez, naquele primeiro momento em que apareceram aqueles comentários preconceituosos, eu não estivesse preparada para participar dessas discussões. E por estar preparada, me refiro a estar preparada para ouvir todo tipo de comentários. Ouvir não, escutar. Parar, escutar, tentar entender e debater, para além de um espanto inicial de um comentário racista e preconceituoso. Percebi que nem sempre eu estou disposta a fazer isso, até mesmo em minhas aulas, e que, talvez, um importante preparo de umx professorx seja esse: estar dispostx a tentar ler x alunx. Fazer uma leitura plausível daquilo que está sendo dito.

Por fim, disse a elxs que aquilo que eu tinha produzido com elxs ao longo desses três encontros, iriam compor meu trabalho final do mestrado, que chamamos de dissertação, e que gostaria de colocar o nome de todxs nele. Todxs concordaram, e ao final, tiramos uma foto todxs juntxs.



Cena 06 - 04 de dezembro de 2019

Nem acredito, amanhã vai ser o último encontro de todos, com xs alunxs - eu, conversando comigo mesma, na noite anterior a este encontro. É engraçado como o saudosismo entra pela minha janela, quase sempre à noite, quando eu me deito, e pouco antes daqueles momentos que eu chamo de finais (*isso de começo/final, sempre me pegando pelo pé...*).

Nessa noite eu me lembrei do primeiro encontro com xs alunxs, que, por coincidência dos calendários das duas escolas, também foi na EE Zumbi dos Palmares. Também me lembrei de mais algumas coisas: das noites que o precederam, e de quando eu achei que não seria possível realizar a pesquisa; do tempo que sussurrou para mim que ninguém poderia tê-lo, e de quando Vivian e Julio me advertiram que, por mais que eu não pudesse tê-lo, ele ainda estava lá, e que podíamos lidar com ele do modo como estava, ao invés de ficar pensando no formato que eu gostaria que ele tivesse; de quando Paola me disse que no final ainda iríamos rir de todos os imprevistos, enquanto tomávamos uma cerveja para comemorar o nosso percurso, pra onde quer que ele nos levaria; das vezes que meu desorientador veio me acalma-orientar, me pedindo para confiar; da timidez dos nossos primeiros encontros; dos sentimentos compartilhados, nos encontros, entre nós e as câmeras, que pareceram gestar a hibridez que um corpo-~~em~~-a-câmera exige; dos lugares-escola que eu produzi com e a partir dos lugares-escolas produzidos pelxs alunxs e...

A lista é extensa demais para caber aqui, mas tem o tamanho certinho dos meus pensamentos daquela noite, que me pareceu ser também a distância do caminho até Furnas, já que Julio, Vivian e eu fomos também falando sobre isso no carro.

Chegamos lá e, para nossa surpresa, a reforma da escola estava quase completa. A cor era outra: tanto do pasto que refletia a água da chuva que o mês de dezembro carrega, quanto da escola que havia sido pintada novamente. Mas também era outro o banheiro, os caminhos por entre as salas, os portões das quadras, etc. A propósito, ainda que a escola não estivesse passando por uma reforma, será que era possível esses lugares estarem iguais?

Nesse encontro nos reunimos na sala do oitavo ano. Vivian e Julio foram ajustando os tripés e câmeras, enquanto eu conversava com elxs sobre como elxs

tinham passado desde nosso último encontro. Quase três meses haviam se passado, e haviam algumas pessoas que eu não via desde o primeiro encontro.

Depois que todos os equipamentos estavam prontos, viramos as cadeiras e demos as costas para o quadro, para a exibição que seria na parede do fundo da sala, já que o quadro possuía muitas marcas de letras e números, que estavam dificultando nossa visão. Aquela movimentação, que deve ter durado mais ou menos uns 40 segundos, pareceu resumir bem toda a nossa movimentação nas escolas: dar as costas para o quadro, com todas as suas marcas, e nos virar para o cinema enquanto potência para uma nova configuração de escola. Uma escola em que o quadro é uma opção, mas que as paredes também refletem imagens que podem ser produzidas por cada umx, ao tentar responder a pergunta: o que só você vê na sua escola? Uma escola em que podemos ver e produzir com x outrx, que naquele momento eram xs próprixs colegas e também xs alunxs da Escola Padre José Valentim.

Com todxs viradxs para a parede, lembrei brevemente, por meio de palavras, um pouco do nosso caminhar até aquele momento, e anunciei que iniciaria a exibição das respostas dxs alunxs da Escola Padre José Valentim, para os questionamentos que elxs haviam feito. O vídeo exibido se encontra no capítulo seguinte, ENCONTROS (COM) OUTRXS.



Os sorrisos vieram nos primeiros segundos de exibição dos vídeos-encontros, quando elxs se viram na parede. Os murmurinhos sobre como estavam, o que vestiam, o que perguntaram, o som de suas vozes, tomaram a forma de sorrisos, cutucões e esticares de braços que apontavam para a parede que abrigava a luz do encontro com o eu que *estava sendo* nos segundos do vídeo que fora projetado.

Quando a exibição das respostas terminou, perguntei se alguém gostaria de comentar alguma coisa, no entanto elxs disseram que não. Aproveitei o tempo que tinha de sobra, e exibi a produção que eu fiz com a produção delxs.

Durante a exibição, elxs foram fazendo comentários sobre o lugar-escola constituído ali, naquelas filmagens e fotos: “nossa escola ainda nem estava pintada, que horror”; “parece escola de louco”; “nossa, entrou na sala da diretoria...”. Também se iniciou um jogo de adivinhação, em torno de quem estava filmando, a partir do tremor das mãos que seguravam a câmera, e também das escolhas de filmagem. “Foi o vitinho” – disse uma aluna. “Não, quem treme assim é o Ruan” – rebateu outro aluno. E alguém sugeriu: a gente podia fazer um antes e depois, né... muita coisa mudou.

Por fim, perguntei se eles gostariam de alterar alguma coisa e contei um pouco sobre o que eu estava produzindo, tanto o texto quanto a montagem de vídeo. Disse também que gostaria de colocar seus nomes nos créditos finais, e Julio deu a sugestão de que eles colocassem os nomes em um documento do word, para que depois eu pudesse copiar e colar aqui.



Cena 7 – 10 de dezembro de 2019

“Como que eu pude escrever as coisas dessa maneira? E se o texto dá a impressão que a modernidade é algo ruim, ou que cai na armadilha de classificar alguma coisa no binômio bom/mau? Vou (re)assistir (*talvez seja sempre assistir pela primeira vez...sempre é a primeira vez...a permanência ainda é algo que me persegue*) esse vídeo do filme do Manoel de Barros, para ver se consigo me acalmar... O QUE HOUE COM ESSE QR CODE? Vou ter que refazer tudo!” - eu, comigo mesma, um dia antes da qualificação. “Se acalma, Bruna. Pense primeiro nos QR Codes. Você pode mandar o *link* dos vídeos pra eles, pelo e-mail. Depois pensamos o resto” - disse Vivian, com toda calma do mundo, e que surpreendentemente não me deu nenhuma bronca por eu estar surtando na véspera do encontro-qualificação que *compõe* essa cena. Atendi prontamente, e reenviei a dissertação para a banca, com os links nas notas de rodapé e novos QR Codes. Logo em seguida chegou um e-mail do professor Filipe, dizendo que não havia prejudicado a leitura, e que com as novas alterações daria tempo de assistir aos vídeos.

Mandei uma mensagem para o Viola. Ele foi logo dando o diagnóstico: é a síndrome do casamento, um dia antes do matrimônio. E acrescentou: Ninguém sabe mais da sua dissertação que você... e você tem um ótimo trabalho. Nós vamos lá para escutar, anotar e pensar sobre... E não se esqueça que eu sou da banca, e por mais que te desoriento, pois essa é minha função política, te defendo com as tripas e o coração. As mensagens foram me acalmando, conforme eu produzia significado para cada frase que ele me enviava. E então me lembrei do quanto eu estava feliz com tudo que eu tinha feito e escrito até aquele dia. Acho que estar feliz com o que se fez e tem é, ou deveria ser, a parte mais importante de uma dissertação. As críticas viriam para me ajudar a pensar em outras coisas. Seriam novas vertigens para abalar minhas certezas, aquilo que, por sinal, sempre me interessou.

E então veio o dia seguinte. Estava com medo de não acordar, e acordei antes mesmo do despertador. Levantei, tomei meu banho, não consegui comer, e então resolvi me distrair um pouco no *instagram*. Rolando um pouco o *feed*, em um de meus perfis favoritos, @mulheresqueescrevem, havia uma publicação com uma frase de Clarice Lispector, em homenagem ao seu 99º aniversário, que era exatamente naquele dia: 10 de dezembro de 2019.

Achei uma coincidência tremenda ter marcado a qualificação para o dia do aniversário de Clarice. Repostei a frase de Clarice a caminho da universidade. Chegando lá, a primeira pessoa que eu encontrei foi a Vivian. Cumprimentamos o Carlos, nosso secretário do Programa de Pós-Graduação, que nos entregou a ata de qualificação e os certificados. Depois chegou a professora Angela, enquanto fazíamos café. Angela era a única membra da banca que estaria comigo fisicamente, já que Viola e Filipe estavam juntos na África do Sul. E então logo chegaram Julio e Edivagner, meus irmãos faenzianos, e depois Endrika e Bárbara.

Nos conectamos a Viola e Filipe por *hangouts*, e depois de cumprimentar todo mundo, Viola passou a palavra para Filipe, como de praxe no nosso programa, que inicia as qualificações com a fala do membro externo da banca. Ele nos agradeceu pelo convite, e também por estar compondo a banca junto a Angela, que logo fez um parêntese em sua fala, para convidá-lo a organizar um evento em homenagem aos 100 anos de Clarice, no ano de 2020. E olha quem estava novamente presente: Clarice. Comentei sobre o aniversário dela ser exatamente naquele dia, e então, firmou-se o compromisso de que no próximo ano Angela e Filipe pensariam em algum evento para homenagear seus 100 anos. E porque estou comentando tudo isso? Acho que Clarice diria que “Perder-se também é caminho”.

E então Filipe passou a falar sobre a pesquisa (*será que ao falar sobre a Clarice, ele e Angela já não estavam fazendo isso?*). Começou elogiando o modo como o trabalho foi escrito, o que, segundo ele, ajuda x leitorx a entrar na política do texto. E depois disse que se tratava de uma pesquisa-acontecimento, pelo modo como eu vou apresentando a pesquisa, vacilando verdades. Mencionou uma lembrança que teve, de uma frase de Guimarães Rosa, “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”, e como o percurso, ou o

Processo de produção da pesquisa, que nasce de eventos anteriores ao mestrado, que se desenha em disciplina, que conversa com o desorientador que faz “doer nas tripas”, que encontra na disciplina da Angela um (dessas) sossego existencial, que vai pensar com Paola (minha querida amiga), com Vivian, com Endrika, com Yadira, com Julio, com Viola, com Estéfano, com Wenceslao, com o vestido da mãe, com a cosmologia do pai, com outras pessoas que vão dando pitacos, se metendo, se mexendo... E encontra dois lugares-escola. Nessa composição de vozes, de repente, uma pesquisa de mestrado. E eu repito: “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”. Me parece, falando como o bom negro e o bom branco, que você aprende. (Filipe Fernandes, em seu parecer)

Em seguida deixou uma provocação: como percebemos a aprendizagem sem precisar falar dela? Pergunta que me parece apontar para uma nova direção de um lugar-escola. E que me faz recordar de uma outra pergunta, que vi o Viola fazer em uma apresentação: o que é a escola que não menciona a aprendizagem? - Talvez a aprendizagem seja uma linha de anzol, que dá o nó naquilo que sempre nos fisga, quando pensamos ou falamos da escola, e que precisa ser tensionada. Esticando essa linha, me vêm as seguintes perguntas: o quanto de aprendizagem cabe na escola? O quanto de aprendizagem cabe em uma carta que pede um vestido emprestado? O quanto de aprendizagem cabe em uma conversa de sofá, em frente à TV? O quanto de aprendizagem cabe no “de repente”? O quanto essa linha pode ser esticada?

CORTA... CORTA!

No texto que foi para a qualificação, existia um capítulo chamado “CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS”. Embora ele não esteja mais nessa dissertação como um capítulo, deixo ele aqui:

6. CENAS DOS PRÓXIMOS CAPÍTULOS

Algumas cenas dessa dissertação ainda estão se desenrolando, ou vão se desenrolar. O último encontro em cada uma das escolas, são duas dessas cenas. Eles acontecerão no dia 02 de dezembro na Escola Municipal Padre José Valentim, e no dia 04 de dezembro na Escola Estadual Zumbi dos Palmares. Nesses encontros, planejei, dentre outras coisas, mostrar para todos as respostas das perguntas que eles fizeram, como nos vídeos que estão no capítulo 5 - EncontroS (com) outroS. A ideia é que, além de assistirmos às perguntas, pensemos juntos no que gostaríamos que ficasse (ou não) para a produção do documentário final, em um trabalho de edição conjunto.

Também tenho pensado muito sobre as análises do que foi produzido até aqui. Na última conversa que tive com o Viola, uma pergunta nos é potente: como aprofundar uma discussão sobre o que foi produzido, tentando operar decolonialmente? Alguns esboços para essa pergunta foram feitos aqui, mas acreditamos que um aprofundamento pode também ser pensado (quem sabe na nossa próxima experimentação, quer dizer, qualificação) como mais uma cena, que ficará para um próximo capítulo.

~~Pronto! Podemos dar prosseguimento ao relato da experiment..qualific...AÇÃO!~~

Saindo do tensionamento dessa linha de anzol, e respondendo a uma pergunta que havia sido feita sobre “como aprofundar uma discussão sobre o que foi produzido tentando operar decolonialmente”, Filipe mudou a pergunta, em seu “exercício do com”, para “como aprofundar uma discussão com o que foi produzido tentando operar decolonialmente?”. E, *com* isso, continuou:

Com não significa necessariamente fazer algo junto, mas fazer algo que nasce dessa relação, ainda que possa ir além dela. Supõe cuidar da relação, dando-se conta da experiência como forma de criar pensamento. Nesse sentido, escrever *com* tem a ver com escrever voltando à experiência que nasceu da relação *com* esses lugares-escola, compartilhando nosso trabalho de composição e voltando a pensar o sentido dessa experiência.

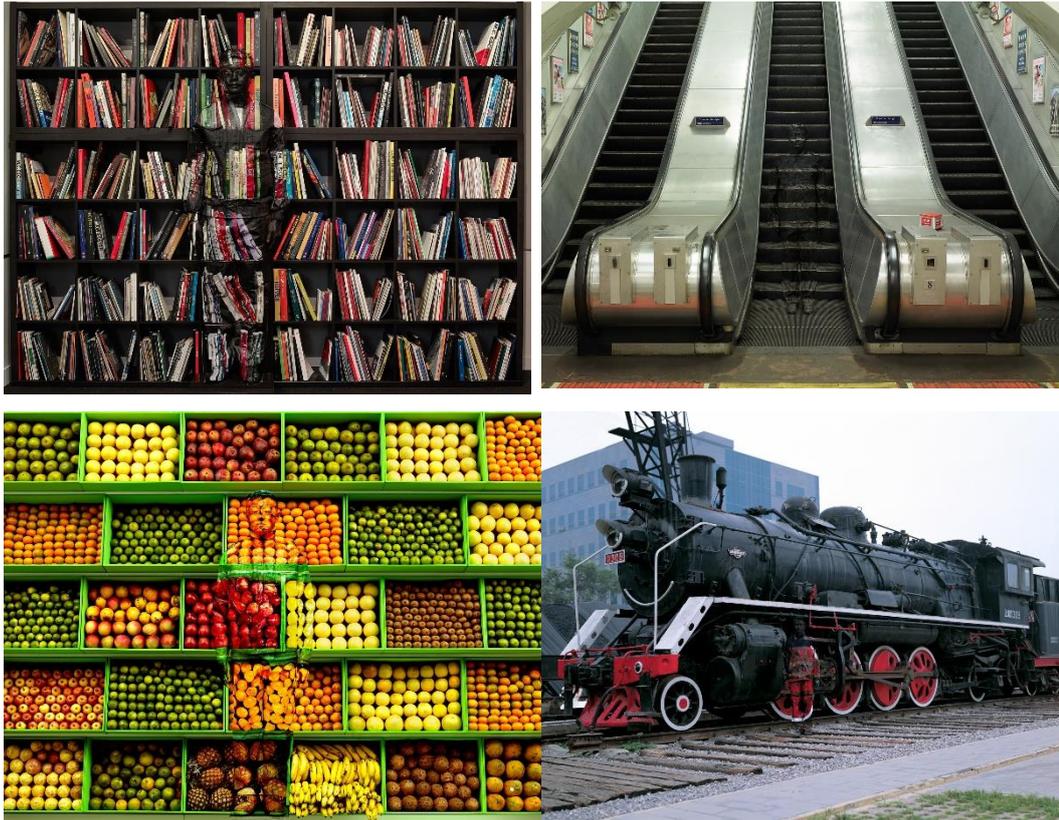
Nesse “exercício do com”, tensionando eu havia descrito desse exercício no CONVITE AOS ENCONTROS coloca a seguinte pergunta: o que eu consigo dizer do mundo, da escola, de mim mesma, A PARTIR das experimentações? Angela também concordou, especialmente quando apontou que o “sobre” revela certo distanciamento de quem pratica a ação, para quem sofre a ação, distanciamento esse que corrobora com a criação de mais uma linha abissal: a objetificação *daquilo* a ser analisado (olha eE aí outra vez, o objeto de pesquisa... O objeto).

Após o final da fala de Filipe, Viola passou a fala para Angela, que começou tecendo suas considerações sobre o percurso que o material enviado para a qualificação trazia, lembrando Guimarães Rosa, quando nos diz que “O real não está na saída e nem na chegada, mas exatamente no percurso”. E, por citar essa frase de Guimarães Rosa, nos alertou para a ausência de epígrafes de nosso texto. As epígrafes eram sensibilidades que ainda não havíamos explorado, ~~talvez por demasiada matemática em nossa educação~~ e que achamos interessante trazer para essa versão. Deixou com “sugestão”, e que eu considero mais um presente do que uma sugestão, o texto de Otto Lara Rezende, atual epígrafe desse trabalho, e acrescentou: é um trabalho sobre o olhar, mas não sobre o olhar. É um trabalho sobre o ver, que é muito mais profundo. É um trabalho sobre o que cada um vê, como diz o título do trabalho. Todos nós olhamos, mas ver é algo muito particular.

Disse também que decolonialidade opera quando há o exercício de tentar enxergar no lugar-escola aquilo que o pensamento colonial não permite que seja visto.

Pensares/saberes/fazeres decoloniais nos colocam no constante esforço de tirar as cortinas dos olhos, e, como ela mencionou de um poema de Drummond, parece que nossas vistas estão obliteradas, por isso é preciso fazer essa limpeza nos olhos. Por isso, segundo Angela, não se trata de ir a lugares novos. Se trata de ir aos mesmos lugares, mas vê-los de maneiras diferentes. Julio complementou: transver os lugares.

Vamos transver algumas ~~mesmas~~-novas fotos?



Olhe fixamente para o centro de cada uma dessas fotos. Conseguiu enxergar? No centro de cada uma delas está Liu Bolin, artista plástico e fotógrafo chinês, também conhecido como homem invisível. Conhecido por seu trabalho enquanto uma espécie de “camuflagem”, “disseca o tenso relacionamento entre o indivíduo e a sociedade por “desaparecer” em ambientes que são locais de contenção e crítica.”²⁴

Na minha visão do trabalho de Liu, ele tensiona a linha da sociedade-indivíduo (*indivíduo que, por sinal, é sempre masculino*), através desse “apagamento”, que só é percebido com olhares descortinados, ou com a transvisão dos lugares nos quais ele fotografa. O mais engraçado é que, uma vez visto, fica extremamente nítida a

²⁴ Texto retirado de <https://liubolinstudio.com/fine-arts/>

presença dele em todas as fotos. Eu diria que essa presença fica até gritante. Quando olho, não consigo não o ver. Movimento semelhante acontece com algumas colonialidades... sempre estiveram ali, pintadas com as tintas e por artistas da modernidade, para que nossos olhos, cansados, não conseguissem enxergar. E depois de uma vez vistas, fica difícil não as ver. A tarefa reside em encontrar outras colonialidades, que ainda não foram vistas. Acredito que esse movimento será necessário até que a emergência em falar dessas colonialidade seja atendida, e consigamos falar de outras coisas para além do binômio metrópole/colônia.

Falando sobre a potência do olhar e do ver, a pergunta “o que só você vê na sua escola?” é uma tentativa de criar situações em que é possível enxergar, nos lugares-escola, para além das correntes coloniais que prendem nosso olhar, e também para além daquilo que um estudo comparativo quer que a gente olhe. Angela lembrou disso, quando trouxe um pedacinho da epígrafe-presente que me deu: “nossos olhos se gastam por aí, opacos, e é assim que se instala o monstro da indiferença”. O que estamos fazendo com a educação? - pergunta que fez logo em seguida. E continuou: olhar de uma outra forma é o que nos tira da indiferença.

Outro ponto que Angela comentou, foi o uso do xis para denotar todos os gêneros: femininos, não-binários, masculinos, e... Lembrei de meus rascunhos dos relatos que trago aqui nas Cenas. Ora eu escrevia tudo de acordo com a língua portuguesa, ora eu escrevia deixando os artigos femininos, ainda que houvessem meninos no grupo mencionado, e ora usando o xis. Essa questão sempre me incomodou. Começou na escola mesmo, quando algumxs/ns professorxs falavam: bom dia a todos. Todos, quem, cara-pálida? - é o que eu sempre balbucio quando ainda ouço alguém falando isso por aí.

E antes que o texto inteiro estivesse povoado com esses xis, eu tropecei em duas linhas: a primeira, que eu criei, sobre aquilo que eu poderia escrever (ou não) na dissertação. Há algum tempo adotei o xis para escrever e-mails, mensagens nas redes sociais, dentre outros, mas num primeiro momento hesitei quando era para transformar o texto inteiro num texto-erro. O uso do xis transformar o texto em um texto-erro foi um apontamento de Angela, quando disse que, para algumas pessoas, a palavra “alunxs” no título de meu trabalho, pode parecer um erro, e trouxe mais um de seus presentes, agora em forma de citação: “É importante compreender o que significa uma identidade não existir na sua própria língua, escrita ou falada, ou pior ainda, sua identidade existir como um erro. Temos urgência em criar novos termos.”

Mas desnortamos o erro, e agora o xis da questão é outrex: x outrx mulher, x outrx não-binário, x outrx trans, x outrx ...

Ainda partindo de textos lidos dessa mesma autora, Angela chamou atenção para “a questão do objeto de pesquisa”, que eu trago em Bastidores. O meu incômodo com a palavra “objeto”, para se referir axs sujeitxs que participam das pesquisas, encontrou a perspectiva que Angela trouxe de Grada Kilomba, quando nos contou que a autora repudia o uso de “objeto de pesquisa”, dentre outros motivos, também porque não existe, na língua portuguesa, sua forma feminina, logo é descrito o objeto como uma forma predominantemente masculina. Isso revela uma dupla dimensão de poder e violência, uma vez que optando por usar “objeto de pesquisa”, estamos objetificando xs sujeitxs do trabalho, e também colocando-xs no gênero masculino. E, com isso, concluiu: o trabalho do pesquisador é um trabalho de desmontagem da língua colonial, que dê conta das nossas angústias.

Continuando nos BASTIDORES, Angela nos fala sobre um trecho, que no texto da qualificação era o seguinte: “Ao realizar estas escolhas (*ledo engano achar que escolho alguma coisa...mas vou fingir, talvez essa ainda é uma verdade a vacilar*) atentei-me ao fato...”. E defende que nós escolhemos, mas não por que todas as coisas nos vêm em bandejas, e então é só pegarmos o que queremos dali, mas ao invés disso, usa o escritor Juliano Peçanha nos dizendo que “todas as nossas pesquisas, invariavelmente são sintomas. ”, e que essas escolhas são feitas porque nosso *bios* está presente.

Outra sugestão, foi sobre a morte de verdades, que habitava o texto, ao me referir “a verdade científica” ou a “verdade religiosa”. Angela lembrou-nos que o verbo morrer pode ser qualificado como fatalista, e que seria interessante dizer que as verdades são olhadas agora com desconfiança, mas não a desconfiança da ordem da mentira, mas a desconfiança de Guimarães Rosa, quando nos diz que “eu quase que nada sei, mas desconfio de muita coisa”. E que, talvez essas coisas não tenham morrido para mim, mas sim eu tenha ficado mais desconfiada, ou, em um português do “bom preto e do bom branco”, eu havia ficado mineira.

Falando sobre o ROTEIRO, Angela lembrou que a palavra erro, que eu utilizei, no texto da qualificação, para falar sobre a metodologia, vem carregada de um valor que parece não conversar com minhas intenções nessa pesquisa. Filipe concordou ao dizer que a palavra erro, do modo como estava no texto, poderia ser substituída por “conhecido/desconhecido”. Pensando sobre isso depois, me coloquei a seguinte

pergunta: como descolonizar o erro? E, a partir dela, produzi o atual texto, sobre o erro, que não seria possível sem as provocações que me foram feitas aqui.

(Acho que as coisas que eu escrevi até aqui, são suficientes para justificar a qualificação enquanto mais uma cena da experimentAÇÃO. Além dessas cenas que eu trouxe, estão escondidas muitas outras cenas, como as conversas de corredores, conversas de bares, conversas em lanches da tarde, com muita comida e descontração, as reuniões de desorientação - que, nos últimos sete meses trocaram o “olho no olho” por um “olho na tela”, em reuniões via skype ou hangouts -, e...)

Sobre a política do texto, Angela apontou a minha tentativa de me colocar no lugar dx outrx, na pesquisa, enquanto um exercício de alteridade. Em suas palavras: “você não quer falar sobre o outro, mas tenta estar no lugar do outro, mesmo sabendo que isso é impossível. O seu texto é político, Bruna. Política não é estar em um partido político, não é estar em Brasília. Política se faz a todo momento. Isso aqui é um ato político”.

E, lembrando sobre a política do texto, Filipe deu mais uma sugestão muito pertinente que a sensibilidade que os lugares-escola escolhidos nessa pesquisa, requer. Como, segundo ele, os lugares-escola (ou um lugar escola) estão marcadamente (identitariamente) de lados opostos de uma linha, por serem uma escola rural quilombola e uma escola urbana, o cuidado deve existir no sentido de tentar mostrar que existem linhas (abissais e/ou não-abissais) que atravessam todas as escolas, sem romantizar nenhuma delas. Sendo assim, seria interessante tensionar como as linhas habitam e abrigam esses lugares. E me deixou as seguintes perguntas, as quais tentei desenhar alguns traços-respostas no próximo capítulo: o que podemos aprender com esses dois lugares-escola que nos permitem descolonizar a escola? Como a gente evidencia essas linhas, como sujeitxs da educação, já que esses corpos que estão aí vivem os preconceitos? Como você escreve *com* essa linha?

Passando a palavra para o Viola, ele sugeriu então que eu desse um *spoiler* das cenas 5 e 6, que naquele momento ainda não estavam escritas, e comecei contando um pouco sobre a cena 5. Minha fala se iniciou com o incômodo que surgiu antes do encontro que eu relatei aqui, na cena 5, passou pelos momentos que me fizeram desenhar a proposta de discussão, e pelas reações de algum/mxs alunxs durante essa experimentação.

Foi então que, na rapidez com que os pensamentos se constituem no ato de falar, surgiu na qualificação um recorte cena bem específico desse encontro: o momento em que eu estava falando sobre o livro “Flor do Quilombo”, para relatar alguns preconceitos sofridos pela protagonista do livro, sucedido pelo pedido da aluna, que em nosso primeiro encontro fez comentários-cortantes sobre xs alunxs da Escola Estadual Zumbi dos Palmares, e agora deseja o livro emprestado para ler.

Esse recorte de cena, quando dito e ouvido por mim mesma, no momento da qualificação, provocou uma movimentação que mudou as lentes das câmeras da minha memória, seguido de um *close* para mim, em uma parte que tenho o costume de deixar velada e de velar, sempre quando ela quer aparecer.

A rapidez desse movimento e da nova angulação de cena, que se configurou diante dos meus olhos, mas também da minha boca, ouvidos, pele e estômago, sem que ninguém mais pudesse perceber, mas que ao mesmo tempo estava sendo percebida por cada pelo do meu corpo, provocou mais dois cortes de cena: a cena dos jornais anunciando a morte de Evaldo Rosa, com 80 tiros de fuzil, e a cena que mostrava a possibilidade de, no dia em que estava em pé, na frente da sala, participando das discussões sobre o preconceito racial, em alguma daquelas carteiras estivesse umx Evaldo, ou quem disparou os tiros dos fuzis que tiraram sua vida.

Em milésimos de segundo, essas cenas foram sobrepostas e a vertigem dessa sobreposição atingiu um clímax em que as palavras já não conseguiam sair pela minha boca porque havia um nó imenso apertando a minha garganta. Um nó trançado com cordas de dor, violência, esperança, felicidade, gratidão, ..., da caixa de sentimentos que as lentes da câmera de todos que ali estavam conseguiram enxergar, talvez não pela intensidade das coisas que me atravessavam naquele momento, mas pela liquidez das palavras que, não podendo sair pela minha boca, escaparam pelos olhos.

“Gente faz isso, máquina não faz, mas gente faz.” - Angela disse, com um olhar-abraço que certamente foi entregue. E Filipe lembrou de um momento da minha fala, em que eu disse não ter planejado toda essa discussão, que eu estava relatando minutos antes de não ser mais possível falar, dizendo: “planejar não é só escrever coisas no papel. Você pode não ter escrito, mas estava no plano. Planejar é saber compor com o que vem”.

Concordando com Filipe, sobre compor com o que vem, Angela destacou, enquanto eu me acalmava, que esse encontro diz muito sobre um modo particular meu, Bruna, de ver o que todo mundo olha, e prosseguiu: “esse exercício reflexivo foi lindo. Você poderia ter dito: vocês são preconceituosos. Mas colocar diante delxs as frases que elxs mesmxx disseram, e deixar que elxs mesmxx percebessem, é uma das maiores aulas que você poderia ter dado. E esse seu jeito particular de ver as coisas é interessante que você recupere na sua escrita, porque dizer “não tenha preconceito contra negros, não tenha preconceito contra quem é gay, não tenha preconceito contra quem é pobre...” nós já estamos vendo há tempos que não é suficiente. Mas esse exercício de alteridade permitiu com que eles se olhassem”. E lembrou bem que essa tentativa de operar o cinema, que optamos por fazer há algum tempo atrás, é mais uma possibilidade de tentar estar com x outrx, que poderíamos dar seguimento com essas exposições que ele estava propondo.

Depois que eu havia me acalmado, Viola pediu para que eu contasse também sobre o último encontro na Escola Estadual Zumbi dos Palmares, e eu comentei, brevemente, sobre o relato que eu fiz aqui na Cena 6.

Em seguida, Viola começou seus comentários sobre o trabalho: “eu acho que é muito legal participar do processo em que escapa uma discussão política, em uma discussão acadêmica. Por exemplo, uma ideia é que a Bruna faça um mini-documentário com tudo que aconteceu, e que ela volte nas escolas e exiba esse mini-documentário. E pouco importa se são os mesmos alunos que vão estar lá, ou se são novos alunos, porque uma coisa que a gente discutiu bastante é: não importa quem está assistindo, no sentido de que não é o aluno x, y ou z, é o que foi e está sendo produzido por quem assiste”.

Pensando também no que foi e está sendo produzido, mas agora de quem lê, Viola deu uma sugestão, a partir da importância que a Angela nos lembrou das epígrafes, que seria utilizar falas feitas ali, na banca de qualificação, como epígrafes que atravessariam todo o texto. Essa sugestão foi feita a partir do interesse em, segundo ele, provocar sensibilidades que muitas vezes a escolha de uma epígrafe requer, e que encontravam a boniteza de algumas frases ditas por Angela e Filipe quando *produziam com* o nosso trabalho.

E por último agradeceu pelo trabalho que fizemos juntos, e lembrou o quanto a gente se diverte nas nossas reuniões, e que todo esse processo mostra para ele uma pessoa se constituindo.





5. ENCONTROS (COM) OUTRXS

É, será preciso conversar com desconhecidos.

Conversar com desconhecidos significa não conhecer o mundo de antemão, não conhecê-lo jamais, sentir-se parte de uma peça irremediavelmente descomposta, olhar para a imensidão como se nunca tivéssemos deixado de ser crianças, permanecendo no estado de infância.

[...]

Os encontros com outros proporcionam uma sensação mais de interrupção que de acaso. Quer dizer: atravessar o mundo supõe - dissimulando ou não, encarnando-o ou resistindo a fazê-lo - um permanente encontro e desencontro com corpos e vozes de desconhecidos.

(SKLIAR, 2014, p. 149)

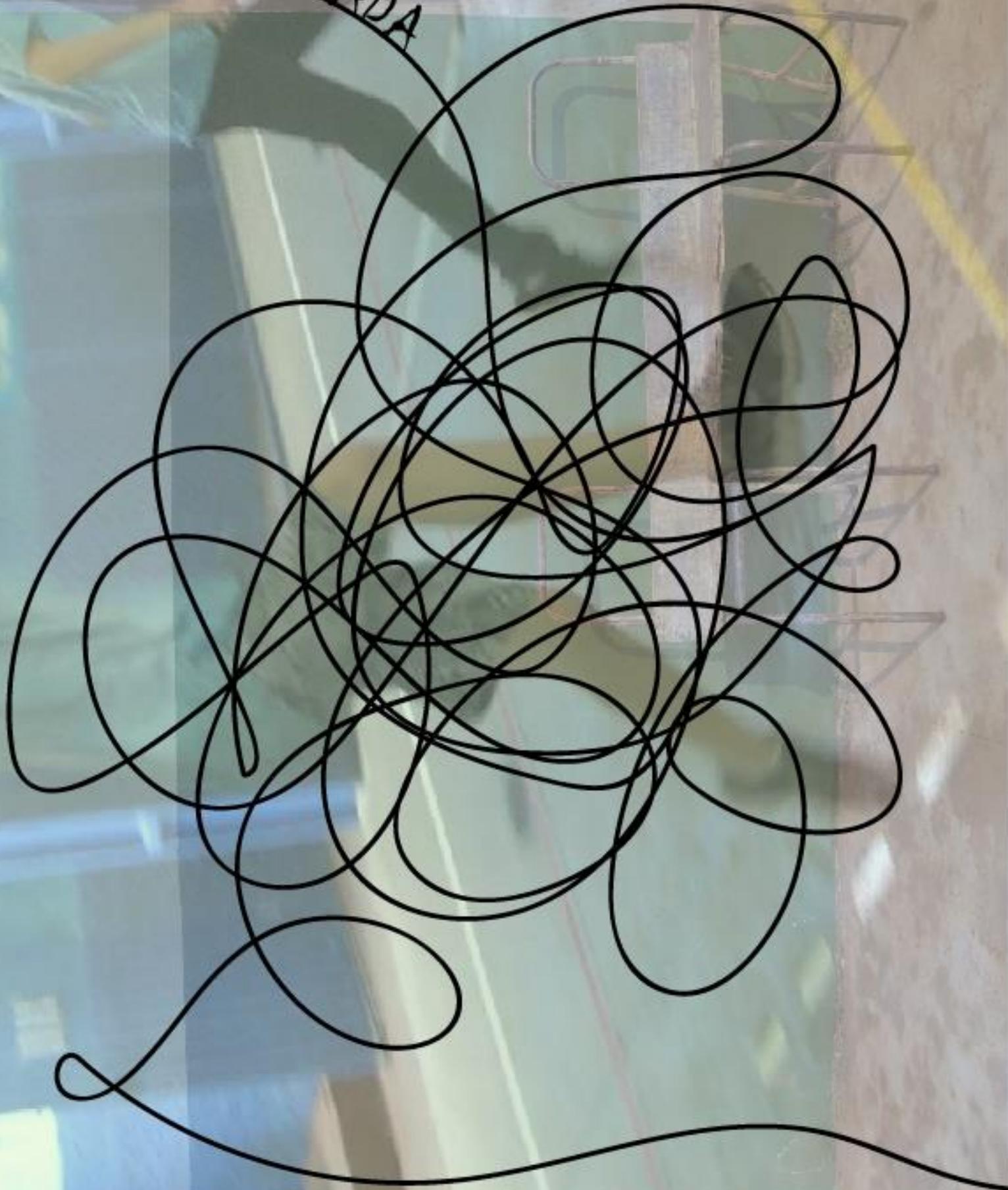


<https://youtu.be/pf-HVO2qJZ>



<https://youtu.be/oOAI-RqdYUs>

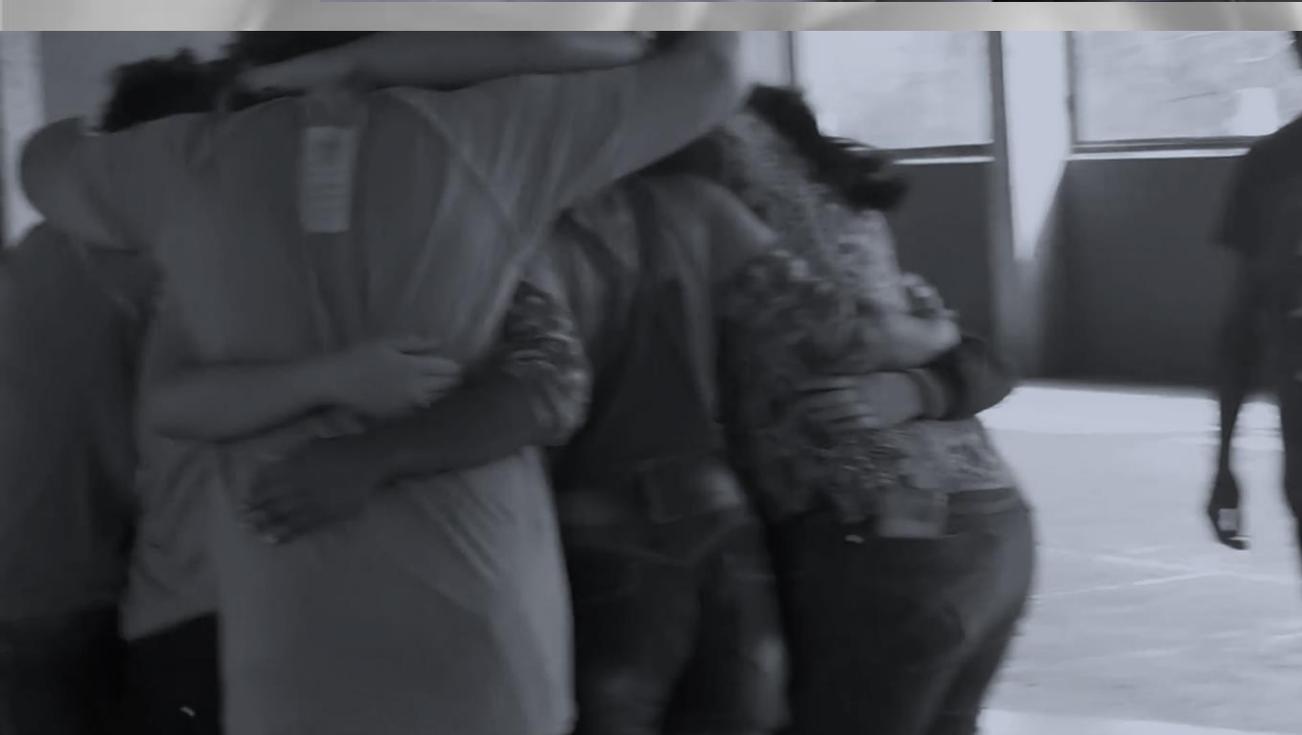
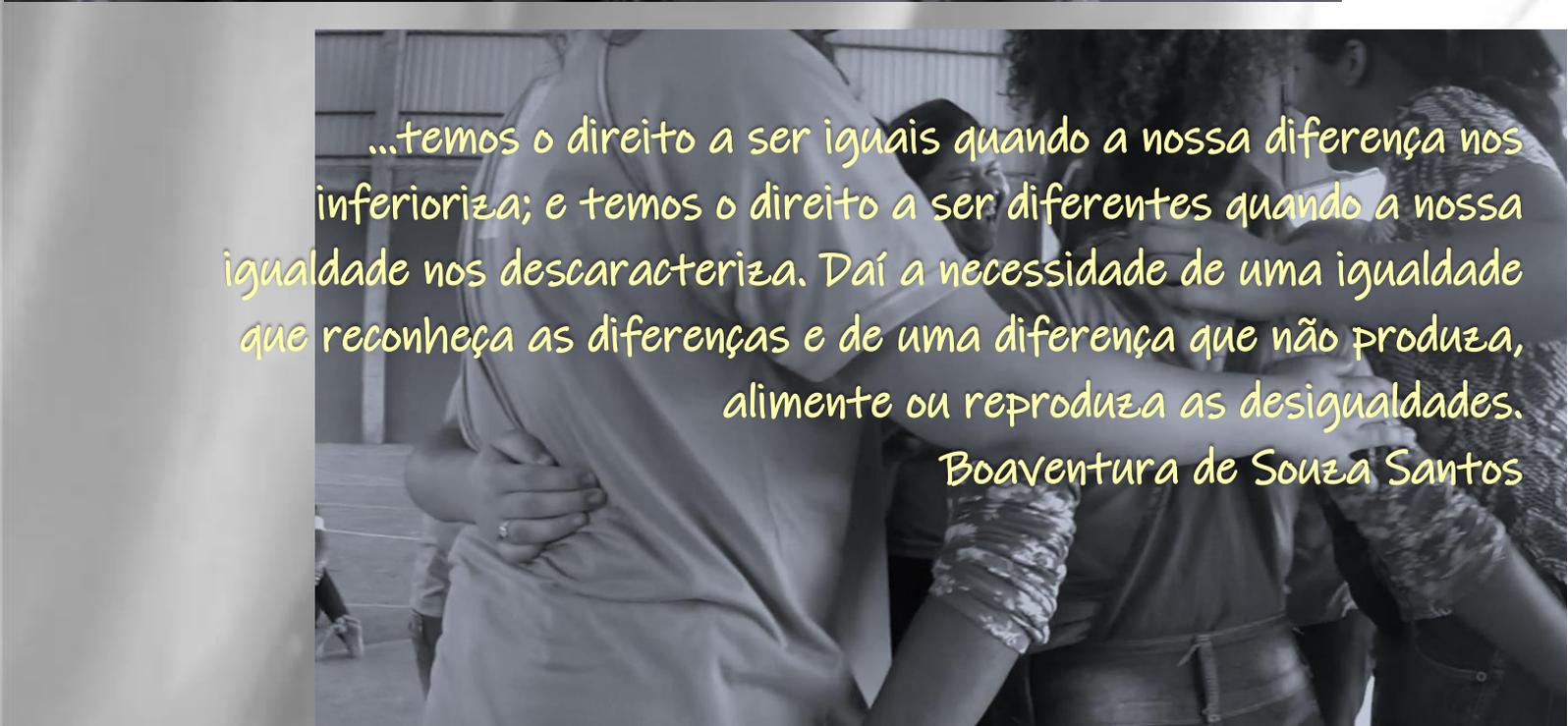
6 FIOS DA MEADA





...temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Boaventura de Souza Santos



Linhas, fios, traços, cordas, direções, regras, trilhos, meridianos, *maxwell*, retas, medidas, faixas, conjuntos, encontros entre planos ... Na pesca, por metáfora, por metonímia, na geografia, nas artes, na meteorologia, no militarismo, na umbanda, na arquitetura, na matemática, ... Passam, amarram, cortam, levam, medem, não existem, se enrolam, esticam, arreventam, desenrolam, ... Presas, muitas vezes entre si, e num emaranhado de coisas que a habilidade das máquinas industriais que utilizam meadas de linhas para costurar, prescinde da habilidade humana para encontrar o fio.

Voltamos às linhas pois nos pareceu potente, a partir dos comentários feitos na qualificação, pensar sobre quais linhas abissais habitam e abrigam os lugares-escola presentes em nossos movimentos. Nos direcionar para isso, parece um movimento interessante já que parte do pressuposto que todas as escolas habitam e abrigam linhas abissais que separam, diferenciam, valoram, muitas vezes desumanizando quem está deste lado da linha e quem está do outro lado da linha.

Filipe, na banca de qualificação, sinalizou para uma discussão de linhas abissais e não-abissais, do sociólogo Português Boaventura de Souza Santos. Procurando por leituras que nos ajudassem a fomentar essa ideia, recebi como indicação de meu desorientador a leitura do livro “O fim do império cognitivo: as afirmações das epistemologias do Sul”, de Boaventura de Souza Santos, criador do termo “linhas abissais”, para que pudéssemos ler juntos e também pensar sobre como traríamos para esse texto as linhas abissais que os lugares-escola, aqui constituídos, habitam e abrigam.

De acordo com Santos (2019),

As epistemologias do Sul referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. Chamo o vasto e muito diverso âmbito dessas experiências de Sul anti-imperial. Trata-se de um Sul epistemológico, não-geográfico, composto por muitos seus epistemológicos que têm em comum o fato de serem conhecimentos nascidos em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado (p. 17)

Desta forma, as epistemologias do Sul têm como tarefa (recon)figurar o próprio conceito de epistemologia, que atualmente ancora-se em uma base cientificista, dizendo quem pode e não pode figurar nas telas do conhecimento verdadeiro ou válido, nos termos das epistemologias do Norte.

Nessa (recon)figuração está imbricada também uma (recon)figuração ontológica, uma vez que xs sujeitxs das epistemologias do Sul são apagadx, por não produzirem aquilo que as epistemologias do Norte vêm chamando de conhecimento, ou por não serem considerados humanos, logo incapazes de produzir qualquer epistemologia (*afinal, a razão é o que separa os humanos dos não-humanos, não é mesmo, Aristóteles?*). As epistemologias do Sul

Concentram-se, dessa forma, em conhecimentos “inexistentes”, assim considerados pelo fato de não serem produzidos de acordo com metodologias aceitáveis, ou mesmo inteligíveis, ou porque são produzidos por sujeitos “ausentes”, sujeitos concebidos como incapazes de produzir conhecimento válido devido à sua impreparação ou mesmo à sua condição não plenamente humana. [...] As epistemologias do Sul invocam necessariamente ontologias outras [...]” (SANTOS, 2019, p. 19)

Essas separações epistêmico-ontológicas constituem linhas abissais que separam, na modernidade ocidentocêntrica, o que Boaventura Souza Santos chama de “sociabilidades metropolitanas” das “sociabilidades coloniais”, linhas abissais estas que constituem e são constituídas pelas epistemologias do Norte, e que usam suas próprias concepções do que é “válido, normal ou ético” para fazer essas separações. Corroborando com isso,

O fato de essa linha ser tão básica quanto invisível permite a existência de falsos universalismos que se baseiam na experiência social das sociedades metropolitanas e que se destinam a reproduzir e a justificar o dualismo normativo metrópole/colônia. Estar do outro lado, do lado colonial, da linha abissal equivale a ser impedido pelos conhecimentos dominantes de representar o mundo como seu e nos seus próprios termos. Nisso reside o papel crucial das epistemologias do Norte de contribuir para a reprodução do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. As epistemologias do Norte concebem o Norte epistemológico eurocêntrico como sendo a única fonte de conhecimento válido, seja qual for o local geográfico onde se produza esse conhecimento. Na mesma medida, o Sul, ou seja, aquilo que fica do “outro” lado da linha é entendido como sendo o reino da ignorância. O sul é o problema; o Norte é a solução. Nesses termos, a única compreensão válida do mundo é a compreensão ocidental” (SANTOS, 2019, p. 24 -25).

Sendo assim, esse autor considera a identificação das linhas abissais um “primeiro passo no sentido de a ultrapassar, quer ao nível epistemológico, quer ao nível político” (SANTOS, 2019, p. 28). E ultrapassar não no sentido de substituir, o que acarretaria nas epistemologias do Sul sendo uma nova forma de epistemologia dominante (*essa parte me lembra a primeira pergunta que fiz a professora Angela, na disciplina de pensamento liminar*), mas sim ultrapassar a própria construção

dicotômica, e, portanto, hierárquica, entre Norte e Sul, dando a pluriversalidade. “Trata-se de um tipo de pensamento que promove a descolonização potenciadora de pluralismos” (SANTOS, 2019, p. 26).

Até este momento da leitura, fazia sentido pensar nessas linhas abissais habitando e abrigando lugares-escola. No entanto, o autor constitui uma diferenciação entre dois tipos de linhas, abissais e não-abissais, sendo essas primeiras as que marcam a separação entre o mundo metropolitano e o mundo colonial, e as segundas a que marcam as exclusões que acontecem dentro do próprio mundo metropolitano.

O mundo metropolitano é o mundo da equivalência e da reciprocidade entre “nós”, aqueles que são, tal como “nós”, integralmente humanos. Existem iniquidades sociais e de poder entre “nós” que são suscetíveis de criar tensões e exclusões; contudo, em caso algum põem em questão a “nossa” equivalência e a reciprocidade básicas. Por essa razão, tais exclusões são não abissais. (SANTOS, 2019, p. 43)

[...] o mundo colonial, o mundo da sociabilidade colonial, é o mundo do “eles”, aqueles relativamente aos quais é inimaginável a existência de qualquer equivalência ou reciprocidade, uma vez que não são totalmente humanos. Paradoxalmente, a exclusão é ao mesmo tempo abissal e inexistente, já que é inimaginável que possam alguma vez vir a ser incluídos. Estão do outro lado da linha abissal. As relações entre “nós” e “eles” não podem ser geridas pela tensão entre regulação social e emancipação social, como acontece desse lado da linha [...]. Do outro lado da linha as exclusões são abissais e a sua gestão ocorre através da dinâmica de apropriação e violência; a apropriação das vidas e dos recursos é quase sempre violenta, a violência visa, direta ou indiretamente, à apropriação. (SANTOS, 2019, p. 43)

Para o autor essa diferenciação é fundamental, tanto pela emergência que requer no seu tratamento, quanto por um posicionamento político, já que, segundo ele, as exclusões não-abissais possuem maior visibilidade, e também “já foram objeto de muito investimento cognitivo” (p. 44), o que por um lado atenuou algumas exclusões não-abissais, mas também agravou algumas exclusões abissais.²⁵

No entanto, não atribui nenhuma valoração quanto a importância da luta contra as duas formas de exclusões, abissais e não-abissais, reconhecendo que “[...] as exclusões abissais e não-abissais funcionam em articulação e que a luta pela

²⁵ Para exemplificar este fato, o autor argumenta: “Durante todo século XX, as lutas dos trabalhadores europeus lograram importantes vitórias, que implicaram um compromisso entre democracia e capitalismo conhecido como Estado-providência europeu e a social-democracia; contudo, essas vitórias foram obtidas, pelo menos em parte, através da intensificação da apropriação violenta de recursos humanos e naturais nas colônias e neocolônias, ou seja, à custa do agravamento das exclusões abissais” (SANTOS, 2019, p. 47).

libertação só será bem sucedida se as várias lutas contra os vários tipos de exclusões forem devidamente articuladas” (p. 44).

Além disso, o autor também chama atenção para a coexistência desses dois mundos, metropolitano e colonial, argumentando que, apesar de radicalmente diferentes, é possível que sejam ambos experienciados por grupos sociais na vida cotidiana. Boaventura apresenta três exemplos de situações em que esse trânsito acontece. Trago, então, apenas o primeiro, por falar da escola, e também do preconceito racial, que fazem parte desta pesquisa.

[...] numa sociedade predominantemente branca e com preconceito racial, um jovem negro que estuda numa escola secundária vive no mundo da sociabilidade metropolitana. Pode considerar-se excluído, quer porque os colegas por vezes o evitam ou porque o plano de estudo contém matérias que são insultuosas para a cultura ou a história dos povos afrodescendentes. No entanto, tais exclusões não são abissais, pois ele faz parte da mesma comunidade estudantil e, pelo menos em teoria, tem ao seu dispor mecanismos para argumentar contra tais discriminações. Entretanto, quando esse jovem, de regresso à casa, é interceptado pela polícia visivelmente apenas porque é negro (*ethnic profiling*) e é violentamente espancado, está cruzando, nesse momento, a linha abissal e passando do mundo da sociabilidade metropolitana para o mundo da sociabilidade colonial. A partir daí a exclusão é abissal e qualquer invocação de direitos não é mais que uma cruel fachada. (SANTOS, 2019, p. 45)

Portanto, a principal diferença entre essas duas linhas está no modo como os sujeitos que as habitam são vistos por quem está do outro lado delas, sendo os habitantes do lado colonial das linhas abissais seres sub-humanos, como segue.

A diferença crucial entre exclusão abissal e não-abissal reside no fato de a primeira assentar na ideia de que a vítima, ou o alvo, sofre de uma *capitis diminutio* ontológica por não ser totalmente humana, por ser um tipo de ser humano fatalmente degradado. (SANTOS, 2019, p. 46)

Pensando na escola, a distinção dessas linhas se faz necessária, uma vez que também é parte da sociedade que pode abrigá-las e gerá-las. No entanto, optaremos por adjetivá-las de acordo com as sensibilidades que emergem conforme elas nos tocam, nos esbarram, nos amarram, nos machucam, Podem ser linhas abissais ou não-abissais em lugares-escola, que muitas vezes se confundem e nos confundem por suas sutilezas.

São percebidas a luz da certeza de que puxar algumas de suas partes para essa dissertação, não significa compreender a sua totalidade, nem quando e onde começam ou terminam, mas também de que podem estar amarradas, a alguns outros fios, na grande meada que a escola, como todos os seus encontros em nós.

Neste exercício de tentar percebê-las (*aquilo que Boaventura disse ser o primeiro passo para ultrapassá-las, e que damos conta no momento*), abaixo encontram-se alguns excertos de falas dxs alunxs, da pesquisadora, do orientador, dxs colaboradorxs, e quem sabe suas, de algumas dessas linhas que esse lugar-escola, formado a partir das interações aqui propostas, habita e abriga.

Vale lembrar que, durante os outros capítulos, outras linhas apareceram (*como aquela linha parêntese que, se aparecesse aqui, seria chamada de linha-arame farpado ou como a linha de anzol*). No entanto, optamos por não as trazer novamente para não cairmos na armadilha de enfatizá-las, já que uma das propostas das epistemologias do Sul também é superar a construção dicotômica entre colonizador/colonizado, ou entre quem está deste lado da linha e do outro lado da linha.

Uma linha de contenção...



“Qual foi o local da escola que deram medo em vocês?” - perguntou uma aluna.

“Diretoria” - a sala respondeu, quase em um coro.

“E a sala dos professores” - alguém lembrou.

“Então, a gente pode tentar pensar juntos, nas perguntas, uma por uma, pra gente traçar algumas coisas que vocês gostariam de filmar” - eu disse, quando xs alunxs pareciam não saber por onde começar

“O ?????? vai anotar” - disse um aluno, mencionando um nome que já não me recordo mais.

“Tem algum espaço da escola que você sente medo?” - Li então a pergunta, que estava no papel.

“A diretoria e a sala dos professores” - um aluno respondeu.

“Só vamos lá quando algo de ruim acontece” - outro aluno balbuciou.

“Eu não sei como vou fazer uma análise do que a gente produziu aqui.” - Comentei com Paola, dentro do carro, no caminho de volta para Campo Grande.

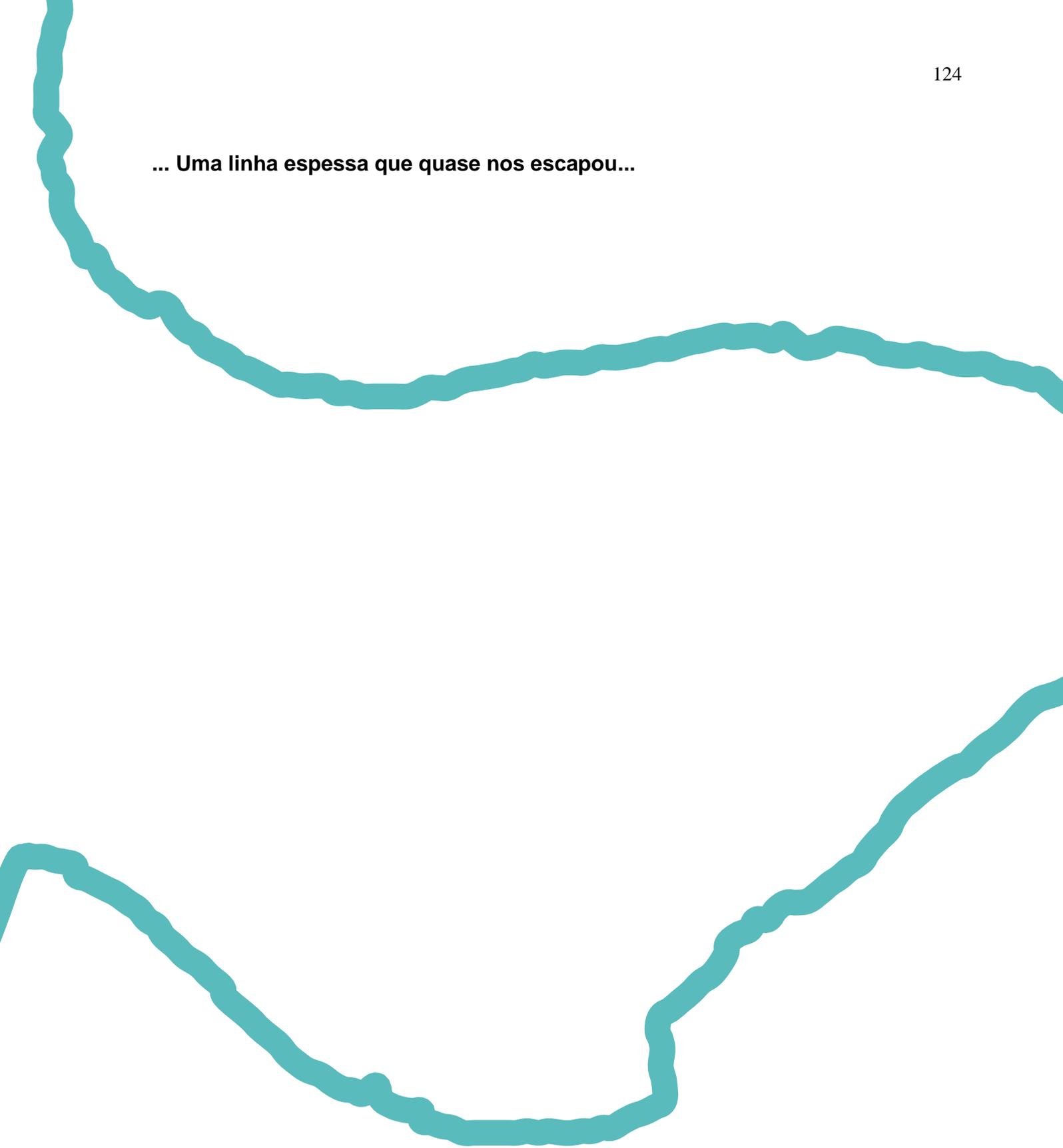
“Tem muita coisa pra falar. Por exemplo, no grupo de filmagem que eu estava, quando eles foram entrar na sala da diretoria, o aluno que estava filmando fazia um movimento, com a mão que segurava a câmera, que parecia um leve tremor. Eu falaria sobre isso.” - Apontou Paola.

...Uma linha-tarja que carrego escondida comigo...



Qual o tamanho da soberba que cabe nessa linha?

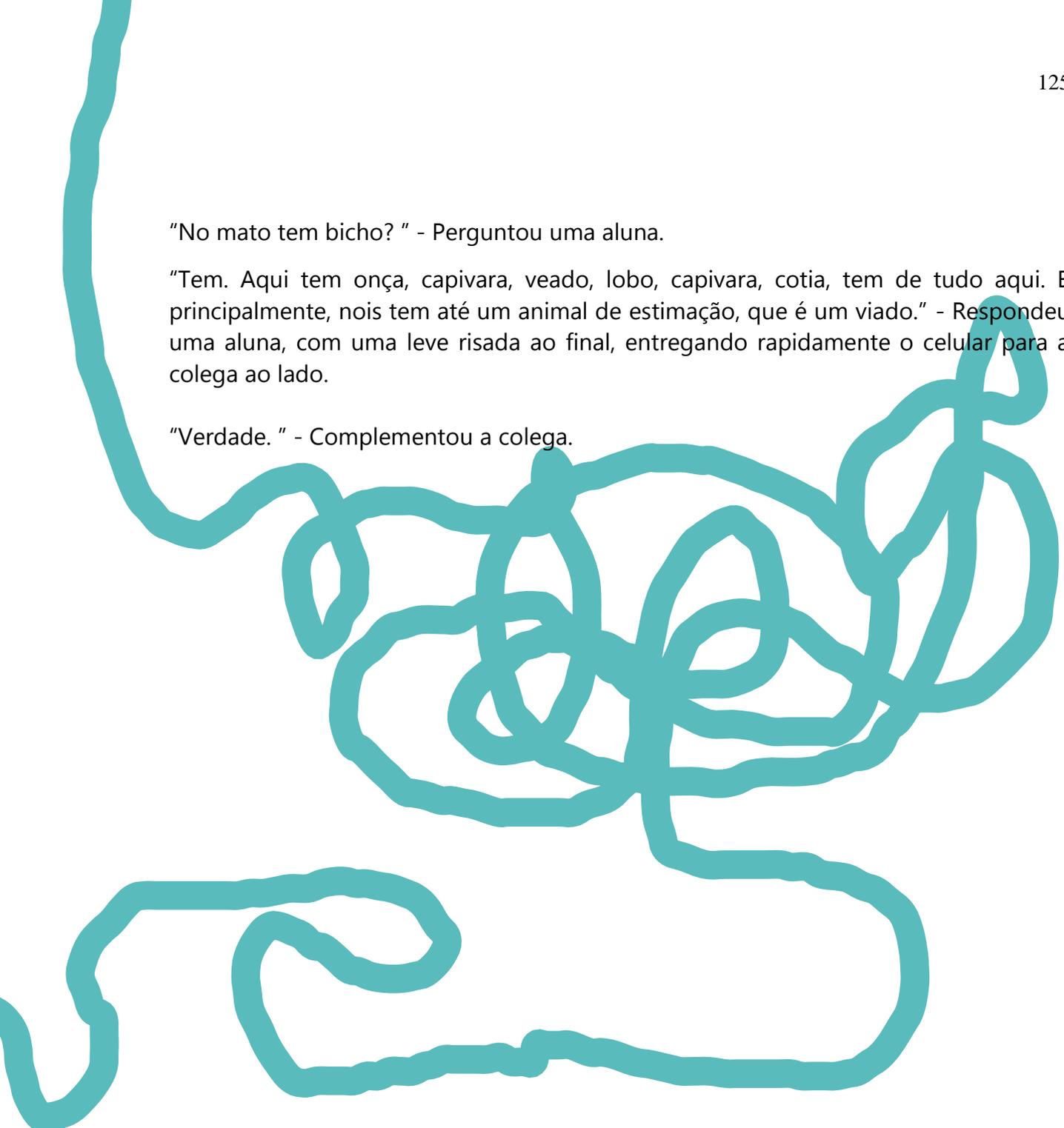
... Uma linha espessa que quase nos escapou...



"No mato tem bicho?" - Perguntou uma aluna.

"Tem. Aqui tem onça, capivara, veado, lobo, capivara, cotia, tem de tudo aqui. E principalmente, nois tem até um animal de estimação, que é um viado." - Respondeu uma aluna, com uma leve risada ao final, entregando rapidamente o celular para a colega ao lado.

"Verdade." - Complementou a colega.



...Uma entre-linha...

“Eu vejo que vocês são bem felizes juntos. Vocês são felizes aonde vocês vivem?” - Uma aluna perguntou, a partir do vídeo produzido.

“Sim, e muito, ein... Você quer vir morar pra cá?” – Respondeu

uma aluna

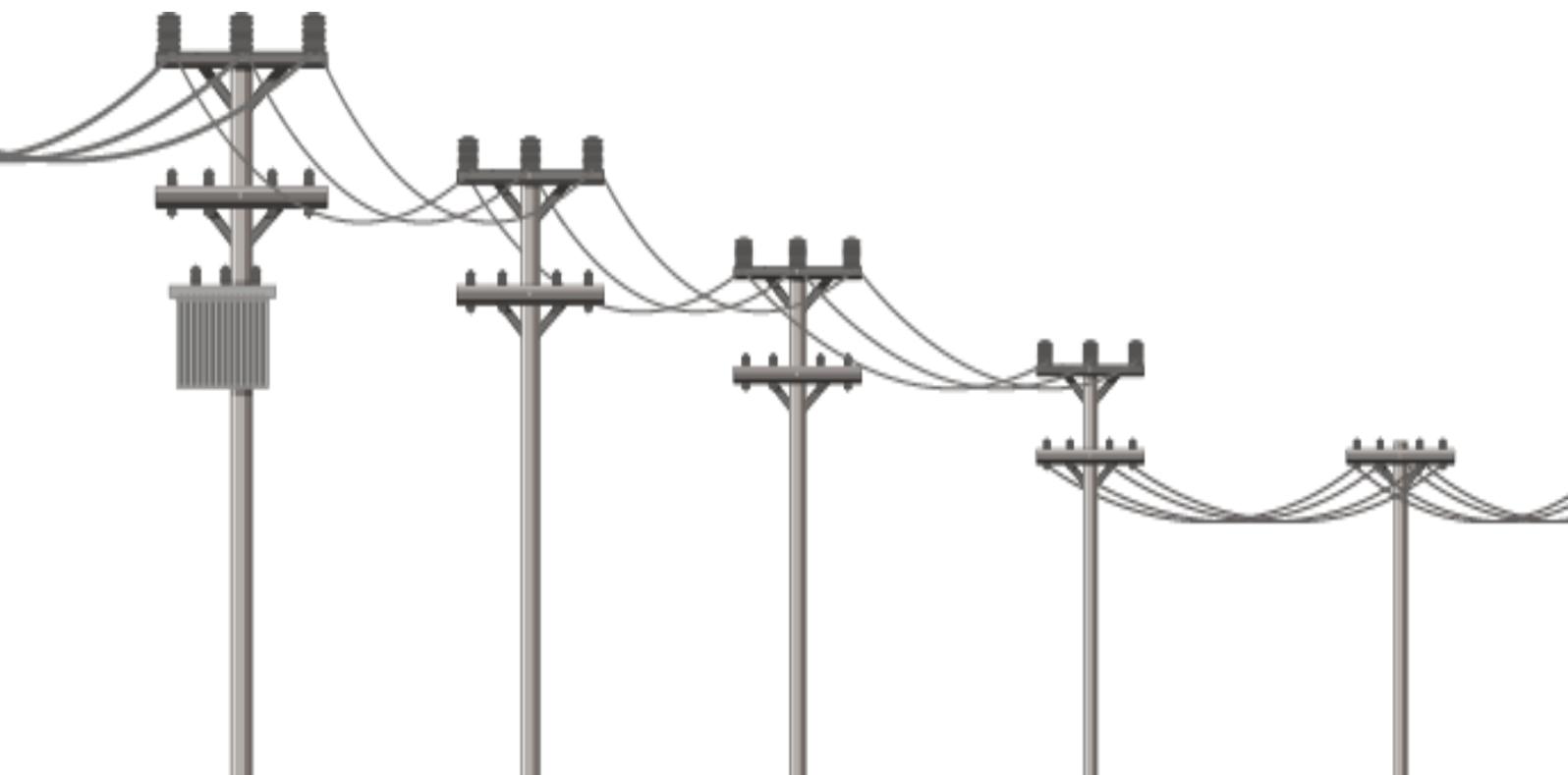
em tom

de ironia.

... ~~UMA~~ ~~LINHA~~ FIO DE ALTA TENSÃO...

“Viola, tenho pensado em algumas linhas aqui. Mas acho que vai ser difícil encontrarmos linhas na escola Zumbi dos Palmares” - disse, em minha primeira reunião de desorientação, pós-qualificação

“Talvez essa seja a própria linha” - respondeu, desorientando-me.



... Uma linha geométrica...

“Qual diferença vocês notaram pra nossa escola?” - Pergunta uma aluna, para xs alunxs da outra escola.

“Parece maior a escola, mas poucos alunos”

“A comida de vocês parece ser *mais* gostosa”

“A localização em si e o tamanho da escola”

“Vocês têm comida no forno a lenha”

“Vocês podem mexer no celular, usar fone, usar boné, usar kenner”

“A escola de vocês parece ser *bem maior*, e o feijão parece ser *bem melhor*”

“Lá tem ar, aqui não. Aqui nois fica no calor e dane-se”

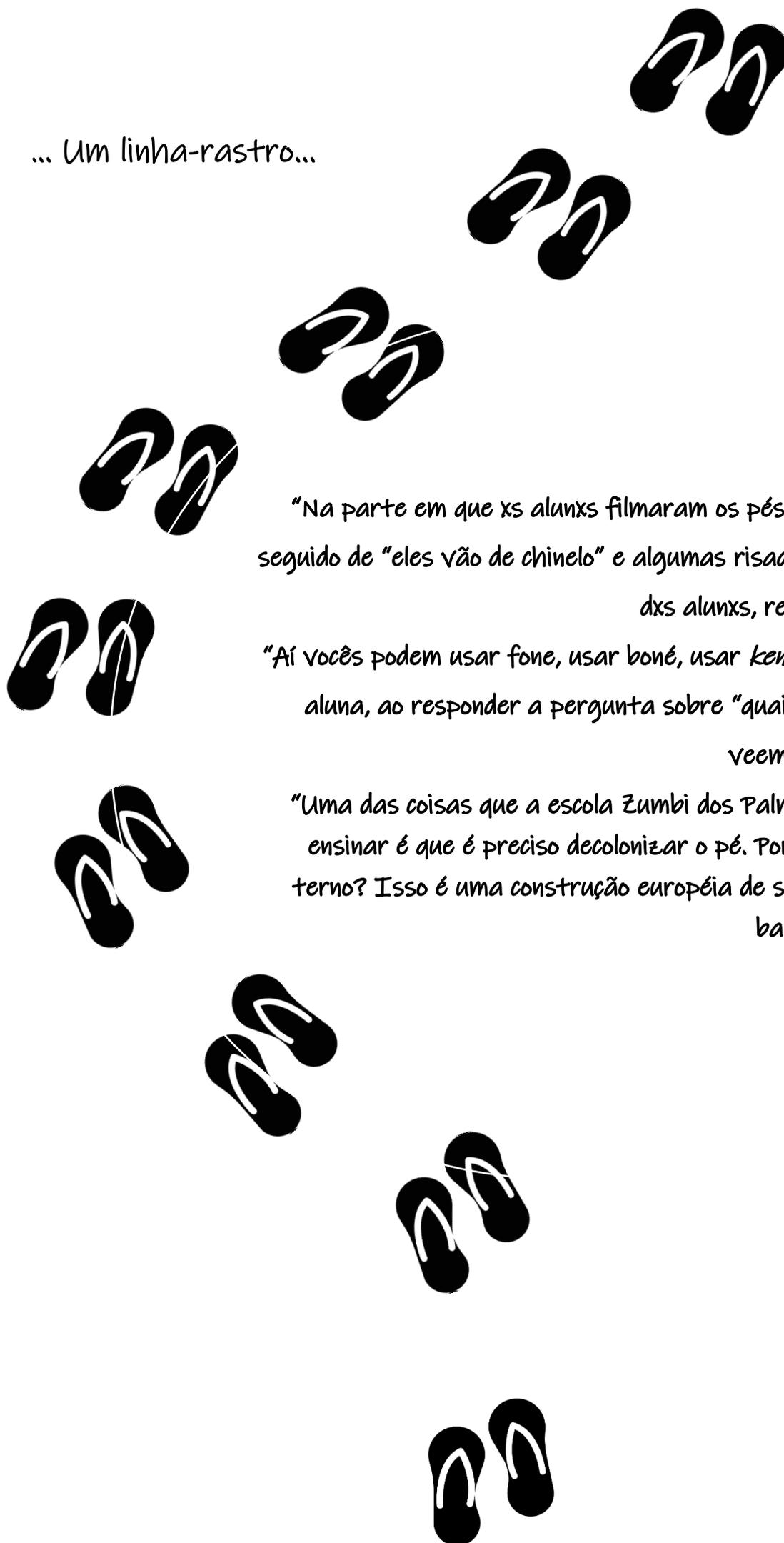
“Aqui tem muito *mais* alunos”

“Eu percebi que fora da escola de vocês o chão é de terra e tem bastante árvore”

Vocês conseguem enxergar o céu.

A diferença do céu de vocês pro nosso é que o de vocês é mais limpo, e tem árvores. Aqui a gente tem muita poluição.

... Um linha-rastro...



"Na parte em que xs alunxs filmaram os pés, eu ouvi um "eca", seguido de "eles vão de chinelo" e algumas risadas." (Comentários dxs alunxs, retirado da Cena 2)

"Aí vocês podem usar fone, usar boné, usar *kenner*..." - Disse uma aluna, ao responder a pergunta sobre "quais diferenças vocês veem da nossa escola?"

"Uma das coisas que a escola Zumbi dos Palmares tem pra nos ensinar é que é preciso decolonizar o pé. Porque executivo usa terno? Isso é uma construção européia de séculos." - Filipe, na banca de qualificação

... EXPERIMENTE COLOCAR SUAS LINHAS NESSE ESPAÇO...

CRÉDITOS

Direção final

(Insira seu nome aqui)

Edição de texto

Bruna Letícia Nunes Viana

João Ricardo Viola dos Santos

Desorientar não é para qualquer umx. Exige confiar, exige deixar, exige exigir. Faz parte tentar provocar vertigens quando o mar parece estar calmo, mas também indicar alguns portos (que parecem) seguros para nos ancorarmos quando parecemos perdidxs. Você tem feito isso comigo há alguns anos... sete, para ser mais exata. Ser desorientada por você, no mestrado e na vida para além dele, me faz muito feliz.

Edição de Roteiro e Execução

Vivian Nantes Muniz Franco

Você acreditou, quando eu duvidei, e não foram poucas vezes. Você soube me acalmar, quando eu (poser que sou) precisei. Mas mais do que isso, você sempre esteve aqui, com sua sensatez, para dizer o que eu precisava ouvir, ainda que isso não fosse o que eu queria ouvir.

Julio Cesar Paro e Estéfano Rogério Santana Oliveira

Um irmão que a (des)orientação me deu. Me ajudando e me dando todo o suporte necessário que se requer quando temos um pai presente-ausente-viajante. Obrigada pelos conselhos quase sempre acompanhados de caipirinhas, e também por ter trazido para nossos encontros o Estéfano, que trouxe excelentes considerações para elaboração do roteiro.

Paola Amaris Ruidiaz e Yadira Ansoar Rodriguez

Para além de toda ajuda de roteiro e execução (que não foi pouca, desde leituras, até reuniões de discussões, e colaboração de filmagem e fotografia), à Paola deixo o meu agradecimento pelo abraço sempre caloroso, que me entendia sem nem mesmo dizer uma palavra, e por ter trazido para essa pesquisa a ajuda de Yadira, com seu cuidadoso olhar-fotógrafa.

João Ricardo Viola dos Santos

Ajudas e(m) Pitacos

Angela Maria Guida

Quando eu penso sobre o futuro, e sobre quem eu gostaria de me tornar, eu me pego imaginando ser alguém como a professora-pesquisadora-mulher que você é. Essa admiração nasce dos saberes compartilhados nas aulas, e passa pelas conversas para além delas, trocas de e-mails, e todo o cuidado necessário para gestar relações tão humanas quanto as que a academia requer. Obrigada!

Filipe Fernandes

Obrigada pelo olhar enviesado dedicado a este trabalho, que transpassou a escrita e nos ajudou a pensar com você e com os lugares-escola aqui produzidos.

Julio, Vivian, João Pedro, Paola, Viola, e...

Corpos-câmeras

Ana Paula Amorim Martins

Ewerton Maldoso 'h

Jullya

Fabyh Grance

Ana Borges

Julio

Giovane oliveira

Giovanna Lorryne

Joao Nogueira

Kauê Espindola Reichel

Rhégis Pereira Bonito.

sadoque steban

Matheus

Thaissa de Lima Rodrigues

Bruna

Lourenço da Silva

José Mike

José Vitor dos Santos Passos

Yadira

João Davi

Victor

Vitor Flores

João Nogueira

Vinícius

Heloisa Baez

Abner Danilo Mendonça de Lima

Mah Catarinelli

Leh Gauna

Elias Maldoso!h

Helena Silva

Maria Rita

Vivian

Lanis gata

Débora

Raissa Theodoro

Cristóvão

Paola

Heverton

Jenifer Vitória Silva

Suellen Almeida

Monique Rodrigues

Eduardo Ticolé

Melanie

Tamires

Enzo

Lucas

José Mike

Eduarda

Obrigada por construir e partilharem comigo seus lugares-escola. Com vocês aprendi muito.

Agradecimentos outros

Agradecer me parece estar próximo do que eu faço quando eu olho para o quintal de casa. Às vezes eu reparo apenas em algumas flores. Às vezes, eu relembro o momento em que algumas sementes foram plantadas. Às vezes sinto o cheiro de algumas plantas. Às vezes vejo os pássaros que por ali estão, e seus bateres de asas, ao irem embora. Às vezes faço um pouco de tudo isso, e nada disso. Como em um jardim, essa dissertação também foi cultivada por muitas mãos, ainda que muitas vezes essas mãos eram as mãos que me traziam um copo de água, em dias muito quentes, enquanto eu mexia na terra. Agradecer à essas mãos é uma (im)possibilidade: dizer a algumas delas o que a nossa rotina nos impede, o quanto elas fizeram e fazem parte disso tudo; mas também deixar de mencionar várias outras mãos que mexeram nos vários canteiros que aqui se encontram, e a estas últimas, peço desculpas de ante-mão; também existem as mãos que plantam sementes que nunca florescem, mas que certamente servem para compor o substrato, e a elas deixo o meu primeiro (e não mais importante) obrigada: devo muito a todxs que não amo.

Às minhas raízes, as quais eu também costumo chamar de família: **Marlene** - minha mãe. Eu aprendo com você mais do que qualquer escola pode me ensinar. Me ensinou, e ainda me ensina, todos os dias. Com você eu aprendi que ser mulher é ser aquilo que escolheram para mim, antes mesmo de você ter escolhido meu nome. Mas também aprendi que ser mulher, é lutar para não ser aquilo que escolheram para mim, antes mesmo de você escolher meu nome. Você é a minha maior referência feminista e de vida, especialmente quando lembro as transformações pelas quais você passou e passa, sempre com seu desejo de entender e aprender. O meu obrigada não é suficiente, por isso te dedico todo o meu amor; **Adão** - meu pai. Convivendo com você eu aprendi muitos exemplos do que ser, e muitos exemplos do que não ser. Muita coisa mudou ao longo de nossas vidas, mas deposito enorme felicidade em perceber que a sua maneira de ver o mundo também está mudando. Espero que continuemos sempre assim: a mudar, juntos; **Paulo** - meu irmão. Poucas vezes eu disse isso, mas você é muito importante para mim. Obrigada por fazer parte da minha vida e por ter me feito tia, por sinal muito babona, do nosso **Gabriel; Larissa e Tia Lena** - minha prima-irmã e mãe de Brasília. Obrigada por sempre me apoiarem, até quando isso envolveu estar

distante de vocês, para fazer esse mestrado. Vocês sempre acreditaram em mim, até mesmo quando eu desacreditei.

Às mãos que uma vez minha mãe me dissera ser um presente de Deus para mim: as pessoas especiais que me cercam, xs amigxs que tenho. Eu, que não acredito em Deus, concordo com a minha mãe quando penso no que vocês representam na minha vida, e no que eu estou me tornando (sempre gerúndio) com vocês nela. Seja sorte, seja Deus, seja destino, ou o que quer seja, vocês estão aqui, me tornando essa(s) pessoa(s) e, por consequência, também compondo essa pesquisa. Carrego muito de vocês comigo, e por isso não poderia deixar de colocar seus nomes: **Deivid e Edna** - a família que eu fiz em Brasília; **Endrika, Janielly, Vivian, Bárbara e Giovana** - as fofinhas, que estão comigo desde o início da nossa caminhada no curso de graduação, em 2012, às duas primeiras por, além da amizade, também terem topado participar como operadoras de câmera, e à última pelas leituras, discussões acalouradas e por toda toda disposição dedicada a mim; **Deborah, Jéssica Lúcia e Kaena** - as flores de cera (e se alguém me perguntar o porquê de chamá-las assim, jamais vou contar), minhas amigas há quase 12 anos, que entendem minhas ausências e que estão sempre torcendo por mim, ou me dando suas meias para me aquecer do frio hehehe; **Julio e João Pedro** - os profanos do MCS, pelas nossas reuniões itinerantes para discutir o modelo; todxs xs faenzianxs (integrantes do **FAEM** - Grupo de Pesquisa em Formação, Avaliação e Educação Matemática), em especial **Alonso e Fernanda**, por terem me ajudado na escola Padre José Valentim, e **Edivagner**, por ter possibilitado o primeiro diálogo com a escola Zumbi dos Palmares; **Lu** - a dona do sorriso mais acolhedor que já conheci, nas dependências do antigo PPGEdumat, por todas as nossas conversas de corredores; **Carlos** - por ter me salvado inúmeras vezes dos tão temidos prazos, com toda sua paciência; **Cleberson** - pelas nossas conversas-sessões que me permitiram olhar para mim e perceber muitas coisas, mas que, principalmente, minha vida não é uma equação; **Profs Edilene, Luzia, Marcio, Thiago, Suely, Marilena, Cláudia, Angela, Zé Luiz, Cida** e todxs xs outrxs profs que tive ao longo da vida; **Leíner** - por ter me ensinado a povoar as palavras com coisas minhas; **Diogo** - uma das pessoas mais inteligentes que já conheci. Não sei se eu te agradeço mais por todas as caipirinhas que tomamos juntos ~~e que~~

~~me ajudaram a terminar essa dissertação~~, ou por toda ajuda técnica e artística que você me deu. Na dúvida, não vou te agradecer por nenhuma delas, mas sim pela sua *péssima* amizade, cheia de sentimentalismos “bobos”, e que eu já não sei mais viver sem.

Obras citadas

BELEZZA, E. O. **Desacostumar os olhos**: experimentando (em) vídeos/espacos/poesias. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014, 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

CAUX, C. A lua e o outro lado da terra: menstruação, concepção e gestação entre as araweté. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 9-36, ago. 2018.

GORDON, L. R. Decadência disciplinar e a de(s)colonização do conhecimento. *Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu, PR, v.1, n.1, 2017. p.110-126.

ITU - International Telecommunication Union. Measuring digital development: Facts and figures 2019. 2019. Disponível em: <<https://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/facts/FactsFigures2019.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

LINS, R. C. Por que discutir Teoria do Conhecimento é relevante para a Educação Matemática. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa em Educação Matemática: Concepções e Perspectivas**. Rio Claro: Editora UNESP, 1999. p. 75 – 94.

_____. O Modelo dos Campos Semânticos: estabelecimentos e notas de teorizações. In: ANGELO, C. L. et. Al. (Orgs.). In: **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história**. São Paulo: Midiograf, 2012. p. 11 – 30.

MIGLIORIN, C. et al. **Inventar com a diferença**: cinema e direitos humanos. Editora da UFF, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Azougue Editorial, 2015.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.32. n.94. p.1-18. jun. 2017a.

_____. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*. Foz do Iguaçu-PR, v.1, n.1, p.12-32, 2017b.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p.117-142.

ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; WUNDER, Alik. Políticas e Poéticas do Acontecimento: do silêncio a um risco de voz. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 6, n. 1, p. 124-146, 2016.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p.23-71.

_____. **O fim do império cognitivo: as afirmações das epistemologias do Sul**. Autêntica, 2019.

SILVA, J. S. La pedagogía de la felicidad en una educación para la vida, el paradigma del "buen vivir"/"vivir bien" y la construcción pedagógica del "día despues del desarrollo". In WALSH, C. **Pedagogías decoloniales**. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Editora Abya-Yala: Ecuador, 2017. p.469-507.

SILVA, S. J. P. **For do quilombo: lendas e narrativas de Furnas do Dionísio**. Campo Grande: Letra Livre, 2004.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Autêntica, 2017.

UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development. **Informe sobre el comercio y el desarrollo 2018: el poder, las plataformas y la quimera del libre comercio**. 2018. Disponível em:

<https://unctad.org/es/PublicationsLibrary/tdr2018overview_es.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

WALSH, C. ¿Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. **Nómadas**. Colômbia, n. 26, p. 102-113, 2007.

Autorizações

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Isabel Oliveira Mesquita (nome completo), responsável pela/pelo aluna/aluno Geovane Oliveira Mesquita (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Estadual Zumbi dos Palmares e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola e contará também com a participação da coordenadora pedagógica Leila Aparecida da Silva e professores do Integral. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Jaraguari-MS, 15 de agosto de 2019.

Isabel Oliveira Mesquita

(Assinatura do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Elaine dos Santos Benites (nome completo), responsável pela/pelo aluna/aluno José Victor dos Santos Passos (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Estadual Zumbi dos Palmares e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola e contará também com a participação da coordenadora pedagógica Leila Aparecida da Silva e professores do Integral. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Jaraguari-MS, ____ de agosto de 2019.

Elaine dos Santos

(Assinatura do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Nera Lucia Rodrigues dos Santos (nome completo), responsável pela/pelo aluna/aluno Manoel Rodrigues de Jesus (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestranda Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Estadual Zumbi dos Palmares e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola e contará também com a participação da coordenadora pedagógica Leila Aparecida da Silva e professores do Integral. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Jaraguari-MS, 14 de agosto de 2019.

Nera S.R. dos Santos

(Assinatura do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Maria de Lourdes Cheodoro (nome completo), responsável pela/pelo aluna/aluno Raissa Cheodoro Martins (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestranda Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Estadual Zumbi dos Palmares e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola e contará também com a participação da coordenadora pedagógica Leila Aparecida da Silva e professores do Integral. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Jaraguari-MS, 14 de agosto de 2019.

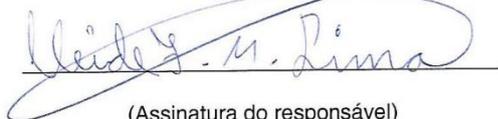
Maria de Lourdes Cheodoro

(Assinatura do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Leide Ferreira de Mendonça de Lima (nome completo), responsável pela/pelo aluna/aluno Abner Danilo de Mendonça de Lima (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Estadual Zumbi dos Palmares e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola e contará também com a participação da coordenadora pedagógica Leila Aparecida da Silva e professores do Integral. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Jaraguari-MS, 14 de agosto de 2019.



(Assinatura do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Gustiane da Silva Viira Pereira (nome completo), responsável pela/pelo aluna/aluno Sadique Stevan Viira Pereira (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestranda Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Estadual Zumbi dos Palmares e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola e contará também com a participação da coordenadora pedagógica Leila Aparecida da Silva e professores do Integral. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Jaraguari-MS, ____ de agosto de 2019.

Gustiane da Silva Viira Pereira

(Assinatura do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Michely Cristina Silva Carlos Gonçalves (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Melanie Cristina Carlos Gonçalves (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestranda Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, 09 de agosto de 2019.

(Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Cecilia de Lucena Borges (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Praciana de Lucena Borges (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, 31 de agosto de 2019.

Cecilia de Lucena Borges

(Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Wesley de A. Gomes (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Maria Eduarda Catanelli Gomes (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, 30 de agosto de 2019.

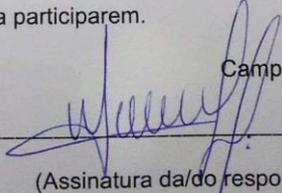
Wesley de A. Gomes

(Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Warley Wagner Mateus Ribeiro (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Felipe da Silva Ribeiro (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestranda Bruna Leticia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

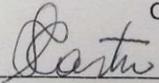
Campo Grande-MS, 30 de agosto de 2019.


 (Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Leomack Rondon (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Maria Eduardo S. Rondon (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestranda Bruna Leticia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, 09 de agosto de 2019.

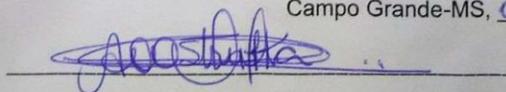

 (Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

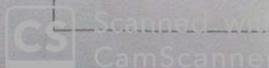
Eu, Aline Ortega Ostudka (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Geniffer Ostudka Gomes (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, 02 de agosto de 2019.

SETEMBRO



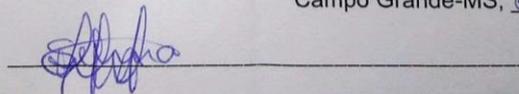
(Assinatura da/do responsável)



AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Selma Bracio (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Ednarda Gzaques (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, 04 de agosto de 2019.



(Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Laura Roriz Silva (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Enzo Roriz (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, ____ de agosto de 2019.

Laura Roriz Silva

(Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Leon Carlo Bonteri (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Gabriel Costa Bonteri (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, 02 de agosto de 2019.

Leon Carlo Bonteri

(Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Celine Bergarid Pasqual (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Emilly Gonçalves (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, ____ de agosto de 2019.

Celine Bergarid Pasqual

(Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Rosemairi Dos Santos Ribeiro (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Tamiris Dos Santos Ribeiro (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestrandia Bruna Letícia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, 29 de agosto de 2019.

Rosemairi Dos Santos Ribeiro

(Assinatura da/do responsável)

AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA NA ESCOLA

Eu, Luiz Carlos River de Lima (nome completo), responsável legal pela/pelo aluna/aluno Letícia Honorato do Nascimento (nome completo), autorizo o/a aluno/aluna a participar da pesquisa de mestrado intitulada CONVITE AO ENCONTRO: PRODUZINDO ESCOLAS, PERGUNTAS, E... , com coordenação do Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS) e da mestranda Bruna Leticia Nunes Viana (UFMS). A pesquisa se desenvolverá na Escola Municipal Padre José Valentim e envolverá a produção de vídeos, juntamente com as alunas e alunos do 8º e 9º ano, em que pediremos para que filmem alguns aspectos da escola. Esta pesquisa se compromete a obedecer às disposições éticas de proteger os participantes da pesquisa, agir em conformidade com as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, nos termos estabelecidos na Resolução CNS. Nº 466/2012, assim como não trazer nenhum prejuízo aos alunos e alunas autorizados a participarem.

Campo Grande-MS, ____ de agosto de 2019.

Luiz Carlos River de Lima

(Assinatura da/do responsável)



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE
ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCACAO

OFÍCIO N. 3.411/CEFOR/SEMED

Campo Grande, 23 de julho de 2019.

Prezado Senhor:

Em resposta à solicitação dessa Universidade, pela qual se requer autorização para Bruna Letícia Nunes Viana realizar a pesquisa "Um convite ao encontro: experimentações e narrativas com alunas e alunos em lugares-escolas outros", na qual serão desenvolvidas oficinas com produções de vídeos do ambiente escolar pelos alunos da Escola Municipal Pe. José Valentim, informamos parecer favorável.

Ainda, para início do trabalho, é necessário apresentar-nos o protocolo de solicitação ao Comitê de Ética em Pesquisa/CEP e proceder aos esclarecimentos sobre o projeto aos professores e às famílias dos discentes, com apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos responsáveis legais dos alunos.

Ressaltamos que as atividades deverão ser acompanhadas pela coordenação e/ou direção da escola a ser pesquisada, e que uma cópia deste ofício deverá ser entregue às escolas selecionadas.

Outrossim, depois da conclusão das atividades, que seja disponibilizada uma cópia do trabalho completo, segundo as normas da ABNT, preferencialmente encadernada, para compor o acervo da biblioteca desta Secretaria, a ser entregue na CEFOR.

Para os acordos necessários, estabelecer contato com o diretor da escola a ser pesquisada.

Atenciosamente,


Elza Fernandes Ornelhado
Secretária Municipal de Educação

Ao Sr. João Ricardo Viola dos Santos
Professor - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS - Instituto de
Matemática
- Campo Grande - MS

ONCIETO SEVERO MONTEIRO, 460 - VILA MARGARIDA - CEP: 79023200 - Fone: (67)3314-3800 - E-mail: semed.gab.cg@gmail.com



949366208aa73eaf644a4edf879f6102f438ac56



O QUE SÓ VOCÊ VÊ NA SUA ESCOLA?

ENCONTROS, ALUNXS, CENAS, E...



SINOPSE

A história se passa em Mato Grosso do Sul (também bem aí onde você está), no ano de 2019 (mas talvez bem antes) quando uma pesquisadora em formação decide aventurar-se em duas escolas da rede básica de ensino: a escola rural quilombola Zumbi dos Palmares, em Jaraguari-MS, e a escola urbana Padre José Valentim, em Campo Grande-MS. Nessa aventura, ela propôs aos alunxs dessas duas escolas interações compondo perguntas e respostas a partir da troca de alguns vídeos e fotos que foram feitas sobre e a partir de seus lugares-escola. Essas produções imagéticas e fílmicas foram construídas em uma tentativa da pesquisadora de estar junto com esses alunxs em um processo de (re)invenção dos lugares-escola de cada um. Assim, como em passos de uma dança vertiginosa essa história apresenta (e se propõe provocar) alguns vacilos, incluindo fissuras de verdades, que vão acontecendo conforme a pesquisadora produz significado para algumas coisas que perpassam sua aventura, como os pensares/fazeres/saberes decoloniais que a ajudam a estar com esses alunxs para além de uma lógica branca, cristã, masculina, eurocêntrica, etc., permitindo-a ver/sentir algumas das verdades que elxs têm para contar.

Palavras-chave: lugares-escola; decolonialidade; modelo dos campos semânticos; educação matemática.

CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA



*violências epistêmicas e epidérmicas
conteúdos violentos e vertiginosos
mortes fissuras de verdades*

